

Pe. G. COURTOIS

A ARTE DE EDUCAR AS CRIANÇAS DE HOJE

TRADUÇÃO DE
W. L.

CAPA DE
PAULO LOPES DOS SANTOS

5.^a edição

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

1 9 6 4

Livraria **AGIR** *Editôra*
RIO DE JANEIRO

Copyright de
ARTES GRÁFICAS INDUSTRIAS REUNIDAS
(AGIR)

Título do original francês
L'ART D'ÉLEVER LES ENFANTS D'AUJOURD'HUI

Publicado pela
ÉDITIONS FLEURUS — Rue de Fleurus, 31-33 — PARIS

Nihil obstat
Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1957
P. A. Negromonte
Censor

Pode imprimir-se
Rio, 28 de fevereiro de 1957

Mons. Carneiro
Vigário-geral

Livraria **AGIR** *Editôra*

Rua Bráulio Gomes, 123
(ao lado da Bibl. Mun.)
Tel.: 34-8390
Caixa Postal 6040
São Paulo, S. P.

Rua México, 88-B
Tel.: 42-427
Caixa Postal 3791-ZC-00
Rio de Janeiro
Guanabara

Av. Afonso Pena, 919
Tel.: 3-3038
Caixa Postal 733
Belo Horizonte
Minas Gerais

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "AGIRSA"

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

INTRODUÇÃO

9

I

VOSSA MISSÃO

1. Vossa missão é bela	13
2. Vossa tarefa é difícil	15

II

CONDIÇÕES DE ÊXITO

3. Antes do nascimento	21
4. A partir do nascimento	23
5. Conhecer o compreender a psicologia do vosso filho	30
6. Criar um clima de confiança	34
7. Criar um clima de afeto viril	39
8. Criar um clima cristão	44
9. Conservar a calma e o domínio de si mesmo	47
10. Dar o exemplo	52
11. Mostrar constância e continuidade	55
12. Ter medida e ponderação	58
13. Ser e parecer unidos	62

III

EXERCÍCIO DA EDUCAÇÃO

14. A arte de se fazer obedecer	69
15. A arte de repreender	80

16. A arte de punir	85
17. A arte de encorajar e de recompensar	91
18. A educação da consciência	95
19. A educação do senso religioso	99
20. A educação da vontade	109
21. A educação do bom-humor	116
22. A educação da lealdade	121
23. A educação do senso da justiça	131
24. A educação do respeito e da polidez	135
25. A educação da ordem	140
26. A educação da caridade	143
27. A educação da pureza	149

IV

ALGUNS PROBLEMAS PRÁTICOS

28. O espírito da família	159
29. A criança amuada	165
30. Problemas escolares	168
31. Lazer e distrações	173
32. Adolescência	178
33. Evolução do amor dos pais pelos filhos	182
CONCLUSÃO	187

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

INTRODUÇÃO

Este livro não é pretensioso. Não é tratado erudito. Não é teste de psicologia. Não é dissertação de pesquisa científica. Vejo daqui o ar de pouco caso de alguns amigos que freqüentam assiduamente os laboratórios de psicologia experimental e os círculos herméticos em que iniciados elaboram as conclusões possíveis de um teste de Rorschach ou de Murray...

Os trabalhos desses amigos possuem o maior interesse e longe de mim o pensamento de lhes desprezar a ciência. Algumas destas páginas muito lhes devem.

Mas este livrinho deve mais ainda à observação do comportamento dos pais relativamente aos filhos, à verificação de múltiplos erros de que os filhos, e também os pais, são últimas freqüentes.

Este livro se apresenta, pois, sob a forma de pequenos conselhos, cujo mérito outro não é senão o de terem sido experimentados positiva e negativamente por numerosas famílias pertencentes aos mais diversos meios.

Há, felizmente, pais que possuem intuição admirável do que é preciso ser e do que é preciso fazer "para ter êxito com os filhos". Muitos, entretanto, não têm esse dom inato, e se satisfazem com um empirismo elementar que amiúde culmina no desânimo e na abdicação da autoridade. Há, ainda, os que nem sequer pensam no problema e, durante um dia inteiro, praticam a contra-educação sem que mesmo disso se apercebam.

A educação é arte difícil e delicada, feita um pouco de ciência e de experiência, de muito bom-senso e, sobretudo, de muito amor.

Este livro não é simples coletânea de receitas como o de que vos servis, minha Senhora, para cozinhar um bom prato de domingo; nem código como o de que vos utilizais, meu caro Senhor, para conhecer vossos direitos e deveres em face da lei.

Este livro não é para ser lido de um só fôlego como um romance. Sua apresentação em frases soltas visou a facilitar-lhe a meditação. Abri-o ao acaso e encontrareis quase sempre um pensamento que vos obrigará a aprofundar um problema que até então apenas aflorastes.

"A arte de educar as crianças de hoje!" Muitas máximas e conselhos valem para todos os tempos. Mas, é preciso reconhecer que a criança atual está, mais do que noutras épocas, marcada por um contato prematuro com as realidades menos belas do mundo que a cerca. Cartazes, cinema, rádio, televisão, "slogans" publicitários, exemplos da rua e dos jardins públicos, ilustrados com violentas cores, se imprimem na sua alma.

Sua curiosidade se embota, sua confiança se perturba, seu espírito de independência se manifesta de maneira anárquica, os valores capitais traduzidos pelas palavras lealdade, autoridade, consciência, caridade, perdem a força, e chegam mesmo a se envilecer dolorosamente em muitos.

Mas, depende, precisamente, de educadores, e sobretudo de vós, pais, restaurar no espírito das crianças os valores capitais que essas velhas palavras exprimem. De vós igualmente depende guiar, através das evoluções aceleradas de um mundo frequentemente enlouquecido, o pequeno ser querido que, hoje como em todos os tempos, traz consigo tantas possibilidades, quer para o bem, quer para o mal.

A criança de hoje, como a de sempre, não continua a ser imensa esperança?

É por isso que, em vez de desencorajar, este livro é resolutamente otimista. Possa ele ajudar a todos que o lerem no sentido de melhor educarem os filhos, e que ajude também a educar os pais; porque, segundo o conhecido pensamento de RENÉ BENJAMIN, o segredo da arte de educar consiste, antes de tudo, em elevar-se para que também se elevem os que estão sob os nossos cuidados.

I

VOSSA MISSÃO

VOSSA MISSÃO É BELA

No pensamento de Deus, uma criança é um santo em flor. Querendo ou não, sois os colaboradores de Deus. Vós o fostes na obra admirável da "criação" dos vossos filhos. Deveis sê-lo também na obra de sua "educação", que não é menos bela.

● Educar vem de duas palavras latinas: *ex ducere*, tirar de, fazer brotar de. É extrair de uma criança, tanto quanto possível, com a sua colaboração cada vez mais consciente, à medida que cresce, um homem, um cristão, um santo; é, noutros termos, fazer resplandecer, com a graça do Senhor, a effigie do Cristo no seu rosto de homem.

● Não se fale de utopia. Se tivéssemos a fé como um grão de mostarda... Lembremo-nos das palavras de São Paulo sobre o ideal cristão: *Vivo, mas não sou mais que vivo, é o Cristo que vive em mim*,¹ e da afirmação deslumbrante de São João: *Chamam-nos filhos de Deus, e o somos*.²

● Os pais nunca devem ser orgulhosos: o orgulho esteriliza e desorienta; mas, eles têm o direito e o dever de ser ambiciosos, de possuir a ambição mais nobre que existe: ajudar seus filhos a realizar o que, no Seu plano de amor, Deus espera de cada um deles.

● Cada criança não realizará o mesmo papel. Cada uma, aliás, não recebeu o mesmo número ou a mesma natureza

¹ Gal. II-20.

² I S. João. III-1.

de talentos do seu irmão. Pouco importa. O essencial é que cada uma desenvolva os seus próprios dons. Não consistirá a educação, em primeiro lugar, na aprendizagem dessa valorização dos talentos recebidos?

● A criança é um “valor” de preço infinito confiado por Deus ao espírito, ao coração e às mãos dos pais, valor humano... valor divino... valor eterno...

● *Tôda alma que se eleva, eleva o mundo.*³ Grandeza e beleza do vosso papel? Preparar os fermentos que erguem o mundo e o ajudam a tornar-se melhor e mais feliz.

● Há uma graça específica dos pais para a educação dos filhos, e é normalmente por eles que Deus passa primeiro para lhes modelar o coração e o espírito.

● Há uma ação comum, insubstituível, do pai e da mãe, na educação dos filhos. São possíveis os suplementos de dedicações admiráveis. Qualquer, porém, que seja o valor ou a competência dessas dedicações, não ultrapassarão o papel suplementar, não valerão a influência conjugada do pai e da mãe para aquele que é carne de sua carne e no qual a sua unidade se encarna.

● Nada pode substituir a educação inicial dada pela família. É em grande parte porque os pais foram postos em minoria, durante o último meio-século, que eles próprios perderam a confiança na sua missão e nos seus direitos de educadores. É também porque muitos deixaram dissipar-se a noção de uma doutrina moral, que afinal se debilitaram na sua missão educadora.

● Não há ação mais salutar do que a que consiste em dar aos pais noção clara do esplendor de sua missão.

VOSSA TAREFA É DIFÍCIL

Vossa tarefa é difícil porque a criança é possibilidade tanto para o bem como para o mal. Nela, como em todo homem, há tendências más que é preciso neutralizar, e tendências boas que é preciso descobrir, suster, encorajar.

● Vossa tarefa é difícil porque se realiza muitas vâzes em duras condições. Para inúmeros pais a exigüidade de alojamento, as dificuldades de encontrar ajuda, os horários do trabalho externo, complicam singularmente a tarefa e roubam freqüentemente o tempo de pensar com calma nos problemas que tôda educação suscita. Eles se reduzem a agir sob a influência dos impulsos ou da rotina, deixam de surpreender-se quando perdem pouco a pouco a autoridade e mesmo — sem que se apercebiam — a confiança dos filhos.

● Vossa tarefa é difícil porque não há método nem receita infalível que sirva para tudo. Decerto, há princípios de bom-senso e de experiência que é preciso conhecer (tantos pais os ignoram!), mas cada criança é um caso isolado. Ainda mais, a criança é um contínuo transformar-se, e por conseguinte, para a mesma criança, ao número de anos corresponde o de outros tantos comportamentos diversos.

● Vossa tarefa é difícil porque nem sempre é fácil compreender a criança, saber exatamente o que se passa dentro dela. As reações infantis nem sempre são imediatas, algumas se fazem sentir retardadamente. De quando em quando nos surpreendemos com as repercussões longínquas de um

gesto, de uma palavra, de um incidente aos quais nós, adultos, havíamos deixado de dar importância.

● Vossa tarefa é delicada porque os desvios de rota, imperceptíveis no começo, ameaçam, se não lhes imprimimos, em tempo útil, retificações oportunas, transformar-se em becos sem saída que se traduzem por obstruções de confiança ou oposições latentes que explodirão hoje ou amanhã.

● Não se educam as crianças de hoje nas mesmas condições de outrora. O mundo evolui em cadência acelerada, principalmente depois de guerras que se multiplicam. As aplicações técnicas das descobertas científicas imprimem às nossas vidas ritmo por vezes inumano.

No mesmo meio social há mais diferença entre as condições de vida da criança de hoje e as dos seus pais quando também o eram, do que entre as dos seus pais e as dos seus avós.

● Se não prestarmos atenção, alargar-se-á muito depressa o fosso entre as gerações. As próprias palavras correm o risco de não mais ter o mesmo sentido.

● Se a tarefa da educação é difícil e delicada, cumpre, entretanto, evitar o desânimo e o pessimismo. Decerto não há panacéias universais, do mesmo modo que não há crianças idênticas; como quer que seja, há princípios gerais cujo conhecimento e cuja aplicação evitam numerosos equívocos.

● É preciso buscar conhecer esses princípios, frutos da experiência e da observação, mas também de um estudo aprofundado da natureza psicológica da criança através dos diferentes estágios de sua evolução.

Mas, é preciso ainda colocar problemas... Conhecemos pais sempre inquietos quando se trata da saúde física dos filhos, e que jamais formulam questões quando se trata de sua higiene mental e de sua formação moral.

● Eis um fato: raros são ainda os pais que se preocupam com os problemas de educação. Alguns nem sequer lhes suspeitam a existência. Outros os resolveram por antecipação, seja com brutalidade, seja pela abdicação erligida em sistema.

● Mas, há felizmente outros — e entre esses vos incluo, leitor amigo — que sentem muito bem a necessidade de aprender. Atenção, contudo! Não há manual capaz de suprir a reflexão pessoal e a intuição maravilhosa do amor verdadeiro que procura, acima de tudo, o bem da criança às expensas, se necessário, de nossa tranqüilidade pessoal.

● Muitos pais se desinteressam pela formação moral dos filhos. Dão-lhes roupas, alimentos, mas não têm bastante cuidado com os seus espíritos e almas. Por vezes, os abandonam ostensivamente aos próprios impulsos. Uma mãe fala sobre o filho: "Proibi-o de fazer isso, mas tal foi a sua raiva que na próxima vez não proibirei mais." — Ou então se demitem inteiramente da função que lhes cabe em benefício dos educadores profissionais. Eis outra mãe que leva ao mestre o filho choramingas: "Castigue-o por favor, que já não o agüento mais." — Por outro lado, quando os educadores conscienciosos apontam aos pais algum defeito das crianças que lhes foram confiadas, alguma insuficiência no trabalho, alguma infração à disciplina, em vez do testemunharem gratidão pela ajuda que lhes é assim fornecida, os mesmos pais azeumem imediatamente a defesa do filho e não trepidam em demolir a necessária autoridade daqueles cuja orientação pediram.

● A educação é uma ciência e uma arte das mais delicadas. Nos animais basta o instinto. No homem, é preciso um esforço de inteligência e de reflexão.

● Não se construiria uma casa sem estudar arquitetura; não se educa uma criança sem aprendizagem. Aprende-se a arte de seleccionar as plantas e os animais, não a de educar um filho. Educar é também cultivar; ninguém se intitularia horticultor sem se informar e se instruir. No entanto, improvisam-se educadores! Trata-se de exercitar um espírito, uma vontade, um coração: não se empregaria um monitor de ginástica sem certificado, e nenhum certificado é exigido para modelar e desenvolver uma idéia, um plano, mas de modo algum a iniciar uma vida jovem! Educar é polir, ornar: ninguém se intitula joalheiro, pintor ou escultor senão depois de longa preparação; mas para modelar uma alma val-se do qualquer jeito! Educar é fortificar: só se chega a ser médico do corpo depois de longos estudos, mas há quem oriente, quem cuide dos espíritos e dos corações sem haver aprendido ou exercido esse officio difícil! ¹

● Citemos as palavras de Sua Santidade o Papa Pio XI na Encíclica *Divini illius Magistri*:

¹ HENRI PRADIER, *La Collaboration de la Famille et de l'École*, pág. 4.

● “Tudo o que é emprego, profissão da vida temporal e terrestre, certamente de menor importância, vê-se precedido de longos estudos e de cuidadosa preparação. Enquanto que para o emprego e para o dever fundamental da educação dos filhos muitos pais, hoje em dia, se mostram nada ou pouco preparados, mergulhados que estão em suas preocupações temporais.”

● Não pensais que deviam multiplicar-se as escolas de pais onde, sem pedantismo, sem frases eruditas, sem ouvir tratar a criança normal como um anormal que se ignora, os jovens casais poderiam aprender os princípios elementares da educação?

● Em todo o caso, o que importa para todo educador é jamais perder a cabeça, mesmo se o seu papel é difícil. Algumas “ratas” ou faltas de jeito esporádicas não têm importância porque a perfeição não é deste mundo, o essencial é que essas “ratas” ou maus jeitos não sejam o pão cotidiano, como se verifica infelizmente amiúde.

● Em certas horas difíceis, o pensamento de que Deus é o grande mestre das almas vos sugerirá chamá-LO em vosso auxílio. Tendes um direito certo à Sua luz, e Sua ação completará, no próprio interior da alma de vossos filhos, os esforços que fareis para agir segundo o Seu amor.

● Não esqueçais também os protetores de vossos filhos. Sua força depende do apêlo que lhes fizerdes. Recorrei a Nossa Senhora que é, no sentido mais profundo da palavra, Mãe de suas almas; ao Anjo da Guarda especificamente designado para cada um; ao Santo que vós lhes destes como Patrono; e, por fim, a todos esses avós dos quais ignorais talvez os nomes, a história, ou ainda as virtudes e os méritos, e que gozam todos — ou quase todos — da felicidade maravilhosa de poder “passar o seu céu fazendo o bem sobre a terra”; e vossos filhos, já herdeiros de tais virtudes, serão beneficiários da intercessão de todos eles na medida em que lhes solicitardes a intervenção.

II

CONDIÇÕES DE ÊXITO

ANTES DO NASCIMENTO

A educação de uma criança começa 20 anos antes do seu nascimento, pela educação de sua mãe. Não haverá uma parte de verdade nesa frase de Napoleão?

A experiência, de um lado, e os últimos estudos científicos sobre a hereditariedade, de outro, não nos mostram que uma mãe marca profundamente o filho com as suas próprias marcas?

● Se há um período durante o qual a mãe desempenha papel preponderante para o que serão as tendências e os traços morais de seu filho, é o período pré-natal, durante o qual ela pode dizer verdadeiramente: "Eu sou também ele; ele é qualquer coisa de mim", de tal maneira é íntima a participação orgânica do filho em sua mãe, tão grande é também a interdependência entre o físico e o moral.

● No curso desses nove meses de pré-educação, que a jovem mãe sempre repita: posso ajudar meu filho a tornar-se o que ele deve ser, sendo-o eu mesma; posso ajudar meu filho a ser calmo, permanecendo calma, a ser sorridente, tendo eu o sorriso; a ser forte, sendo eu corajosa; a ser puro, afastando eu todo devaneio malsão; a ser bom, sendo eu benevolente para todos.

● No plano sobrenatural, de que manto de graças pode uma jovem mãe envolver o filho por pouco que ela pense, de tempos em tempos, na presença concomitante nela do Cristo pela graça, e do seu rebento pelo sangue, por pouco

também que em união com Maria ela ofereça o pequeno ser à luz divina.

Mística, dir-se-á talvez! Simples lógica de nossa fé...

- Não é tempo perdido para uma jovem futura mãe reservar cada dia, por exemplo, no começo da tarde, alguns minutos para repousar, deitada. Ocasão maravilhosa de volta à calma e de aprofundamento interior.
- As melhores condições físicas e psicológicas para que a criança se desenvolva de modo mais sadio possível consistem em que o filho seja o mais desejado possível.
- Certas crianças chegam quase a se sentir culpadas de haverem nascido. A criança não tem apenas necessidade de ser alimentada, tem também necessidade de ser amada.
- Há crianças que são desejadas pela mãe como compensação de sua infelicidade conjugal; há aí um desejo cativante (por amor de si mesma, o desejo de reencontrar-se no filho), há quase como um papel de filho vingador que se procura fazê-lo desempenhar. Não há como aí encontrar garantias de um feliz desenvolvimento. Ao contrário, as melhores condições se realizam quando o filho é desejado, não tanto como filho, mas como consagração do amor mútuo, quer dizer, quando a mulher deseja um filho "de seu marido" (e o marido "de sua mulher").

A PARTIR DO NASCIMENTO

A íntima solidariedade que une a mãe ao filho, longe de desaparecer quando este vem ao mundo, perpetua-se ainda por muito tempo. Por isso é essencial que a própria mãe se encarregue da educação do filho e só se resigne a confiá-lo a outrem em casos de força maior.

- Nunca será demasiada a importância que se der às primeiras semanas. Desde o primeiro dia, uma luta silenciosa de domínio começa entre a mãe e o filho. Se cederdes à criança, tereis para sempre ao vosso lado um tiranozinho doméstico diante de quem tudo se deverá curvar, e que a seguir sofrerá cruelmente de um desejo de dominação insaciável, uma vez que não terá sempre junto de si a mãe dedicada e dócil.

- Sabei que a educação positiva da criança começa no dia do seu nascimento. Este é um axioma cuja evidência poucos pais admitem.

- Habitualmente, os pais “estragam” o garotinho, mimam-no e a ele se entregam sem pensar nas consequências, convictos de que o momento da educação chegará quando o filho começar a falar, o que o capacitará a compreender o que se lhe faz e diz. Mas, esse momento pode ser muito tardio para reparar os graves erros anteriormente cometidos.

- É preciso condenar o costume ridículo de buscar a criança logo que começa a chorar, embalá-la, cantar-lhe cantigas, dançar com ela ao longo do quarto. Quanto mais “estragardes” a criança, tanto mais ela perturbará o vosso sono e vos privará do vosso repouso essencial.

Há sempre, em torno das jovens mães, tias e conselheiras que, diante da menor sinal de choro da criança, tocam alarma e opinam que ela tem fome, sente cólicas, não se sabe mais o quê. Não vos deixeis impressionar pelos gritos do bebê; se não está molhado, deixai-o gritar.¹

● A criança é um fino "registrador", levado instintivamente a se tornar um tirano. Se percebe² que a casa inteira corre ao mais leve choro ou ao menor grito, aprende que possui um meio seguro de trazer os pais para junto de si. Bem cedo, estes serão escravos de seus caprichos e de suas fantasias.

● Por outro lado, o bebê se firmará na idéia de que todo o mundo está a seu serviço e à sua disposição. Mais tarde, ser-lhe-á penoso desprender-se do seu egoísmo infantil.

● No começo, é bom que a mãe continue a educar o filho num clima de "nós": "Vamos ser bonzinhos hoje... não vamos chorar... vamos buscar a chupetinha..." Essa educação inicial agirá a exemplo da impregnação pela criança da vida interior da mãe, à espera de que a primeira tome posse, pouco a pouco, do seu eu consciente.

A educação — nunca é demais repetir — é a aprendizagem da liberdade, mas uma aprendizagem progressiva.

● Sede firmes desde o início. O choro das crianças abala penosamente o coração das mães e o sistema nervoso dos pais. Será talvez preciso "pisar" o vosso coração sensível, mas é para o verdadeiro bem do vosso filho. Sê-lo-á também para o vosso, porque, se cederdes, vos tornareis mais ou menos seu escravo, e no dia em que, tendo-o compreendido, quizerdes deixar de sê-lo, correreis o risco de serdes vencido ou de cortardes o mal com certa brutalidade, por nervosismo, determinando verdadeiro choque afetivo na criança.

1 DR. WILLIAM STEVENS, *Lettres a une Mère*, pág. 25 (N. R. F.).

2 A criança não observa, no sentido usual. Mas absorve confusamente, ou antes, não dissocia ainda suas ações das reações das que a cercam: desde os primeiros dias, podem criar-se "blocos" a exemplo de "choros — chegada de mamãe — passeio", ou "ahoros — chegada da vovó — chupeta". Outras coisas não são do que reflexos condicionados desastrosamente pelo adulto, tão mais difíceis de abolir quanto precoces. Dando a tirania de que os pais são autores de serem vítimas.

● Não há serviço mais precioso a prestar à criança do que fazê-la experimentar uma realidade que se impõe. Há resistências que não cedem, que não suportam exceções, do mesmo modo que um muro intransponível não pode deslocar-se de um dia para outro.

● Tende um horário de mamadas. Segui-o estritamente, sem derrogação. Nisso, muitas mães são escravas dos filhos, alimentando-os a qualquer hora e sem se preocupar com as quantidades. Esses petizes não possuem ainda contróle da razão ou da vontade. Nêles, são os instintos, e nada mais do que os instintos, que falam mais alto. Mas, esses instintos criam hábitos de que poderão ser vítimas.

● Se o bebê chora, verificai se algum alfinete não o pica, mas, sobretudo, ficai nisso, não o acalenteis, não o tomeis nos braços.

Sêde, nesse ponto, tão estrita à noite como durante o dia. Um bebê assim tratado tem tôdas as probabilidades de se tornar uma criança fácil de educar.

● Além dos cuidados necessários, ninguém toque no petiz, não o tome nos braços, não o acalente. Cuidado com as avós e tias! Não serão elas as vítimas das novas exigências que assim terão criado.

● A criança será posta no berço, quer chore ou não, e ao fim de algum tempo, consentirá nisso sem chorar, pois aprenderá que as suas cóleras não adiantam nada.

● Sobretudo, não acrediteis que é preciso embalar uma criança. Só adianta embalar as que a isso já se acostumaram; quanto às outras, a própria natureza agirá. O mesmo relativamente ao sono no escuro. Não há necessidade de lamparina ou de porta aberta.

● As crianças devem aprender a ficar sôzinhas, a brincar sem companhia. Se a mãe ou a pessoa encarregada da vigilância se esforçam por encher-lhes todos os minutos, elas se habituem a distrair-se. Mais tarde, podem tornar-se desagradáveis tiranos.

Conheço crianças que se apoderam das mães desde a mais tenra idade, e as interpelam constantemente: "Mamãe, que devo fazer?" ou: "Mamãe, conte-me uma história, estou sem fazer nada!" Essas pobres crianças sofrerão duramente, em seguida, uma agitação contínua e o vazio do tempo torna-se para elas um problema de solução impossível.³

● É tão inútil acariciar a criança para acalmá-la como para lhe dar prazer. Não resta dúvida de que a excitabilidade da pele se veja assim aumentada pelas carícias. Uma exigência de carícias e de mimos pode subsistir durante a vida inteira.

● É pelo seu maternal e insubstituível sorriso, muito mais do que cedendo aos caprichos do filho, que a mãe lhe dá sua noção de amor.

● Exigir raciocínios do petiz é uma coisa que deve reduzir-se ao mínimo, pois a criança não se acha ainda na posse do seu pensamento lógico. Querer que ela raciocine muito cedo é como se quisessem que ela caminhasse aos seis meses de idade: corre-se o risco de torná-la enfêrma por tôda a vida.

● Regular os automatismos da criança é um dos maiores serviços que podeis prestar-lhes, pois significa livrá-la para o futuro de entraves, preocupações, incertezas e inibições; facilitar-lhe o desenvolvimento moral e físico; ajudá-la a conquistar a verdadeira liberdade. A ordem e a regularidade são, nessa idade, quase tão indispensáveis quanto o amor.

● Todo o bebê é, antes de tudo, um psicólogo que julga o pai, a mãe, a "babá", de acordo com os seus valores. Apalpa-os, e não descança enquanto não tiver determinado os limites de seus poderes ou da liberdade que ele mesmo possui. Para esse fim, usa de tôdas as pequenas armas, notadamente as lágrimas ou as cóleras. Se os outros têm pena, tomem convulsões, se depois de ralharem, ameaçarem, ou mesmo castigarem; se acabarem por ceder, a fim de terem sossego, o garotinho registrará tôdas essas deficiências e daí em diante baseará sobre elas a sua conduta, com admirável conhecimento do coração humano.

Isto é claro. É preciso que a criança, quando quiser ultrapassar os limites do razoável, bata com a cabezinha teimosa numa parede

³ Dr. GROSS, op. cit., pág. 30.

impiedosa. Ao terceiro "galo", ela mesma escolherá ficar na gaiola. Quando crescer, ser-lhe-á explicado porque certas coisas podem ser feitas e outras não. Tendo adotado desde cedo — porque os pais foram bem avisados e fortes — o hábito de apenas fazer o que é permitido, a criança não terá, então, dificuldade alguma em ser livremente sábia...⁴

● Depende de vós, mães, que aos seis meses o vosso queridinho saiba ler: o livro em que êle aprenderá a discernir o que é preciso e o que não deve ser feito, é o *vosso rosto* com as diversas expressões que registrar. Sabeis o que dêle quereis, e cada vez que a sua maneira de ser corresponde à vossa vontade — vosso olhar e vosso sorriso lhe dizem: "Está bem!" Quando êsse bom sorriso e êsse olhar de amor desaparecem, substituídos por uma expressão séria, a criança perceberá que há "algo mal feito". Na *vossa própria linguagem*, se bem que não compreenda ainda as palavras, há um sentido que ela aprende. Um tom de zanga e um tom de carícia não são a mesma coisa para ela; as inflexões de vossa voz reforçam singularmente o alcance do vosso sorriso ou da vossa sisudez.⁵

● Não trateis nunca a criança como um brinquedo ou uma boneca. Ao fim de alguns meses, ela participa de tal modo dos brinquedos com os quais a distraímos, que somos tentados a fazê-la brincar para que nós mesmos nos divirtamos. Nesse momento, o adulto se arrisca a ultrapassar a medida. Não esqueçamos que o sistema nervoso da criança é frágil e pode bem depressa fatigar-se. Por outro lado, usam-se os recursos dos jogos de fisionomia que são a primeira linguagem pela qual a criança compreende o adulto.

● É um contra-senso constranger uma criança a repetir 20 vezes bom-dia à mesma pessoa, sob o pretexto de instruí-la ou para divertir as galerias. As crianças gostam de se conduzir como as pessoas grandes, mas detestam o papel de cães amestrados. Se não detestassem, seria mais perigoso ainda porque significaria que elas possuem alma de cabotino.

● Evitai falar ao vosso filho em linguagem de "bebê" ou em linguagem de "nequinho", por mais enternecedor que

4 ANTOINE RABIER, *Mes Garçons et vos Filles*, pág. 36 (GRASSET).

5 Mlle. CLAN, *Comme j'étais mon Enfant*, pág. 334 (Ed. Bloud et Gay).

isso pareça. É um mau serviço que lhe prestamos imitar o seu modo de exprimir-se. O benefício que lhe damos para o futuro é ensinar-lhe o pronunciar de maneira correta a língua materna e corrigir-lhe as frases defeituosas.

● Colecionai as palavras graciosas de vossos filhos, mas não as citeis jamais diante deles. É o que existe de pior para retirar da criança a frescura de sua espontaneidade e levá-la a considerar-se fenómeno interessante.

● O papel do pai, nos primeiros anos de existência dos filhos, é, e certamente deve ser, mais apagado. Sem dúvida, ele pode manifestar aos filhos a sua nascente ternura: o homem é, em geral, pouco afeto a manifestar longamente tais sentimentos.

Que por vezes se ocupe dele para que se habituem ao seu contato e para que se habitue ao dele, é bom. Mas, que não procure usurpar prematuramente o papel da mãe, criando para si uma popularidade fácil. Não é, com efeito, o pai o elemento novo que as crianças vêem menos do que a mãe, e que pode, por isso mesmo, possuir atração particular? Que saiba, pois, apagar-se a cada instante, em face dos filhos, deixando que a mãe assuma a parte principal.

É, certamente, desejável que a forte autoridade que lhe é, eventualmente, conferida pela força física, o vigor de sua voz, possam às vezes apoiar a autoridade da mãe quando esta por fadiga se vê momentaneamente incapaz de ir sôzinha até o fim de sua tarefa educativa. Mas que isto aconteça o menos possível, sobretudo diante dos que se encontram na primeira infância. A desproporção de forças cria o medo nas crianças. O medo é o inconsciente que se revela e é também a inibição das melhores faculdades. Não se educa (no sentido pleno) com o medo. Parece-nos infinitamente preferível que a autoridade paterna se exerça indiretamente sob a forma de uma plena aprovação das decisões maternas, pois as crianças são mestras consumadas na arte de encontrar uma brecha na autoridade, de criar discordâncias, senão contradições. Isto não deve ocorrer. Se o homem não concordar com sua mulher em tal ou qual caso, em face dos filhos, que o diga a ela a sós, explicando-lhe as razões. Isto pode ser muito útil: o homem que vê mais as coisas externas, que em geral também vê mais longe e mais amplamente, pode dar conselho útil à esposa sob o ponto-de-vista da educação; um conselho, dizemos, e não a amarga crítica que desencoraja, ou a estéril zombaria.

Que o pai evite as manifestações tonitruantes em que muitos encontram aparente satisfação ao seu papel educativo; ele não deve ser máquina e fabricar grandes observações, punições exemplares, tôda essa aparelhagem dramática e nefasta à educação. Sua firme tranquilidade e a clareza de uma reprimenda valerão por vezes muito mais

do que uma atitude barulhenta de pai zangado. Que nunca faça medo aos filhos. A violência dos gestos, a altitude extrema da voz, os olhares faiscantes são quase sempre manifestações de um enervamento passageiro e sem importância; sem importância para ôle, adulto, mas que produz nos petizes repercussões inesperadas e desastrosas.⁶

● Compete a vós, mães, interessar vossos maridos na vida do pequenino. Longe de guardar com zêlo para vós mesmas vossas descobertas e vossas intuições, revelai-as aos vossos esposos, fazei com que êles se debrucem sôbre o despertar das faculdades dos filhos e todos os sinais de seu desenvolvimento. Vossa confiança mútua se beneficiará com o vosso esforço.

Nada fará melhor aumentar a confiança de um marido em relação à sua mulher do que sentir-se por ela ajudado a penetrar na intimidade secreta do serzinho todo feito de enigmas, ao qual, juntos, deram a vida.

⁶ Dr. ARNAUD. *Comprendre pour mieux agir*, pág. 237 (Ed. Suias).

CONHECER E COMPREENDER A PSICOLOGIA DO VOSSO FILHO

Há um conhecimento da criança que é essencialmente o fruto do amor, de um amor atento e desinteressado.

● Para conhecer uma criança é preciso viver sua vida, comungar com ela por uma perpétua simpatia, sentir o que ela sente, experimentar todas as suas disposições, adivinhar todas as suas tendências, compreendê-la por dentro.

● A mamãe deve observar, deve procurar compreender seu filho. Para isso muito a ajudará a intuição. Com maior proveito ainda, ajudá-la-á um estudo elementar da psicologia, ciência que realizou progressos consideráveis no curso do século atual, e que não deve ser desdenhada.¹

● Do nascimento aos 18 anos, as metamorfoses, quer interiores, quer exteriores, se sucedem tão rapidamente que os pais mal podem sintonizar a mesma onda com a realidade sempre nova e sempre movediça que têm à sua frente.

O perigo de ilusão é considerável, porque todo erro grave e repetido de psicologia se traduz na criança por uma concentração em si mesma ou um desdobramento de sua personalidade. Seu "eu" superficial coloca uma tela sobre o seu "eu" profundo. As falhas de desconfiança e de incompreensão mútuas se alargam mesmo sob aparências conformistas

¹ Ver na coleção "Psychologie et Education" por Guy JACQUIN, *Les grandes lignes de la psychologie de l'Enfant* (Ed. Pléiades).

que tranquilizam e adormecem. Quantas pontes de neve ocultam fendas! Elas apenas surgem escancaradas em certas horas de crise. Existem pais que disso nunca se apercebem.

● Cada criança tem a sua personalidade que a diferencia da de outra, seu gênio próprio, sua missão insubstituível na terra, seu nome divino.

Ignorá-lo é arriscar-se a tratá-la como um número, um ser anônimo, uma matéria banal a introduzir num mundo vago e em contradição com o seu elemento vital, havendo o perigo de a esvaziar de sua originalidade legítima ou produzir, com um choque de retôrno, a explosão de uma revolta, logo que as circunstâncias favoráveis restituírem a liberdade às suas energias por longo tempo comprimidas.

● É sobretudo nos momentos em que a criança está no seu melhor estado natural que se torna preciso observá-la: nos seus brinquedos, à mesa, em meio a seus objetos familiares, quando deve escolher alguma coisa, quando ouve uma história, quando se encontra em companhia de camaradas. . .

Assim, descobrireis o guloso ou o egoísta sempre primeiro a servir-se; o caprichoso que não pode brincar cinco minutos consecutivos no mesmo jogo, o trapaceiro que busca fraudar a regra, o chefe que tem iniciativa e sabe dirigir os outros, o mau caráter que "manda tudo passear" por um nada, o rotineiro que faz construções sempre semelhantes com os seus cubos, por falta de imaginação; o espírito prático que não se deixa desconcertar por coisa alguma e acha sempre o "fio" da meada; o sensível que chora ouvindo a história; o generoso que consola ou que sabe ajudar.

● Para bem conhecer uma criança é preciso manter contato e conversar com ela. Uma mãe nunca perde tempo quando, à noite, permanece um pouco junto à cama do filho. É preciso saber escutar as suas inúmeras perguntas sem enervar-se, dando-se ao trabalho de responder a elas com carinho. Será êsse o meio mais seguro de transmitir muitas idéias, bem como o de manter o laço afetivo que condiciona a confiança e o desabrochar do espírito.

● O importante é lembrar-se que a criança não reage como uma pessoa adulta. Seu ritmo não é o mesmo. Sua linguagem não tem matizes, seus centros de interesse são completamente diversos. Nela as próprias palavras não despertam os mesmos conteúdos. Donde mal-entendidos e diferenças de perspectiva. Sabê-lo é, em parte, remediar o perigo.

● As crianças não julgam com o espírito de adulto. Esta é uma lei elementar, mas a que todo educador deve estar sempre atento. (A garotinha, diante de uma gravura de cristãos entregues aos leões, exclamava, apontando uma das feras: "Veja esse leãozinho, coitado, que não tem cristão para comer!")

● A grande arte da educação consiste não somente em pensar na criança, mas pensar com a criança, esforçando-se por assimilar o que se passa na sua cabeça e no seu coração. Isto requer o esquecimento de si mesmo, plasticidade, renúncia e, por conseguinte, muito amor — mas é o segredo do êxito.

● Para que a criança se revele ao seu educador, é preciso que ela possa ser o que é. Certas educações demasiadamente estreitas só servem para martirizá-la, e podem mesmo chegar ao aniquilamento de sua personalidade. Desconfiemos das crianças excessivamente disciplinadas e comportadas, que vivem e agem sob o império do terror!

● A imaginação da criança possui uma força de amplificação que nada freia. As crianças podem passar horas organizando uma segunda existência, entrelaçada à existência real, por elas povoada de personagens com os quais se entretêm; vivem uma aventura que pode adquirir o tom de uma autêntica epopéia. Há perigo quando esses sonhos constituem uma fuga diante de uma educação demasiado severa ou demasiado estreita.

● Com as crianças é preciso tomar cuidado para só exigir esforços ao seu nível, atos à sua medida. Evitai forçar, ordenai os períodos de repouso e de pausa, não estejais sempre "em cima" delas. Não desejeis que os vossos filhos se tornem

prodígios. Tende como ambição ajudá-los a se tornar sólidos e equilibrados.

● Por intermédio de papai e mamãe, a criança está ligada a toda uma cadeia de antepassados que lhe transmitem parcialmente — cada um deles acrescentando uma modificação — o que receberam dos outros.

Mas, nunca vos deixeis tentar pela idéia de procurar com quem a criança se parece. A criança é uma pessoa, com carácter pessoal original. Os dados hereditários constituem conjunto de tendências que nunca são absolutas ou necessárias. Liberdade e educação podem utilizá-las, canalizá-las ou neutralizá-las.

CRIAR UM CLIMA DE CONFIANÇA

Ainda mais do que as observações diretas e pessoais, é o clima que os pais souberam criar em casa que mais profundamente modela a alma dos filhos.

- Uma atmosfera que se respira e que vos penetra insensivelmente: não será sobretudo isso que oxigena o vosso comportamento?

- Um clima de confiança facilita o desabrochar, o progresso, o esforço. A criança se sente desde cedo moralmente obrigada a fazer o melhor que puder.

- A desconfiança constrange, inibe; pior ainda, suscita por vezes o desejo de agir mal.

- Não é necessário que, por princípio, a família seja o lugar onde se repreende.

- A alegria de viver, fruto da certeza de ser compreendido e amado, desempenha um papel importante na vida da criança. Uma mãe nervosa, excitada, cheia de queixas, um pai casmurro, voltando à noite fatigado, sem achar nenhum prato a seu gosto, ralhando sem cessar, distribuindo sem proporção racional pancadas e castigos — nada como isso para fazer a criança voltar-se para dentro de si mesma, esperando a “evasão”.

É preciso que, à noite, o regresso do pai seja uma festa e não o acontecimento desagradável esperado ou aceito com filosofia.

- Seres podem viver lado a lado, amando-se muito, mas permanecendo estranhos, uns aos outros, a despeito disso.
- Um clima de confiança em que o filho possa exprimir-se livremente é tanto mais importante quanto são os primeiros conflitos afetivos que determinam os conflitos primordiais de caráter no adulto.
- Para fazer compreender a importância desses fenômenos da sensibilidade, que nos escapam porque são com frequência inconscientes, basta lembrar a imagem clássica da força originária das pressões. Nosso sistema nervoso é como se fosse uma máquina que constantemente emite força nervosa, que em muitos casos não se pode exteriorizar livremente. Seja por interdições, recalque, impotência de exprimir-se, o indivíduo, desde a primeira infância, acumula em si uma certa pressão, porque a energia nervosa não exteriorizada não é suprimida em medida igual. Assim como o excesso de pressão provoca a ruptura de uma caldeira, a energia nervosa, que não pôde escapar pelas vias normais, procura outras saídas imprevistas e por vezes nocivas, mas que fazem baixar a pressão insuportável para o organismo. Tal é a origem de numerosas perturbações da sensibilidade e do caráter.

Ora, esses fenômenos são particularmente importantes na criança, muito mais do que o serão mais tarde no adulto. Ao contrário do que se acredita, a idade das grandes paixões, das grandes tensões afetivas não é a idade adulta. Sem dúvida, o adulto dispõe de uma potência nervosa superior, mas possui um "eu", uma personalidade consciente bastante forte, uma inteligência formada que lhe permitem raciocinar e amortecer os choques. O adulto possui uma atividade e interesses variados que lhe permitem transferir ou deslocar a afetividade. A criança, ao contrário, é fraca e sem meios intelectuais para derivar suas emoções. Elas permanecem inconscientes na maior parte do tempo; são suportadas sem ser dominadas. Os interesses da criança são limitados: o pai, a mãe, às vezes os irmãos e as irmãs ou um professor. Do mesmo modo, seus primeiros sentimentos são absolutos, íntegros, ocupando todo o seu ser com uma força que não mais será reencontrada.

- Os adultos crêem muitas vezes que os sentimentos da criança não têm grande importância; é muito pequeno para compreender — diz-se. Se com efeito ela não compreende sempre com clareza, contudo "sente" tôdas as coisas com uma acuidade extraordinária, inclusive, por vezes, o que não lhe é abertamente expresso.

- As disputas dos pais diante de um bebê podem ter as maiores repercussões sobre o desenvolvimento afetivo de sua personalidade. Em análises psíquicas de adultos encontraram-se traços de cenas que tiveram lugar quando os interessados contavam apenas 18 meses, ou até menos. De tais fatos não haviam conservado qualquer lembrança consciente, tornando-se necessária a confirmação de pais ainda vivos para verificar a exatidão do que assim se registrara no cérebro da criança.

- É preciso que haja entre pais e filhos um contato afetivo em plena luz. Uma falta passageira de domínio é menos nefasta do que um constante recalque de afetividade natural cujo calor é indispensável ao desenvolvimento da sensibilidade da criança.

Não é mau que as cóleras sadias do pai se traduzam, por vezes, com alguma violência quando a criança já está bastante crescida. E sem chegar à justificação do emprêgo de pancada, digamos que quando um homem bate no rosto de seu filho há, pelo menos, entre ambos um comércio vivo e apaixonado. Sob tal aspecto, êsse excesso é menos constrangedor, mais vivificante do que as punições requintadas infligidas pela pseudo-doçura. A desaprovação resignada ou dolorosa de alguns pais, as sanções frias do tipo intelectual, as chantagens à ternura são incomparavelmente mais nocivas do que a natural cólera paterna. O essencial é ser franco. De que valem os pequenos ardis e a lógica intelectual para as crianças? Elas são mais perspicazes do que muitos educadores.

- Se quereis conservar a confiança do vosso filho, guardai para vós as suas confidências e mesmo as perguntas que êle vos fizer. Se faltardes a essa lei de discrição, a criança acabará por percebê-lo mais cedo ou mais tarde. Talvez não

o revele (seria muito melhor que o fizesse), mas sentir-se-á como traída, e, de qualquer modo, a sua confiança será abalada.

● É sempre preciso cumprir as promessas feitas às crianças, porque elas levam a sério tanto as vossas promessas como as vossas ameaças, e quando percebem que se trata de palavras vazias de sentido, terão o sentimento de que não dais importância ao que dizeis. Sua dignidade será atingida com isso, bem como a sua confiança para convosco.

● As crianças nunca devem ser enganadas. A importância deste princípio merece ser acentuada, porque há mil maneiras de não ser verídico com uma criança. Dissimulamos-lhe sob artifícios várias coisas desagradáveis que cumpre, no entanto, introduzir em sua vida: a visita ao dentista é anunciada como um prazer; um remédio amargo é anunciado como saboroso. Tais subterfúgios têm as mais graves consequências. Em primeiro lugar, a criança não cairá nêles duas vezes. O que se quis foi obter a calma, tornar fácil a prova dolorosa; ora, essa pedagogia de vistas curtas alerta a criança contra toda a intervenção posterior. De futuro ela resistirá a qualquer injunção tranquilizadora, com medo de possíveis engodos. E o que é mais grave ainda: daí em diante, ela perderá a confiança da palavra daqueles nos quais estava pronta a acreditar cegamente, e nas horas difíceis nada mais a poderá tranquilizar. Não fizemos outra coisa senão instalar na criança essa disposição ansiosa, que é uma das mais perigosas, como se sabe, para o seu desenvolvimento interior. Os pais que assim prodigalizam mentiras piedosas com o propósito de atenuar as verdades desagradáveis, chegam a dar à criança a impressão de que uma espada de Dâmoçles está continuamente suspensa sobre a sua cabeça e poderá se abater sobre ela de um momento para outro.

● Enfim — o que não é menos importante — a criança fica humilhada ao sentir-se tratada como um bebê, considerada como incapaz de receber e guardar a verdade. Conservará sempre em relação aos que a enganam algum ressentimento secreto.

● Contrariamente, ao homenzinho a quem se diz: "Isto não é muito bom, mas você vai engolir depressa, de uma só vez, como um menino ajuizado". Ou ainda: "Não prometo que vai doer, mas se você não se mexer, acabará depressa". Quem ouve essas palavras francas e fortes sente-se desde logo orgulhoso da confiança que lhe é testemunhada.

Qualquer apêlo à altivez, ao heroísmo, é quase sempre entendido por uma criança, se feito com calma e simplicidade, sob o signo da verdade e da virilidade.

● Evitai enganar vossos filhos ou mesmo induzi-los a ilusões com motivos ou explicações infundadas e falaciosas, dados a torto e a direito, para vos tirar de um embaraço ou escapar de pedidos importunos. Se achais que não lhes deveis dar as verdadeiras razões de uma ordem ou de um fato, ser-vos-á mais fácil recorrer simplesmente à sua confiança em vós, ao seu amor por vós. Não falsifiqueis a verdade; pelo menos nada digais. Talvez não imaginéis que perturbações e que crises podem nascer nessas almas novas no dia em que lhes parecer que abusaram de sua natural credulidade.¹

● Método seguro para conquistar a confiança de uma criança é levá-la sempre a sério. A criança não compreende a ironia, sente-se profundamente ferida — mesmo sem revelá-lo — pelo desprezo ou pelo desdém.

● A criança vê, e é normal, tôdas as coisas sob o seu próprio ângulo naturalmente limitado. Emite reflexões infantis, por vezes engraçadas, por vezes ridículas. Nada de se extasiar com as primeiras ou divertir-se com as segundas. Cumpre recolocar as coisas em seus lugares com simplicidade e gentileza, e sobretudo nunca dar a entender que estais colecionando palavras engraçadas ou erros.

1 SUA SANTIDADE PIO XII, *Alocução*, 1941 (audiência a jovens esposas).

CRIAR UM CLIMA DE AFETO VIRIL

A criança tem necessidade de muito afeto — não um afeto molemente dado, mas um afeto tão viril quanto terno.

● Na América, na Áustria, em certas creches, a pretexto de uma puericultura científica, chegara-se a proibir todo contato com os bebês. As enfermeiras, enluvasadas e com máscaras afiveladas ao rosto, tratavam as crianças de acôrdo com os últimos princípios da luta contra os micróbios. Naturalmente, era proibido beijar. Os resultados quanto ao desenvolvimento psíquico das crianças foram desastrosos. Inquéritos comparativos feitos no seio de famílias pobres e mesmo miseráveis, que viviam sem higiene, com mães por vêzes negligentes, revelaram um desenvolvimento afetivo mais satisfatório. Mesmo com amas medíocres, mas que guardavam contato humano com as crianças de peito, o desenvolvimento ulterior se efetuava em condições bem melhores.

● Sabe-se que uma das grandes fraquezas da Assistência Pública ou Social é a sua insuficiência no plano da sensibilidade. Grande número de associais e de crianças culpadas explica-se muito menos pela ausência de cuidados maternos ou pela insuficiência de educação intelectual, do que pelo ambiente efetivamente muito pobre. O estudo da infância delinquente aponta o fator primordial dos "sem-família" ou "pais separados", implicando abandono afetivo da criança. O divórcio dos pais ou os novos casamentos, mergulhando a criança em conflitos sentimentais, têm geralmente as consequências mais graves para a alma infantil.

● O que as crianças mais temem é o isolamento e o abandono. Há pais que nunca dispõem de tempo para os filhos. Há crianças mimadas que não se sentem amadas.

● Há crianças acarinhadas, mimadas, aduladas, embonecadas, que, no fundo, não são amadas, quero dizer, amadas em si mesmas, pelo seu bem. Trata-se, então, de preferência de uma forma de egoísmo paterno ou materno, que se busca inconscientemente, que tonda à sua própria satisfação.

O amor verdadeiro e salutar à criança inclui numerosos cuidados. Comporta na mãe, sobretudo, infinida ternura, muitas manifestações sensíveis, dando as palavrinhas de carinho até os boijos. Mas esses testemunhos externos são apenas o símbolo de uma realidade mais profunda e mais eficaz.

Para que o amor dos seus pais mereça plenamente o seu nome, é preciso que vá à pessoa moral da criança, que tenda ao seu bem. A marca sensível é aqui apenas um meio de chegar ao recesso do ser. E é sempre possível o perigo de que se confine nas aparências tão doces aos pais e às crianças.¹

● É necessário que o pai tenha uma autoridade máscula, a um tempo calmo e imperiosa, que emane de sua força indiscutível e forneça à criança o ideal viril indispensável ao seu desenvolvimento.

A mãe, por outro lado, deve oferecer ao coração do filho uma ternura harmoniosa e serena, igualmente afastada da tirania e da idolatria, que não são mais do que desvios do amor maternal.

● A criança possui uma grande receptividade intuitiva. Mesmo que não saiba analisar-se, sua sensibilidade é aguda. Para seu equilíbrio, cumpre que possa libertar-se do que sente, exteriorizando-se de acordo com a sua natureza, exprimindo-se a seu modo, confiando-se com abandono.

● Repelir moralmente uma criança que vem confiar-se a vós ou vos fazer uma pergunta, é arriscar-se a feri-la, "bloqueá-la", deformá-la.

¹ Dr. Biot, "Amor compreensivo", in *La Croix* (21 de junho de 1943).

- Quando uma criança está com a veia das confidências, não a interrompais: é a passagem da hora da graça...
- Não façais ironia com uma criança que não tenha idade para compreender a brincadeira. Pode levar a coisa a sério e por pouco não chegará a levá-la ao trágico.
- *Quem quer que se julgue insuficientemente amado adota uma atitude de revolta e de ódio para com a sociedade.*²
- As crianças têm necessidade de amor; seria cruel que a pretexto de educação viril, fôssemos severos e duros para com elas.

Isto sucede, às vezes, quando uma geração reage contra os excessos da geração precedente: crianças mimadas de uma forma exagerada descobrem, quando chegam à idade adulta, as inconveniências dessa educação, e podem então ir demasiado longe num sentido inverso.

Mas as crianças educadas sem calor tornam-se frequentemente egoístas, porque, desiludidas em sua necessidade de afeto, adquirem o hábito de se concentrarem em si mesmas.

Opoetamente, a ternura só tem valor se não cai no abuso. Para os meninos, sobretudo, as demonstrações excessivas constituem algo a evitar; elas preparam homens desarmados em face da vida, imaginando que todo mundo, a exemplo dos seus próximos, não lhes procura fazer mal.

A educação do coração cabe, acima de tudo, à mãe. Que ela não faça, contudo, vibrar com muita frequência a corda sensível, e evite dizer a todo propósito: "Se fizeres isto, vais magoar-me muito... não gostarei mais de ti, etc..."

Essas ameaças têm efeitos diferentes, segundo as naturezas: certas crianças chegam rapidamente a não lhes prestar atenção, a não lhes dar importância alguma; as hipersensíveis, pelo contrário, correm o risco de levar tudo isso ao trágico e, assim, se desequilibrarem.³

- É normal que a criança tenha caprichos. O papel dos pais é levar o filho a dominá-los, afetuosamente, decerto, mas com firmeza. A verdadeira felicidade da criança está em jogo, porque se não aprendeu desde cedo a reprimir suas fantasias, depois será muito tarde, e ela se tornará vítima de sua abdicação.

² OSCAR WILDE, *De Profundis*.

³ M. BURTS, "A educação do coração", na revista *Education* (junho-julho de 1903).

- Para desabrochar harmoniosamente, a criança precisa sentir o afeto dos pais. É mesmo bom que esse afeto se manifeste mais ternamente, de tempos em tempos. Cumpre, todavia, evitar todo exagero, a exemplo de carinhos que não acabam mais ou beijos incessantes e apaixonados — o que representa o perigo de fazer nascer na criança uma necessidade mórbida de ternura.

- É preciso evitar as manifestações de uma compaixão exagerada em casos de simples “dodói” ou de queda sem gravidade.

Cai, sem se machucar, uma criança. Sorrindo, a educadora lhe diz: “Vejam só, Pedrinho fez: boom!” Pedrinho se levanta e responde num riso: “Boom!” Mas, se uma pessoa chegar e disser com ar de pena: “Oh, coitado do Pedrinho, está dodói!...”, imediatamente a criança começa a chorar.

- Há muitas maneiras de estragar uma criança: estraga-se o seu espírito pelo exagero impensado dos elogios. Estraga-se o seu caráter fazendo-lhe todas as vontades. Estraga-se o seu coração, ocupando-se excessivamente dela, adorando-a, idolatrando-a. Todas essas maneiras de estragar as crianças podem reduzir-se ao desenvolvimento de dois princípios funestos, fontes de toda a perversidade humana: a languidez da vontade e o orgulho.⁴

- É preciso levar as crianças a reagir alegremente em face das dificuldades, a transpor as contrariedades sem disso dar a perceber, a se alegrar sem pensamento oculto em todas as pequenas ocasiões de prazer, a tudo tomar, isto é, pessoas e coisas, pelo lado bom.

- O que constitui o calor de um lar é o clima criado pelos pais, em que todos os membros da família, pequenos e grandes, se esforçam para ser mutuamente semeadores de paz, de bom entendimento e de amor verdadeiro.

- Ocorre, por vezes, que ao adoecer a criança, a angústia legítima da família se transforma em múltiplas indulgências e mesmo numa tendência de ceder a todos os seus caprichos.

⁴ MONS. DUPANLOUP, *De l'éducation*, tomo I, pág. 56 (Ed. Oudinseau).

Deveis, por certo, proporcionar à criança os voos cuidados mais afetuosos, mas evitai excessos de ternura que não deixam de constituir certo perigo. A doença pode tornar-se uma verdadeira ocasião de prazer. Já se verificou que crianças assim mimadas chegaram a desejar a doença. Por vêzes, mesmo, as mais maliciosas simulam uma enfermidade para assustar os pais e provocar-lhes manifestações de afeto. Essa tendência pode prolongar-se no adulto e explicar êsse fenômeno estranho, quase incompreensível à primeira vista, que se chama: a vontade da doença.

● Um estilo de vida um pouco rude convém mais do que nunca às jovens gerações de hoje. Já se viu demasiado ao que leva a educação macia. Os jovens aos quais nada faltou, aos quais se quis evitar todo sofrimento, por mais leve que fôsse, são incapazes de sustentar um esforço quando chega a idade adulta.

É desde a mais tenra idade que se torna preciso ajudar afetuosamente a criança a temperar a vontade, e isto se realiza com naturalidade quando se trata do "estilo" da casa.

● Oração de uma mãe de família: *5 Meu Deus, ajudai-me a dar uma educação viril a meus filhos. A vida é uma coisa grave: a frivolidade, as infantilidades não são a verdadeira felicidade.*

5 ELIZABETH CHARLES, *Journal d'une mère de famille*, pág. 131 (Ed. Téqui).

CRIAR UM CLIMA CRISTÃO

Uma das condições essenciais da educação cristã consiste em que o âmbito familiar realize uma atmosfera espiritual em que as almas desabrochem e se elevem espontaneamente. A influência exercida nas crianças se apóia melhor no conjunto harmonioso de uma multidão de fatos aparentemente insignificantes do que em manifestações excepcionais ou em discursos solenes.

- A religião não é qualquer coisa que se pessegue no indivíduo, muito menos uma roupa com a qual nos vistamos ou da qual nos desembaracemos à vontade, segundo os dias e as circunstâncias. É preciso que o clima da casa tenha por base uma fé que tudo informe para tudo transfigurar, sem trazer sombras.
- O clima de um lar será cristão se a religião exprimir-se menos por fórmulas, atitudes, tabus ou rotinas, do que por um espírito que tudo penetre, fazendo com que se viva, naturalmente, as realidades sobrenaturais, com simplicidade, sem respeito humano, porque “é assim mesmo”.
- Há um verdadeiro fenômeno de osmose que se produz numa família autenticamente cristã, em que o senso do sagrado se manifeste pelo respeito das coisas santas, em que as verdades sobrenaturais estejam próximas, inserindo-se na trama da vida cotidiana.
- Quando os pais vivem simplesmente na lógica de sua fé tudo se torna luminoso e benfazejo; Jesus Cristo é o

grande Amigo divino de Quem se fala como de alguém misteriosamente presente e infinitamente amável; a Virgem Maria é considerada como a Mãe de Jesus e nossa Mãe, mediadora de todas as regras; a Igreja é a grande Comunidade cujos chefes são respeitados e os membros, mesmo longínquos, fraternalmente amados; os acontecimentos de sua vida são prazerosamente comentados, sua história é conhecida, sua liturgia contribui com o seu ritmo de alegria e de esperança.

Lealdade, caridade em palavras e ações, entre todos e com todos, pureza sem equívoco como sem falso pudor; tudo isto acaba por se instalar nos costumes, no sentido profundo do *têrino*, para a felicidade de todos.

● Custa-se a imaginar hoje em dia a sólida piedade dessas famílias camponesas que formam uma Bernadette, um cura d'Ars, um João Bosco... Nada a perturba, nada a abala... Apodera-se da criança no berço; impõe-lhe o seu automatismo antes do lhe dar suas razões, suas alegrias, suas esperanças. Seria insensato pretender que o garotinho tenha a capacidade de optar com reflexão e em toda liberdade por tais deveres, tais crenças e tais práticas. A família tem um direito imprescritível relativamente à criança: o de escolher em seu lugar. Na medida do possível deve evitar que a sua escolha caia, um dia, no erro. E o erro aqui é o esquecimento de Deus.¹

● A lealdade a serviço do Senhor é uma das condições capitais para o desabrochar da vida religiosa dos jovens. O dano mais grave que se pode causar à criança é habituá-la a considerar as virtudes do Cristianismo como coisas que se dizem mas não se fazem. O Cristianismo, então, não é mais do que uma linguagem sublime, deixa de ser uma vida.

● Sejamos realistas: nossos filhos não encontrarão sempre exemplos de vida cristã integral e autêntica. É preciso não ter medo de falar-lhes e preveni-los antecipadamente contra a decepção ou o escândalo que disso poderia resultar para eles. De modo algum se trata de lhes provocar o desprêzo farisaico em face do pecador, muito ao contrário. Trata-se de fazer aumentar intensamente neles próprios o ardente desejo de que o Senhor dê Sua luz aos cegos e Sua força aos enfermos. O ódio ao pecado pode muito bem aliar-se ao

¹ HENRI CHÉRON. *Saint Jean Bosco*, pág. 25 (Plammarion).

respeito e ao amor ao pecador. Esta é a pedra de toque de uma verdadeira educação evangélica.

- Em certas famílias cristãs, no momento mais favorável, quando todos se reúnem à noite, em serão, lêem-se algumas linhas de um livro cristão: o Evangelho, a História Sagrada, a vida dos Santos, um comentário litúrgico sobre uma festa próxima. Não há nada melhor para instilar nos espíritos e nos corações as idéias que elevam para solidificar e unir as almas num pensamento comum.

- Nada atrai mais eficazmente a bênção de Deus para um lar do que a oração da noite em família, sob a condição, entretanto, de que evite dois excessos igualmente prejudiciais: o da rotina aborrecida e morna, e o de uma fantasia demasiado solta.

Há vários métodos e maneiras de fazer essa oração da noite de modo a torná-la viva, adaptada às circunstâncias, aos tempos litúrgicos, às datas aniversárias, às datas especiais e às preocupações da vida familiar. Podem caber orações usuais ditas em comum. O que importa é que cada um tenha, senão tôdas as noites, pelo menos regularmente, uma parte ativa, e que a oração seja realmente a expressão de sentimentos sinceros.

- Em muitas famílias cristãs as crianças não se deitam à noite sem receber a bênção de seus pais sob a forma de uma cruz traçada na testa. Poder-se-á ver nisso a expressão da autoridade espiritual do pai e da mãe de família, primeiros mandatários de Deus junto às almas dos filhos.

CONSERVAR A CALMA E O DOMÍNIO DE SI MESMO

São precisos tanto mais calma e autodomínio em educação quanto o ritmo da criança é diferente do que assinala o adulto. Além disso, perdida em seu sonho interior, a criança não compreende à primeira vista o que dizeis. Se vossa voz é demasiado forte ou estridente, o seu aparelho auditivo só registra sons destituídos de significação. Agitada, ralhada, sacudida, a criança perde o pouco de controle que tem de si mesma, afoba-se, torna-se desajeitada, tímida, medrosa. Se tais fatos se repetem com frequência, arrisca-se a adquirir o famoso complexo de inferioridade que dela fará um vencido pela vida ou um revoltado.

● Quando a criança se aplica a fazer o melhor que pode, convém deixá-la tanto quanto possível entregue ao seu tempo, que normalmente é mais longo do que o do adulto, para todos os gestos cuja execução exige uma coordenação e uma exatidão que não são inatas. Certos psicólogos já notaram que os "Depressa! depressa! avia-te. . ." longe de provocar a ação, complicam-na para quem deve cumpri-la, tornando-a de qualquer modo "mais custosa".

● Não é sempre fácil conservar a calma. Aos numerosos cuidados pessoais que acabrunham os que têm encargo de família se acrescentam a trepidação da vida moderna, o rápido desgaste dos nervos, sobretudo quando a casa não dispõe mais do que de uma peça precária ou insuficiente.

Todavia, cumpre a todo preço conservar vossa calma. Obtereis dez vêzes mais resultados com dispêndio dez vêzes menor de energia nervosa. O equilíbrio de vossos filhos, bem como a sua confiança em relação a vós, acham-se em jôgo.

- Para conservar vossa calma, persuadi-vos, antes de tudo, de sua importância para vós e para os vossos filhos. Quando vos sentirdes esgotados (e tanto quanto possível não espereis por êsse limite extremo), parai ao menos por três minutos. Isolai-vos. Se puderdes, deitai-vos; abandonai-vos; distendei vossos músculos; respirai três ou quatro vêzes profundamente; figurai como seríeis se estivésseis calmo; levantai-vos com um sorriso. É fácil verificar que tudo irá muito melhor.

- Na maior parte do tempo, as crianças só enervam porque estão enervadas.

- Salvo a hipótese de mau tempo, cuidai de que vossos filhos tomem ar todos os dias e possam brincar alegremente. Conservar uma criança o dia inteiro fechada num apartamento, é conservar um leão na jaula, é pedir um esforço inumano.

- Não vos esqueçais de que a criança calca, instintivamente, o seu comportamento sôbre o que percebe no das pessoas grandes. Se tentamos tranquilizar uma criança que nem sequer sonhou ter medo, ou consolar uma outra que nem imaginou desesperar, criamos nós mesmos o medo ou o desespero.

- Uma criança bate com a cabeça e chora. Não se trata de mimá-la além das medidas. Não é caso também de puni-la porque se machucou. O pai ou a mãe, irritados, exclamam por vêzes: "É bem feito!" justificando em seguida êste juízo: "Não devias correr... podias prestar mais atenção... se fizesses o que te disse não te terias machucado!" Ralha-se com o pobre ente porque se machucou, ou mais exatamente por se estar aborrecido com o fato de êle se ter machucado. A vítima protesta, aliás, contra tanta incompreensão por meio de berros cada vez mais agudos.

● Um amuado, um colérico vê-se sempre desarmado pela calma dos que o cercam. Encerrado na sua própria tolice, não pode decentemente desviar o seu rancor contra ninguém. Não tem outro recurso senão pedir uma trégua honrosa.

Se, ao contrário, sente que os outros se exasperam por sua causa, compreende mais ou menos conscientemente que atingiu os fins e está pronto a recommençar na primeira oportunidade.

● Não respondais à cólera com a cólera. Podeis exigir que a criança se domine quando vós mesmos não sois disso capazes? Ao contrário, em relação a uma tal criança daí prova de uma calma redobrada. Bater não adianta nada.

● Assim como a calma impõe, o nervosismo superexcita. Os gestos bruscos desconcertam a criança: para ela, uma pessoa grande é, antes de tudo, alguém forte e calmo no domínio de si mesmo. Vendo-a encolerizada a ponto de exceder-se, vendo-a enervada, irritada e... irritante, seu respeito diminui e a autoridade perde a força.

● Genoveva (14 anos) não se entende muito bem com a mãe, e, entre outras coisas, percebe que ela não consegue dominar-se.

Por várias vezes, como sua mãe a esbofeteasse, disse-lhe: "Bate, sei que isto te alivia os nervos!" A mãe via-se obrigada a parar. Resultado: a mãe em questão não tem mais autoridade sobre a filha, a quem não inspira qualquer dose de respeito.

● Já se definiu a calma como "a majestade da força". Domínio interior, que faz com que só se dê uma ordem importante depois de refletir e em conhecimento de causa, e que permite julgar com maior imparcialidade o que convém ao bem da criança. Domínio externo, transparência do interno, que se lê na serenidade do rosto, do olhar, da atitude, dos gestos, da linguagem.

● O humor uniforme, o equilíbrio no humor deve presidir aos estudos dos pequenos como dos maiores. Não sacudais a criança, não a cumuleis de ralhos, não a fazeis viver entre as tempestades e os raios da impaciência. Não gritéis a todo instante: "Nunca farás coisa alguma! — Não prestas para nada! — Serás a vergonha da família!" Tempo e vigor perdidos. Em vez de representar esse melodrama, repetir

com doçura, incansavelmente, o que a criança não compreendeu. Pois nunca se trata de outra coisa. A criança diz absurdos quando não compreende ou não gosta do que lhe ensinam.¹

● Se nos dermos ao trabalho de vigiar atentamente, o dia inteiro, nossas atitudes diversas em relação aos nossos filhos, quantas reprimendas inúteis ou excessivas não chegaremos a descobrir? Quantas proibições intempestivas, quanto barulho e quantos gritos... Como são barulhentas as crianças do mesmo modo que os educadores! E dizer que os segundos fazem barulho para impedir que as primeiras o façam!

Levantamos com muita frequência a voz e devemos reconhecer que a maioria das frases que dirigimos aos nossos filhos no transcurso de um dia são ditas em tom elevado, autoritário, irritado, zangado, e que, afinal de contas, em 50% dos casos, poderíamos muito bem haver calado ou falado calmamente.

Porque somos um metro mais altos do que as crianças e devemos baixar os olhos para vê-las, elevamos a voz. Elas, porque devem erguer os olhos para ver-nos, sentem-se impotentes e esmagadas.

Não nos debruçamos com bastante frequência sobre a criança. Falamos-lhe do alto e de longe.

Se tiverdes uma observação a fazer ao vosso garotinho, agachai-vos diante dele de modo a olhá-lo de perto e à mesma altura: notareis que a vossa voz será muito mais doce. Vêdo o que acontecerá se vos acenderdes de raiva nessa posição.²

● Não tendes o direito de perder o contróle de vós mesmos. Que jamais os nervos vos dominem. Não ofereçais às crianças o vosso próprio espetáculo quando não fordes mais senhores de vós mesmos. Não há nada como o nervosismo colérico para vos fazer perder o prestígio e a autoridade.

● Para favorecer na criança a conquista do corpo pelo espírito, o adulto não tem muita coisa a fazer. Dar-lhe um pouco de espaço, deixá-la mexer-se, fornecer-lhe material para as suas experiências. Mas o que acima de tudo lhe deve ser dado é a calma. Porque o ruído dissipa a fadiga. O silêncio favorece o esforço e conduz ao recolhimento. Nada disso é difícil.

Logo que apreendeu a tarefa da criança, o adulto toma espontaneamente uma atitude de respeito. Habitua-se a falar em voz baixa

1 R. BENJAMIN, *Verités sur l'éducation*, pág. 107 (Ed. Pion).

2 TH. VAN GELDEREN, "Au niveau de l'enfance", na revista *La Famille*.

e a contar as palavras. Evita intervir indiscretamente e impor-se. Não julga mais; compartilha; vem em socorro.

É assim que, na grande obra que se realiza aos olhos do adulto, este não atribui a si mesmo mérito ou papel principal, mas humildemente se aplica a secundar na criança os esforços de coordenação que, ao tornar-se homem a criança, devem culminar finalmente no triunfo do espírito.³

³ HENRI LEBENSON DE LEVAL, na revista *Education*.

DAR O EXEMPLO

Quereis obter alguma coisa dos vossos filhos... começai por dar o exemplo. O exemplo pode muitas vêzes substituir tudo, mas é insubstituível.

- Conselho sem exemplo, discurso sem alcance. O exemplo é quase sempre o mais eficaz dos conselhos.

- O exemplo serve, a um tempo, de modelo e apoio. De modelo, porque o conhecimento das virtudes pelas crianças é a princípio imitação: ó por imitação que a criança aprende a falar e a agir. De apoio, porque dêle a criança precisa: o que se lhe ordena ou pede, sobretudo quando se trata de algo nôvo, é difícil para ela. Cumpre que ela se domine, vença as suas repugnâncias. Para ter coragem é preciso encontrar estímulo. A melhor ajuda é o exemplo dos que a cercam.

- Nada como o exemplo para animar a criança, mostrando-lhe por evidência palpável que o que se lhe pede para fazer é realmente possível.

- Nada melhor para encorajar uma criança ao "mergulho" do que mergulhar com ela.

- Sêde o que quereis que os vossos filhos sejam. Eles seguirão mais vossos atos do que vossas palavras ou conselhos.

- É preciso conduzir-se em presença da criança como se ela fôsse adulta e compreendesse tudo. A criança não larga

os olhos dos pais. Observa-os permanentemente com atenção tanto mais intensa quanto mais jovem fôr. Não lhe escapam nenhuma das vossas palavras e nenhum dos vossos gestos: tudo se registra no seu cérebrozinho como sons num disco de fonógrafo... Isto, inclusive, quando está absorvida por preocupações de outra ordem. Notai que ela não dá, necessariamente, parte à família do que ouviu, mas lá um dia, às vezes muito tempo depois, fará uma reflexão que demonstrará haver entendido tudo muito bem.

Ora, as pessoas que uma criança vê e ouve constantemente são o pai e a mãe, seres humanos que mais contam no mundo para ela, que julga infalíveis em seus julgamentos, perfeitos na conduta. A criança molda os seus próprios pensamentos e a sua conduta pessoal, tudo, enfim, até as suas atitudes e inflexões vocais, nos do pai e da mãe. Nem nas grandes coisas nem nos pequenos detalhes, a criança deve ser levada a pensar: "Meus pais não fazem o que me mandam fazer".

A vida do pai e da mãe deve ser para ela um modelo sem jaça do que deve ser a sua própria vida.

● O olhar da criança tem mais habilidade do que se pensa para apreender as contradições entre a vida e os conselhos dados. Pelo que fazemos ela julga a importância do que dizemos.

● A criança é um lógico simplista e sem matizes. "Se o que exigem de mim é correto, vale também para os meus pais; se não tem utilidade, por que me é imposto?" Sem dúvida, pode-se discutir esse raciocínio; mas não se pode impedir a sua formulação; e quando vem a propósito de coisas nas quais há realmente negligência dos pais, todas as explicações que se dêem não mudarão a lógica da criança e não lhe darão o trôco: por exemplo, princípios fundamentais, dizer a verdade, praticar a religião, ter uma boa atitude, etc.

● Conheço infelizmente muitos pais que, diante dos filhos, usam termos que a mãe deveria proibir-lhes. Isto pode levar, por parte da criança, a observações impertinentes, mas de qualquer modo

justificáveis, e ninguém tem o direito de surpreender-se do que elas transgridam a proibição em canaas.¹

● O exemplo é que é o grande mestre da educação — autoridade tanto mais forte quanto sem brilho, influência tanto mais poderosa quanto se insinua sem rumor.

● *As palavras passam, os exemplos ficam*, diz o provérbio. Sim, mas se vos recusais a vos deixar levar por eles, voltarão para vós e vos perseguirão com insistência. Tal é a força que se liga à sua lembrança.

● Para formar uma consciência, é preciso deixar ver a própria rectidão e a própria lealdade; para formar um coração, é preciso mostrar o seu, dedicado e compassivo; para formar uma alma, é preciso mostrar a sua, fiel à oração. Assim, para tudo: para o gosto do trabalho, da ordem, da caridade. O filósofo DE BONALDI observa com justeza: "As crianças julgam os pais numa idade em que apenas deviam amá-los; tornam-se severas antes da razão lhes ter ensinado a ser indulgentes." As crianças são nossas testemunhas, não façamos delas nossos juizes. Essa preocupação nos obriga a que nos contenhamos: é, na realidade, a educação dos pais pelos filhos. Quantos atos heróicos cumpridos pelos pais que se preocupam em não comprometer a educação dos filhos poderiam inspirar, nesse ponto, qualquer educador!²

● A educação não consiste em fazer discursos aos nossos filhos, hem tranquilos, com a cabeça descansada (às vezes são necessários, mas se a eles nos limitássemos, como seria insuficiente!). Educação dos nossos filhos? Mas ela será toda a nossa atitude cotidiana em face da alimentação, do vestir, do trabalho e do repouso, em face do sofrimento dos outros e dos acontecimentos etc. Atitude essa que os nossos filhos observam dia a dia, que os impregna, que os edifica. E vivendo retamente, corajosamente, generosamente, que conduziremos nossos filhos à vida reta, forte e dedicada.

A educação "representada" é uma caricatura de educação. Só se educa *sendo*. No primeiro caso, a criança, ao se tornar adulta, pode furtar-se orgulhosamente ao que aprendeu: não pode, entretanto, furtar-se à influência de uma vida reta.³

¹ J. LAMMAS-HOOVERD, *L'Enfant, notre Espérance* (pelo Dr. C. MASUREMAN e J. LAMMAS-HOOVERD), pág. 187 (Ed. Ch. Desmet, Bruxelas).

² HENRI FREUD, *op. cit.*, pág. 15.

³ JEANNE LE GROS, "Comment faire, des difficultés actuelles, des moyens d'éducation", na revista *Enfance et Jeunesse* (junho de 1941).

MOSTRAR CONSTÂNCIA E CONTINUIDADE

A educação exige continuidade. Se mudais de opinião ou de humor a cada instante, desconcertareis a criança. Semelhantemente, se, por faltas idênticas, mostrais ora indulgência, ora severidade, a criança, que possui uma lógica rigorosa, se perturba, e, cedo, perde a cabeça.

● É nos primeiros anos, sobretudo, que se adquirem os hábitos. Qualquer que seja o temperamento da criança, quaisquer que sejam os seus atavismos, é fácil orientar a “plantinha tenra” no caminho do bom-senso. Seja pela ordem, pelo respeito, pela higiene, pela polidez; seja pela lealdade, pela aceitação alegre das pequenas dificuldades da vida, pela aquisição dos reflexos da caridade — nada vale mais do que a constância para criar hábitos que, ao se tornarem autênticos traços psicofisiológicos, tudo facilitarão.

Mas, enquanto não se criar o hábito, é preciso não largar a prêsa.

São essa constância e essa continuidade que exigem o maior esforço do educador. Não será, talvez, necessário fazer tudo ao mesmo tempo, mas será por esforços repetidos no mesmo sentido, com doçura e firmeza, que se liberta a criança de sua tendência arraigada à preguiça e ao egoísmo.

● Agir, castigar ou recompensar às tontas, sem razão proporcional, dá mais ou menos vagamente à criança a impressão de que “não é sério”. Daí ao “toma lá, dá cá”, há apenas um passo.

● “Se mamãe está nervosa e tem caprichos, por que não terei direito de fazer o mesmo?” O que menos se pode exigir da autoridade é a coerência. Não há nada pior do que as ordens contraditórias e a falta de lógica na apreciação de um mesmo ato para levar a criança à incerteza do que tem o direito de fazer ou o dever de não fazer.

● Quando não se manda ou castiga em estado de agitação, é provável que se tenha ficado no justo termo. Salvo fato novo, não há como voltar atrás da decisão tomada. Sem perseverança, o educador perde pouco a pouco sua autoridade moral, com grave risco da formação da criança que tanto precisa apoiar sua franqueza e suas hesitações sobre uma base firme.

● Há, por vezes, indulgências que são traições.

● Aqui temos uma mamãe que achou dever privar da sobremesa o seu filho de 8 anos. Que não vá, pois, terminado o jantar, comover-se com a fisionomia desfeita do “delinquente” e declarar: “Vá lá, perdão-te por esta vez... Toma o doce, mas não repitas a graça!” Isto seria um erro a repercutir no futuro, pois ou a criança não merecia a punição, e nesse caso não lhe deveria ser imposta; ou a merecia de fato e, portanto, que a sofresse. Se a mãe perdoa “por esta vez”, o filho não compreenderá que não o perdoe “cada vez”.

● Mesmo se tiverdes a mão pesada, se a sanção aplicada fôr excessiva, é melhor manter, no próprio interesse do vosso filho, a sentença proferida, já com o espírito preparado a ter mais moderação de outra vez. Do contrário, a criança não levará mais a sério as vossas ameaças ou reprimendas.

● O segredo da autoridade moral dos pais em relação aos filhos é a estabilidade na serenidade.

● Se as ordens que dais aos vossos filhos, se as reprimendas que lhes infligis procedem de impulsos do momento, de movimentos de impaciência, da imaginação, ou de sentimentos cegos ou mal ponderados, como impedir que não pareçam, na maioria das vezes, arbitrários, incoerentes, talvez mesmo injustas e inoportunas? Um dia, vos mostrais desarrazoadamente exigentes, inexoravelmente severos para com os pobres petizes. No dia seguinte, deixais que façam tudo. Co-

meçais por lhes recusar uma coisa insignificante, que, logo em seguida, fatigados de suas queixas e amuos, lhes concedereis com demonstrações de ternura, anãoas por acabar, de uma vez por todas, uma cena que vos irrita os nervos. Por que, então, não aprendeis a dominar os movimentos do vosso humor, frear vossa fantasia, quando vos empenhais na educação dos vossos filhos? Se, em certos momentos, não vos sentis de todo senhores de vós mesmos, adeis para mais tarde, para uma hora melhor, a reprimenda que imaginastes, a punição que vos acreditais no dever de infligir. Na calma e tranqüilla firmeza do vosso espírito, vossa palavra e vosso castigo terão outra eficácia, uma força mais educativa e mais autorizada do que as "pancadas" de uma paixão mal dominada.

Não vos esqueçais de que as crianças, mesmo pequenas, têm olhos para observar e registrar; num relance, elas percebem vossas mudanças de humor. Desde o berço, mal chegam a distinguir a mãe entre as outras mulheres, rapidamente percebem a força que um capricho ou uma queixa podem exercer sobre os pais, e não se privarão, na sua malicazinha inocente, de abusar dessa força.

Evitai, assim, tudo quanto possa diminuir vossa autoridade sobre elas. Evitai o enervamento dessa autoridade pelo uso habitual o pela insistência fastidiosa de recomendações e observações. Os ouvidos infantia acabarão por habituar-se a isto e não lhe darão mais qualquer importância.¹

1 MHA SANTIPANY PII XII, *Alocução*, 1941, op. cit.

TER MEDIDA E PONDERAÇÃO

Evitai na criança a tensão nervosa, a estafa física e moral. Para assimilar tudo o que se lhe diz ou ensina, a criança tem necessidade de períodos de tranqüilidade. É preciso que possa viver um pouco à vontade.

- Vigiai vossos filhos, mas não estejais sempre a espiá-los.

- Estar todo tempo “atrás” de uma criança só serve para fatigá-la sem resultado e impedi-la de ser ela própria.

- Seriai os esforços pedidos à criança. Seu ponto de saturação é depressa alcançado. Não o ultrapasseis. É preciso deixá-la respirar. MONTAIGNE diz que a atenção da criança é de pequena capacidade: é preciso não enchê-la com muita coisa ao mesmo tempo.

- Cumpre evitar todo exagero com as crianças, porque elas tomam ao pé da letra o que lhes dizemos. Um excesso de elogios pode ser tão funesto quanto um excesso de censuras.

- Não procureis amedrontar uma criança. Seu organismo ainda é frágil e não se sabe nunca que repercussão profunda pode produzir um temor irracional. Evitai as histórias de bandidos, fantasmas, “lobisomens”. Evitai as ameaças ridículas: “Se não ficares quietinho, o papão vem te comer!” Com maiores razões, não aceneis com o inferno ou com o demônio por um pecaço. Sobretudo, nunca adoteis o la-

mentável meio que aquela pobre mulher usava, vendo passar um padre, a fim de fazer cessar (!) o choro do filho: "Se não parares de chorar, aquele homem de preto que ali vês, o senhor Padre, vai te levar..." Nada mais indicado para fazer com que uma criança crie, talvez para sempre, ojeriza ao padre e à religião.

- Grave erro psicológico é apresentar Deus como um Pai-de-palmatória: "Estás vendo? Foi bem feito! Desobedeceste e Papai do Céu te castigou..." A criança não tardará a perceber que Deus nem sempre sanciona, de imediato, nossas faltas, e por outro lado, haverá algo de mais falso e de mais perigoso para a sua fé do que apresentar o Deus de amor com um déspota sempre pronto a vingar-se?

- Condicionemos sempre o esforço ao efeito que desejamos obter. A força de encolerizar-se, de fazer "cenas" por coisas insignificantes, de cumular uma criança de gritos, censuras, lágrimas ou discursos, o educador perde a capacidade de influenciar. Fica "queimado"... e paz às suas cinzas! A criança dissoluto se aproveita e acaba por opor a indiferença da força de inércia, quando não a do desprezo interior.

- "A gritaria temerária e ordinária se transforma em hábito e faz com que cada um a despreze" (MONTAIGNE).

- É prejudicial submergir a atenção da criança com discursos intermináveis.

Como uma mamãe terminasse uma "filípica" veemente e longa contra o filho, este lhe disse com impertinência, mas com uma simpatia quase assustada: "Coitada da mamãezinha, como deve ter sede!"

- Exigi somente coisas razoáveis, ao alcance da criança; se pedirdes um esforço excepcional, deveis criar antes um clima favorável. Mostrai-vos animador e tende cuidado em não esticar demasiadamente a corda.

Por exemplo, não peçais habitualmente a uma criança para ficar silenciosa e imóvel. Mas, eis que papai volta do trabalho com uma forte enxaqueca. Mamãe afastará o filho

e lhe dirá afetuosamente: "Papai está com dor de cabeça. Vou te pedir esta noite um esforço maior de que és capaz, porque já és um rapazinho: vais fazer o menor barulho possível; senta-te neste canto e pega o teu livro de gravuras..." E que, de vez em quando, um beijo venha recomendar o rapazinho ajuizado.

● Não abuseis de certas palavras como, por exemplo, "mau": "Ó Pedro, como és mau por estares sempre metendo o dedo no nariz! — Joaninha, como és má por estares sempre mexendo nas cortinas!" Em presença de Renatinho, diz mãe a uma amiga: "Ah, se soubesse como ele é mau: rasgou novamente a calça..."

O qualificativo "mau" serve para as ocasiões mais fúteis e para as menores faltas. Como exigir que Pedro, Joana e Renato — agraciados com o nome de "maus", durante o dia inteiro, por futilidades que não têm a menor relação com um desvio moral ou um vício de carácter — possam ter uma noção razoavelmente equilibrada da verdadeira maldade?

● A criança atribui às coisas o valor e a importância que lhes dão os pais. Assim, é necessário que os pais tenham o senso das proporções e não atribuam ao acessório a importância do principal.

● Certas aprovações demasiado vivas podem falsear interiormente a perspectiva moral de seres demasiado jovens para que estabeleçam a própria escala de valores.

Por exemplo: não se deve dar importância maior a um prato quebrado, uma calça rasgada, uma porta mal fechada, do que uma desordem moral como a mentira, a teimosia, a crueldade.

● Ainda muito jovens, as crianças têm o sentimento da própria dignidade. É preciso respeitá-la. Certas humilhações públicas podem dar origem a complexos de inibição ou de misantropia que perseguirão a criança a vida inteira. Há mães que têm o hábito de dizer aos filhos: "Todo o mundo está te olhando, deves ter vergonha!" Disso pode resultar uma timidez exagerada, um temor de enrubescer, um receio

da opinião pública, que não deixarão de repercutir funestamente mais tarde, quando a criança crescer.

● Dois complexos são igualmente perigosos: o sentimento de superioridade e o sentimento de inferioridade ou insuficiência. O grão gerado desses dois complexos, que desempenham papel importante na germinação de perturbações psíquicas, é semeado desde a primeira infância. Se a criança ouve sempre dizer que é superiormente inteligente e divinamente bela, que tem disposições excepcionais, um desenvolvimento superior ao de sua idade — tornar-se-á de uma suficiência insuportável, acreditar-se-á algo de extraordinário e ferir-se-á, dolorosamente, mais tarde, em face das duras realidades da vida.

Quando, pelo contrário, queixamo-nos continuamente de que uma criança é desajeitada e estúpida, desenvolve-se nela um sentimento de inferioridade que a torna, antecipadamente, vencida e desesperada.

● Evitai tudo quanto prejudique o "natural" da criança. A frescura de sua alma é uma planta delicada demais para que não se preserve das admirações errôneas que ameaçam amolecê-la, senão falseá-la.

Que dizer de convites ao cabotinismo como êste? "Mostra aqui a êste senhor como sabes fazer caretas!"

● Regra de ouro: não faleis nunca de vossos filhos na presença deles. Se falais bem, correis o risco de torná-los vaidosos; se falais mal, humilhá-los-eis perigosamente.

SER E PARECER UNIDOS

Um dos problemas mais graves da educação é o do bom entendimento entre os educadores. A criança começa por desconcertar-se quando se choca com a desinteligência entre os que têm por missão guiá-la. Depois, tendo percebido a falha em que seu capricho possa infiltrar-se, disso se aproveita ao máximo com enormes riscos para a sua formação.

● Se é verdade que os educadores em geral (família, escola, clero) deveriam, no interesse da criança, assinalar positivamente um mútuo acôrdo, o princípio é mais valioso ainda para o entendimento sem flassura que deve existir entre papais e mães, pois aqui se acrescenta um elemento afetivo de alta voltagem, e todo sinal de dissensão entre os pais reage dolorosamente no coração do filho, mesmo que aí encontre uma vantagem imediata.

● Eis algumas regras vitais que os jovens esposos jamais deveriam infringir:

1. Nunca discutiremos diante dos nossos filhos. Se, como em todos os lares (é preciso ser realista), há momentos — que esperamos sejam os mais raros e mais breves possíveis — em que nos entendemos menos bem, buscaremos nos explicar a sós, nunca diante de testemunhas.
2. Jamais trocaremos censuras diante das crianças.
3. Jamais nos contradiremos diante das crianças, sobretudo a respeito delas.

4. Jamais um autorizará às escondidas o que o outro proíbe.
5. Jamais tomaremos um dos nossos filhos por confidente de nossos desgostos mútuos.
6. Jamais faremos alusão aos defeitos e, com mais razão ainda, às faltas, um do outro.
7. Jamais um dirá alguma coisa que venha a ser prejudicial ao respeito e ao afeto das crianças relativamente a um ou a outro.
8. Jamais diremos a uma criança: "Sobretudo não contes a mamãe!" ou "Não digas nada ao papai!"
9. Teremos positivamente o cuidado de reforçar a nossa autoridade mútua em tôdas as circunstâncias.

● Guardai-vos de deixar transpirar o menor sinal de desunião entre vós, a menor divergência no modo de tratar vossos filhos; cedo, eles se aperceberão que podem servir-se da autoridade da mãe contra a do pai, e vice-versa; resistirão dificilmente à tentação de se aproveitarem dessa disparidade para a satisfação de tôdas as suas fantasias.¹

● O pai sem a mãe ou a mãe sem o pai, quando ambos existem, é algo de deplorável. Das duas autoridades, aquela que se abetém, ou que não se mostra senão para lisonjear, amolecer, acariciar, torna-se desprezível para a criança, fazendo-lhe a outra odiosa. Não há situação mais falsa e mais poderosa para produzir inevitavelmente a criança "estragada".

Por igual, nunca pude ouvir — sem lamentá-los e corar por êles, e que ocorre todos os dias — pais dizerem a uma criança: "Se não tiveres juízo, conlarei a teu pai!" ou o que é pior ainda: "Contarei à tua mãe!" Mas, quem sois, mãe ou pai infelizes, que assim falais? Não recebestes de Deus nenhum direito, nenhuma obrigação séria, nenhuma autoridade a exercer? Não sois mais do que testemunha impotente, encarregada de dar conta do que se passa à vossa esposa ou ao vosso marido? E que falsas e funestas noções introduzis na alma d'uma criança! ²

1 BUA SANTIDADE PIO XII. *Alocução*, 1841, op. cit.

2 MME DURANLEU, op. cit., tomo 2, pág. 228.

● O pai, às vezes, com um rápido olhar ou um dar de ombros, pode reduzir a nada todo o esforço educativo da mãe junto ao filho. Uma olhadela de cumplicidade ao filho a quem a mãe faz uma censura justificada, e ei-lo seu aliado na luta contra a mãe; uma leve carícia sobre a mão da garotinha no momento em que a mãe ralhar fortificará tanto mais a criança contra as justas razões que a mãe lhe apresentar daí em diante.

Uma menina de 14 anos dizia: "Quando quero ter ou fazer alguma coisa, mamãe às vezes não quer. Papai está sempre comigo. Somos dois contra um, o que significa que sou eu a vencedora."

● Nada mais contra-indicado do que dizer a uma criança: "Vou contar a papai, esta noite, como foste mau. Vai ver o que te acontece..." Se aos olhos das crianças, fazeis passar o papai por um bicho-papão, como quereis que êle possa ter a confiança e o afeto dos filhos?

● A criança é um ser que tem necessidade, para se desenvolver em todos os sentidos, de viver numa atmosfera de paz, de amor e de serenidade. A segurança daí resultante é para ela condição de desenvolvimento.

● Eis um fato que as estatísticas não cessam de confirmar: a quase totalidade das crianças desequilibradas, associais ou delinquentes, pertence a famílias em que o pai ou a mãe não vivem em boa harmonia.

● Contradizer-se diante de uma criança a seu respeito, é nela falsear a noção do bem e do mal, pois que para ela — por isso mesmo criança — o que é bem é o que os pais permitem, e o que é mal é o que proíbem. Não há nada como isso para desorientar uma consciência infantil.

● Nada mais ridículo e mais pernicioso do que procurar tornar-se popular às custas de um ou de outro — um miando, enquanto o outro dá ordens ou castiga.

● Nada mais artificioso ou mais antipsicológico do que fazer perguntas como estas: "De quem gostas mais, do papai

ou da mamãe?... Quem é mais severo, papai ou mamãe?... " A verdadeira resposta de uma criança normal num lar normal será esta: "Gosto tanto de papai como da mamãe com todo o meu coração, e os dois gostam igualmente de mim."

● Quando infelizmente a união de corações entre pai e mãe não existe mais, é preciso ter a coragem de dissimulá-lo ao máximo em benefício da criança. Dai-lhe tanto tempo quanto possível um lar normal.

● Se a concepção da criança deve ser, no plano divino, a consequência de uma união de amor entre os esposos, com mais fortes razões essa união deve persistir durante os anos de formação. Ela se torna cada vez mais necessária à medida que a criança cresce e chega o estado de julgar as que a cercam. Se o fato de ser concebido sem amor já constitui uma infelicidade, pelo menos a criança disso não tem consciência. O mesmo não ocorre à medida que a sua personalidade se desenvolve. A desunião dos pais se lhe vai afigurando penosa na proporção em que dela toma consciência, e o resultado será o de provocar em seus sentimentos psicoses de que será frequentemente vítima durante o resto da vida.

Quando a criança respira no lar uma atmosfera de indiferença e de frieza, sua alma resseca e se torna incapaz dos movimentos generosos do coração. Fazendo nascer nela a nostalgia de um melo em que o seu coração pudesse desabrochar na alegria, fixa-se numa disposição habitual de hostilidade relativamente ao meio familiar. Quando à indiferença se junta a hostilidade mútua dos pais, a revolta e a crueldade encontrarão na criança um terreno já preparado. Porque seus pais disputam constantemente em sua presença e a seu respeito, ela mostrar-se-á por seu turno hostil e briguenta nas suas relações com o próximo.

Ao atingir a adolescência, tendo de enfrentar por sua própria conta o problema do amor, o exemplo dos pais ser-lhe-á como uma tela a lhe impedir a descoberta das leis mortais. Não podendo imaginar que o verdadeiro amor possa diferir dos laços que unem os pais, ver-se-á impelida à má conduta e procurará nos falsos amôres as alegrias de que a sua infância e adolescência foram privadas.

As consequências da desunião dos pais são de tal ordem que quase sempre a elas devemos atribuir as faltas da infância culpada. Há correlação estreita entre a multiplicação de divórcios, última consequência da desunião dos pais, e os desvios de conduta da adolescência.³

³ Fr. VIOLLET, *L'Amour éducatrice*. Cahiers de l'Association du mariage chrétien (mars, 1943).

● Que não seja permitido insistir sobre o entendimento que deve estabelecer-se entre os esposos quanto às atitudes a tomar com relação aos filhos. Não somente, como é óbvio, eles não devem exibir o espetáculo de seus desacordos, permitindo um o que o outro proíbe, como devem buscar uma verdadeira colaboração, pondo em comum a firmeza e a ternura para apreciar o que convém ao caráter de cada um dos filhos. E se tomam uma determinação bem pensada em comum, devem realizar essa união sagrada de esforços que constituirá a força invencível de sua autoridade. As crianças não demoram em discernir as divergências possíveis nas atitudes dos pais, e são notáveis diplomatas para explorá-las em benefício de seus próprios caprichos. Decerto, pode às vezes ser penoso para o pai, que volta à casa após um dia de trabalho, ou para a mãe que teve de cuidar da casa e dos garotos, esquecerem a própria fadiga visando assegurar a "frente única" da educação, em vez de se concentrarem em si mesmos ou de apenas trocar queixas pessoais. Mas esse esquecimento de si mesmo é portador de sua própria recompensa.

Nada mais apropriado para entreter o mútuo amor dos esposos do que pôr em comum suas orações, suas preocupações, suas observações, sua afeição paterna e materna. Assim, continuam a obra inaugurada pela fundação do lar e pelo aceno à vida; colaboram na atividade criadora e redentora de Deus e, ao mesmo tempo, se educam mutuamente. Trabalhando para formar homens e cristãos, os pais encontram incessantemente na ajuda mútua que lhes é imposta, caso consentam aceltar com um só coração a tarefa comum, ocasião de se unirem mais estreitamente, com um amor mais desinteressado, mais elevado e mais rico porque mais focando e mais cristão, mais intimamente penetrado de caridade divina.⁴

● De passagem, um pequeno conselho: Mães, que os vossos deveres maternos não vos façam jamais esquecer vossos deveres de esposa. Pais, compreendei os cuidados de vossa mulher, o seu trabalho para que tudo corra bem, as dificuldades que encontra; dai-lhe vosso apoio e vosso estímulo.

● De quando em vez, reencontrai-vos fora de vossos filhos. Refazei uma curta viagem de núpcias; ao menos um passeio. Juntos, vosso amor reencontrará uma nova juventude para o maior bem de vossos filhos.

⁴ MONS. BRUNIER, *Lettre Pastorale sur l'éducation* (26 de fevereiro de 1944).

III

EXERCÍCIO DA EDUCAÇÃO

A ARTE DE SE FAZER OBEDECER

Colaboradores de Deus, tendes sôbre vossos filhos uma autoridade que não se origina da Lei, nem do Estado, nem da Tradição, mas no próprio Deus. Essa autoridade assumirá uma expressão diferente à medida que a criança crescer; podeis mesmo delegá-la, mas não podeis renunciar totalmente a ela enquanto a criança não atingir a idade adulta.

● É preciso sustentar com energia que fazer a educação de um filho é necessariamente exercer sôbre êle uma autoridade e extirpá-lhe quo obedeça. E a criança a quem se deixasse "fazer tudo", sob pretexto de respeitar sua liberdade, correria o risco de tornar-se um ser malfazejo contra o qual, depois, dever-se-ia empregar a força bruta como defesa. Este seria o preço a pagar. E não temos de nos inquietar aqui em saber se convém dizer que a natureza é boa ou se convém dizer que é má. Verificamos apenas, como um fato, que as crianças não são espontaneamente — e não se tornam sem que as ajudemos — o que devem ser. Em consequência disso, dizemos ser necessário intervir em suas vidas.¹

● Se Deus vos deu autoridade sôbre os filhos, foi para exercê-la visando ao seu maior bem e *na medida* dêsse maior bem.

● Quereis que vossos filhos vos obedeam? Ensinai-lhes, desde a mais tenra idade, que uma ordem ou um desejo de papai ou de mamãe não devem sofrer qualquer retardamento na respectiva execução.

¹ LAURENTINIEUX. *Théorie de l'éducation*, pág. 23 (Ed. Libr. Philosophique J. Vrin).

● Quando um filho pequeno não obedece, meditai que a falta não é do filho, mas dos pais.

● Uma criança que se tiver habituado à primeira injunção não terá sequer a idéia de que se possa desobedecer aos pais.

● Repetir duas vezes a mesma ordem é prova de fraqueza e início de demissão de vossa autoridade.

● Há toda vantagem em que os pais afirmem desde cedo a sua autoridade, notadamente a mãe que está em relação quase contínua com os filhos. Ela não deixará, assim, que as suas ordens caiam no esquecimento, nem os filhos lhe resistirão abertamente. Ela não tolerará nunca na boca dos filhos palavras desagradáveis como "Eu quero", "Eu não quero", ou "Não, não e não" — como as ouvi pronunciadas, de uma feita, por um garotinho de dois anos cuja mãe ria... Que teria então feito uma mãe consciente do seu papel de educadora? Teria pôsto em sua frente o homenzinho revoltado e, em seguida, assumindo ar grave, tê-lo-ia olhado com calma, mas tão fria, tão severa, tão diferente de sua ternura habitual, que o jovem "delinqüente" não tardaria em compreender. Nada impressiona mais uma criança amorosa do que ver sua mãe, sempre boa e bonita aos seus olhos extasiados, assumir uma fisionomia austera e conservá-la tanto tempo quanto fôr necessário.

● Em pedagogia como em estratégia familiar, é melhor travar uma batalha definitiva do que recommençar incessantemente escaramuças sem resultado.

● Se a coisa fôr grave e importante, cuidai de que a criança obedeça logo sem murmurar, sem fazer caretas, sem essas lentidões e escapatórias a que tantos pais deixam os filhos se habituarem pouco a pouco, e que oferecem tantas dificuldades a vencer na idade de 14 ou 15 anos.

● Se a criança resiste às vossas ordens, dadas com bondade e doçura; se faz ouvidos de mercador quando, reunindo toda a vossa energia, falais com firmeza e decisão, adotai, então, os meios que julgardes de maior influência sobre o espírito

da criança, mas *de qualquer maneira* fazei com que ela vos obedeça.

● Na criança, a convicção de que nada levará os pais à transigência possui uma eficácia calmante, muito maior do que a esperança de fazê-los abdicar à força de bater com o pé.

● Mais impressionáveis do que os pais, as mães têm por vezes a tendência de modificar muito depressa as ordens dadas. É preciso, entretanto, que as crianças não se apercebam que as autorizações ou as recusas dependem de um capricho ou de uma crise de humor.

● Querendo impor a vontade, quase todas as mães, um dia ou outro, encontrarão resistência: evitem contá-lo espalhafatosamente ao círculo mais ou menos extenso da família, dos vizinhos e dos amigos. Quem já não ouviu frases como estas: "Vai ver que êle não cede!... O que eu digo ou nada é a mesma coisa!... Aposto que nunca viu uma cabeça dura como a dele..." A autoridade materna não ganhará coisa alguma com tais recriminações. A criança sente às vezes uma satisfação vaidosa em não obedecer, sobretudo quando vê que está sendo olhada. Se teima, é para afirmar a si e aos outros a sua independência; daí, exhibir em público seus traços de desobediência, longe de humilhá-la serve para lisonjeá-la, para fazer-lhe um pouco de "cartaz".

É também importante que as mães não julguem fazer prova de autoridade afirmando a qualquer propósito que pretendem ser obedecidas: "Saberei como dobrar-te... Vamos ver quem tem a última palavra... Vais fazer o que te digo..." Essa espécie de fanfarronadas mal dissimula a fraqueza de um poder mediocrementemente seguro de si mesmo.

● Caso verifiqueis que uma leve resistência foi vencida, não deveis considerá-lo como um êxito pessoal obtido às custas de um adversário: "Eu bem sabia que cederias afinal!... Não penses que és mais forte do que eu!... Ora vejam só esse "mosquitinho" que não quer ouvir nada... Cresce e aparece para fazer o que desejas!..."

É à criança que cabe gozar a vitória que tenha obtido contra si mesma; não deve ser apoquentada, humilhada por

haver obedecido; ao contrário, deve encontrar na vossa aprovação afetuosa e na satisfação de sua consciência a recompensa de sua docilidade e o encorajamento a novos esforços.

- A eficácia de uma ordem depende menos do motivo proposto do que da autoridade de quem ordena. A docilidade é filha do respeito, que por sua vez se inspira na autoridade.

- Até a idade de dois anos, a obediência da criança só pode ser passiva. Cabe à mãe esforçar-se para preparar a do filho, formando nêle bons automatismos e felizes associações que farão nascer bons comportamentos.

- A partir dos três anos, ou mesmo antes, de acôrdo com o desenvolvimento intelectual, a obediência deve começar a ser ativa; mas uma coisa é certa: de um a sete anos, a criança passa por três etapas de obediência: obedecer porque se quer — saber obedecer porque é preciso — querer obedecer por necessidade e por interesse. Aos sete anos, todo o subconsciente da criança deve estar ricamente aparelhado com todos os seus automatismos físicos, intelectuais e morais; ou por outras palavras, o jôgo deve ter sido feito, e bem feito.

- De três a sete anos, a formação dos automatismos continua sob outra forma: não se trata mais de "domesticar" a criança (os educadores não são domadores de feras), mas de despertar-lhe o senso da obediência e fazer com que nela se exerça essa faculdade. Seu primeiro esforço deve fixar esse ponto: obedecer. Que a criança saiba que existem na vida necessidades iniludíveis, porque é "assim mesmo". O poder de sugestão de um "é assim mesmo", dito com calma, persuasão e firmeza, é imenso; o garotinho deve sentir que há nisso uma espécie de fatalismo maravilhoso, que tudo simplificará se aceite. Se nos zangamos para dizer a frasezinha tão importante, se nos enervamos, tudo estará perdido e o resultado será o oposto do que esperamos.

- À medida que a criança crescer, é melhor agir sob a forma de sugestões do que sob a forma de ordens imperativas: "Acho que farias melhor assim... Não achas que deves

fazer isto no teu próprio interesse?... Acho que no teu lugar agiria desse modo..."

● A imaginação pode facilitar o cumprimento de certos deveres fastidiosos; ela distrai as teimosias e é preservativo contra choques brutais; um garotinho se recusa desesperadamente a largar um tinteiro de que se apoderou; ordens e rogos exasperam sua oposição; catástrofe iminente; mas, alguém baixa o tom de voz, põe um dedo nos lábios e murmura: "Psiu, nada de barulho. Isso faz "dodói" no tinteiro..." Com mil precauções, a criança fascinada põe de novo o objeto em seu lugar; o drama está conjurado. (Outro exemplo: a mamãe, cujo filho chora, finge que dá volta à chave na altura da testa: "Cric, crac! Vamos fechar a torneirinha das lágrimas!")

● A criança gosta de emprestar caráter mágico ao seu universo; tudo quanto pensa ter esse caráter a seduz. Uma mãe utilizou o seguinte processo: "Que palavra mágica é preciso pronunciar para que vocês fiquem imediatamente tranquilos e bem comportados?" A pergunta pareceu despertar o interesse dos seus três energumenzinhos. Cada um deles escolheu a palavra destinada a dominá-lo. Para o primeiro, foi "Pi-Kan". Para o segundo "To-Ki". Para o terceiro, algum outro vocábulo também sem sentido. O resultado foi verdadeiramente miraculoso. E muito tempo depois, bastava ainda proferir essas mesmas sílabas para conseguir a calma, vencer uma crise, obter uma docilidade perfeita e surpreendente.

● Evitai dar ordens a torto e a direito, ordens que nada significam e nada mais exprimem do que uma necessidade de descarregar os nervos: "Vamos, despacha-te!... Depressa!... Segura-te bem!... Olha para a frente!... Presta atenção!..." A multiplicação de ordens desarrazoadas enfraquece a autoridade.

● Por que ordenar coisas que as próprias crianças já estavam dispostas a fazer?

● O educador deve compreender a necessidade de ação e de liberdade da criança. À força de intrvir sem cessar

para impedi-la de agir um pouco à sua vontade, acaba-se por tornar a autoridade insuportável. A exemplo daquela mamãe nervosa que de uma feita deu à empregada a seguinte ordem: "Maria, vá ver o que as crianças estão fazendo no jardim, e proíba que..."

- Não confundir autoridade e autoritarismo. Não sejais como esses pais que dão ordens a torto e a direito pelo prazer de dá-las, e que acabam por somente enervar os filhos sem nenhum proveito.

- Limitai ao essencial vossas exigências e vossas ordens. Não digais sem necessidade: "Faze isto!... não faças assim!... Deves agir dessa maneira!... Quase todos os pais passam a vida a dar ordens aos filhos. Resultado: muitas delas permanecem letra-morta. Refleti antes de dar ordens. Vereis que a grande maioria dessas ordens são inúteis.

- Quando determinardes alguma coisa ao vosso filho, fazei-o seriamente e com firmeza, sem vos mostrardes duro ou desagradável. Dai-lhe a entender que desejais ser obedecido e, em seguida, providenciai sê-lo. Às vezes, não basta falar em tom persuasivo ou mostrar cara zangada. Fechai então docemente, mas com energia, o livro do garoto, tirai-lhe das mãos a faca ou o canivete, conduzindo-o ao quarto.

- Distribuí vossas forças e graduai os seus efeitos. Quem com muita frequência compromete a sua autoridade acaba por dominá-la e perdê-la.

- Não adianta gritar, é preciso querer.

- É preciso saber claramente o que se quer quando se pede algo a uma criança e é preciso também querê-lo realmente. A criança não tarda em sentir, como por instinto, segundo o tom de voz, a real importância que se dá às ordens formuladas.

- As ordens arbitrárias ensinam mais a revolta do que a obediência, e certas tentativas inoportunas de coação só podem reforçar a teimosia.

- Basta que a criança se habitue docemente a ceder às exigências da sabedoria; quase nunca é útil que ela ceda pela força.
- Uma ordem nunca deve ser dada em tom de súplica; não tendes que mendigar a submissão. Uma ordem nunca deve ser dada em tom desabrido; não deveis tornar odiosa a obediência.
- A obediência não é objeto de barganha. Nada mais odioso do que discussões como, por exemplo, a que se travou entre uma mãe e seu filho de 8 anos que havia apanhado na rua qualquer objeto sujo: "Vamos, joga isto fora — Não! — Joga isto fora ou te dou um "cascudo"! — Não!" E a criança se põe a correr. Então, a mãe num apêlo final: "Dá-me isto e te darei 5 cruzeiros." Resposta que bem mostra até onde pode ir a impertinência quando a autoridade fraqueja: "Dê-me primeiro os 5 cruzeiros, e depois eu vou pensar..."
- Se dais ordens a uma criança com a certeza de que não sereis obedecido, não vale a pena ter o incômodo. A exemplo daquela mãe pouco hábil que se lamentava: "Sou uma errada por lhe pedir alguma coisa; êle só faz o que lhe dá na cabeça!"
- Se quereis ser obedecido, cuidai de que vossos filhos compreendam bem o que desejais; não peçais coisas acima de suas forças, e ao lhes dar ordens, fazei-o com a firme certeza de que vos obedecerão.
- Que as vossas ordens sejam claras para a inteligência de vossos filhos, ainda pouco desenvolvida. Trata-se menos de vos fazerdes ouvir do que de vos fazerdes compreender.
- Para obter facilmente a adesão da vontade da criança ao esforço que tendes a pedir-lhe, supõe resolvido o problema; exhibi à sua imaginação a imagem atraente do que ela pode vir a ser, ultrapassando-se a si mesma; por exemplo: "Dá-me o prazer de mostrar como se comporta um menino crescido!"

● Fazei com que as crianças repitam com as próprias palavras o que lhes tiverdes pedido para fazer; dêsse modo tereis a certeza de que ouviram e compreenderam vossas ordens; por outro lado, o fato de elas próprias explicarem o que vão fazer as predispõe a agir no sentido indicado.

● A noção que possuímos do tempo não é a mesma das crianças. Elas se deixarão absorver por um brinquedo até o momento em que não tiverem mais tempo para arrumar as coisas.

Para isso o remédio é simples: dai sempre um aviso prévio. No tempo devido, dizei ao vosso filho: "Já está chegando a hora do almoço, vai te preparar..." Caso não esteja pronto ao apêlo, vossa censura se justificará; a culpa será dele e não vossa, como é comum.

● Já reparastes como estas ordens que formulamos são mal interpretadas pelos nossos filhos? Suas relações são por vêzes tão bizarras e tão desconcertantes para o adulto!

Pedrinho (seis anos e meio) faz seu dever e escreve letras imensas. Papai observa com sarcasmo: "Será que não sabes fazer letras maiores ainda?" Qual foi o resultado? Uma página escrita com SS e ZZ gigantescos...

● No instante de sair, mamãe pede a Denise, de 3 anos e meio: "Vai ver se minhas luvas estão no quarto." A garotinha vai e volta para dizer que estão, sem... trazê-las.

A criança, com efeito, é realista e objetiva. Sua inteligência mal formada não compreende todos os matizes da nossa linguagem de adultos. Além disso, menos esperta do que nós, toma ao pé da letra o que lhe dizemos, e não transige com o sentido das palavras. Para ela, é sim ou não, preto ou branco, grande ou pequeno, e jamais admitirá que quereis dizer "sim" quando pronunciais "não".

Devemos, pois, ter o cuidado de exprimir exatamente o nosso pensamento, sobretudo quando se trata de ordens importantes. Digo: "Não se vai mais ao jardim quando escurece." É preciso que *verdadeiramente* a obscuridade te-

nha caído, senão a criança achará que ainda está claro. Mais de uma tem desobedecido assim, *de boa-fé*, e durante muito tempo ruminará o que há de injusto e incompreensível na punição.

Busquemos, enfim, ensinar aos filhos a *verdadeira significação* de uma palavra. Às vêzes nos espantamos verificando que um termo, mesmo corrente, é mal compreendido por uma criança.

● As crianças interpretam textualmente as proibições. Um garotinho a quem se proibira de vir à sala, durante a noite, em camisa, ali apareceu de uma feita inteiramente despido, em presença de visitas, e justificou sua conduta "impudica" pela proibição que recebera de ir à sala "em camisa".

Paulinho (3 anos) adorava laranjas. Davam-lhe por vêzes licença de ir ao vendeiro B... e pôr uma laranja na conta de mamãe. Um dia em que já havia comido duas, pediu: "Posso ir à quitanda de B... buscar uma laranja?" Resposta da mãe: "Não, não podes ir à quitanda de B...!" Alguns instantes depois, ela descobriu o garotinho sentado no jardim, comendo uma laranja. Censurou-o, lembrando-lhe a proibição recente, ao que respondeu prontamente a criança: "Não fui à quitanda de B... e sim à de L..." (O quitandeiro vizinho.)

● Dai ordens em poucas palavras: evitai os discursos e recomendações complicadas. Uma vez dado o aviso, não volteis a êle cem vêzes; obrigai a criança a conformar-se com o vosso desejo sem responder aos seus "porquês" e aos seus "como?" multiplicados.

● Poderia ser imprudente explicar sempre à criança a razão das ordens que lhe dais: seria expor vossa autoridade a ser incessantemente discutida, julgada e... muitas vêzes condenada. Todavia, é útil que, de tempos em tempos, a título de exemplo, façais com que ela compreenda o porquê da imposição de tal ou qual coisa.

Apelando, assim, para o seu julgamento e seu coração, fazendo-a compreender por que deve ser obediente, vós lhe

facilitareis essa virtude. No dia em que considerardes não ser oportuno dar razões é provável que a criança se submeta de boa vontade, de qualquer forma, sabendo que vossas razões costumam ser boas.

- Não faleis como um déspota; não tenhais continuamente à boca: "Quero, ordeno, que a minha vontade valha mais do que qualquer motivo..." Às vêzes isto constitui prova de força; com maior frequência, entretanto, é um sinal de fraqueza que não engana a criança por muito tempo.

- Uma ordem não poderá ter bom efeito se exprimir uma ameaça, um sentimento de cólera ou uma reprimenda antecipada, como se a ordem, antes mesmo de ser formulada, já fôsse mal executada.

- Há determinações mal feitas que sugerem simultaneamente a possibilidade de uma resistência e o sentimento de aborrecimento inerente ao ato que sem essa intervenção ter-se-ia executado automaticamente, sem resistência nem aborrecimento.

- Parece que a vontade da maioria dos pais e dos educadores é a de dar, antes de tudo, à criança, o conhecimento e a intimidade do mal. Depois do que lhe proíbem êsse mal e a castigam se o pratica!

Desde os primeiros anos, em vez de afastar dela as ocasiões de fazer tolices, fazemos com que viva no meio de uma multidão de objetos que, a seu alcance, excitam-lhe a curiosidade, e acêrca dos quais lhe repetimos sem cessar — antes mesmo que a idéia lhe surja — "Não toques nisso!" Em lugar de ocupar o espírito e as mãos da criança, de modo a dela afastar a própria idéia de fazer uma tolice, deixamo-la ociosa, multiplicamos-lhe as proibições. "Não farás isto, não dirás tal coisa, etc..." E nem percebemos que a própria interdição faz nascer a idéia e o desejo da coisa que não se deve fazer.

E assim vai ao longo de toda a educação. Em vez de invocar diante da criança o bem, a beleza, a justiça, a bondade, etc., de com êsses valores alimentar-lhe a imaginação,

fazer com que ela os ame e admire, apenas a entretemos com o mal, faltas e coisas feias a pretexto de que delas devemos afastá-la. Em lugar do entusiasmo pelo bem, que a tornaria forte, nós a saturamos com o temor do mal, que a torna pusilânime, senão hipócrita.

● O verdadeiro modo de preservar uma criança, é formar o seu discernimento, dando-lhe ocasião de exercê-lo. Ao dizer-lhe, por exemplo: "Vais ter frio, vai resfriar-te... Vais ter uma indigestão... Vais te machucar... Vais cair...", formulam-se afirmações peremptórias que tendem a se realizar por si mesmas, graças ao seu potencial evocativo. Os temores dos pais ganham corpo: o perigo *se acrescenta* em vez de aumentar, como é preciso, a resistência da criança. A uma pedimos que tire a mesa. Instintivamente lhe dizeis: "Cuidado! Vais deixar cair alguma coisa..." Basta essa afirmação para tornar a criança desajeitada.

● Cumpra suavizar vossos imperativos. Procurai dar à criança a impressão de que a coisa a fazer vem mais de seu próprio pensamento do que de uma vontade estranha: "Acho que tens razão se queres fazer isto assim... É inteligente de tua parte agir dessa maneira." Não é nem necessário nem desejável que uma ordem produza impressão desagradável.

● O argumento pessoal: "É preciso fazer isto" age mais sobre a criança do que a fórmula do despotismo pessoal: "Quero que faças isto!"

● Quando a criança cresce, não lhe mostreis nunca a obediência como uma diminuição de sua personalidade, mas ao contrário como um meio de mostrar que ela possui uma bela alma de chefe. O chefe é o que sabe obedecer antes de saber ordenar.

● Se o educador, por toda a sua atitude, mostra que não é nem para o seu prazer, nem para sua vantagem, nem por capricho, nem por orgulho que emprega sua autoridade; se ordena de modo a dar a impressão de que ele próprio obedece ao fazê-lo, torna-se então para a criança a revelação de uma vida superior em que, sob o reino da justiça e da bondade, desaparece a oposição dos egoísmos.²

² J. J. ROUSSEAU, op. cit., pág. 35.

A ARTE DE REPREENDER

Por definição, falta experiência às crianças. É papel dos pais alertá-las sobre os perigos que podem correr. Mas, os brados de alerta incessantes e desproporcionados acabam por embotar a atenção e a sensibilidade; e quando houver perigo real a prevenir, a intervenção dos pais não será então levada a sério.

● Há dois excessos a evitar em matéria de educação: o que consiste em jamais intervir — o “deixa-fazer”, o “deixa-passar” — ou a política dos olhos fechados: “Faze o que te agrada e deixa-me em paz”, política de demissão que pode culminar em consequências catastróficas; ou então, o excesso que consiste em intervir a cada instante por bagatelas. A verdade, como sempre, está no meio-térmo. A criança precisa da ajuda do adulto e mesmo, quando é pequena, essa ajuda pode consistir numa espécie de adestramento incessante: a lembrança de uma dor (palmada ou ralho) relativa a um gesto ou a uma atitude repreensível.

● Os bons exemplos e os estímulos ao bem nem sempre bastam em educação. A criança não nasce perfeita. Há nela tendências anárquicas e às vezes, quando menos se espera, pode manifestar um caráter ciumento, autoritário, independente, associal, etc. . . É, por conseguinte, normal que papai e mamãe canalizem, orientem no bom sentido as jovens forças vivas, por uma repreensão que, bem dosada, bem adaptada, aplicada a tempo, contribuirá para que a criança toque com o dedo as fronteiras do bem e do mal, do justo e do injusto, numa palavra, para formar o seu julgamento moral.

● Uma advertência, para ser eficaz, deve ser breve e rara. Se assume o ar de cena, de gritos intervalados ou superagudos, perde todo o efeito. A princípio amedrontada, mas logo indiferente, a criança deixará passar a tempestade à custa de nossa autoridade, mas também à custa da formação de sua consciência, porque uma consciência não se forma sôzinha.

● É de todo interesse que as vossas intervenções se efetuem com serenidade e se revistam de um caráter pacificador. Terão, assim, podéis estar certos, um alcance salutar; mesmo que contrariem, momentaneamente, as defesas instintivas da criança, ajudá-la-ão por fim a dominá-las.

● A maioria dos pais não imagina até que ponto usa de autoridade por enxurradas de observações inúteis e secundárias, por insistência de recomendações acessórias, por excessos de solicitude que vão de encontro ao bem objetivado.

Por pouco que se observe num jardim, num trem ou num lar, uma mãe com o filho, é de espantar o número de advertências por vezes contraditórias e de repreensões por vezes lógicas e injustificadas que chovem sobre os pobres pequenos: "Henrique, não corras mais, vais sentir muito calor..." E cinco minutos depois: "Não fiques aí plantado como uma árvore, vai brincar... Não te chegues tão perto da água... Cuidado com os sapatos, vais sujá-los!... Vais ainda desobedecer-me, como sempre... Que foi que te disse, Henrique?... É terrível ter crianças como esta! Não há nada a fazer contigo, não serves para nada!" E ainda é bom quando a pobre mãe, inconsciente do alcance de suas palavras, não acrescenta: "Vê-se bem que tens o gênio de teu pai!"

● A solicitude maternal só deve exercer-se no caso em que fôr verdadeiramente necessária. Fazer censuras sem fundamento é arriscar-se a falsear a consciência da criança, que não aprende a atribuir às ordens e às interdições a importância relativa que merecem; a criança não se desenvolve como deve, não realiza a sua própria experiência, suportando as consequências de suas tolices ou de suas imprudências (naturalmente, onde não houver grave perigo).

● Entre as vantagens oferecidas pelo sistema das reações naturais, encontramos desde logo a de que forneceu ao espírito, em matéria de conduta, aquela noção justa do bem e do mal que resulta da experiência dos bons e maus efeitos; secundariamente, vemos que a criança, já não experimentando senão as consequências penosas de suas ações más, deve reconhecer mala ou menos claramente a justiça da penalidade; em terceiro lugar, que a justiça da penalidade sendo reconhecida, e a penalidade tendo sido aplicada pelas mãos da natureza e não pelas de um indivíduo, a criança se irrita menos com ela, enquanto que o pai, não fazendo senão cumprir o dever relativamente passivo que consiste em deixar o sofrimento produzir-se pelas vias naturais, conserva uma calma relativa; em quarto lugar, que, assim prevenida a exasperação mútua, relações mais suaves, mais fecundas em boas influências passam a existir entre pais e filhos.¹

● Quando uma criança cai ou bate com a cabeça na mesa, sente uma dor cuja lembrança tende a torná-la mais atenta... Se toca na barra de ferro do fogão, se passa a mão na chama de uma vela ou recebe na pele uma gota de água fervente, a queimadura que sente é uma lição que não será facilmente esquecida. Uma criança habituada à inexactidão perderá o passeio, uma criança negligente, que perde ou deixa que se quebrem os objetos de seu uso, leva os pais à recusa de substituir os objetos perdidos ou quebrados. Mais tarde, uma criança que não cuida das suas roupas vê-se privada de sair com a família para uma excursão ou para uma visita a pessoas amigas. Mais tarde ainda, um rapaz descuidado ou inativo não obtém um lugar coligado; eis os castigos por meio de reações naturais, que acompanham as faltas cometidas.²

● A fim de ensinar e fazer com que a criança adquira consciência concreta do alcance do que diz ou do que faz, um dos meios mais eficazes consiste, sempre que possível, em levá-la a reparar material ou moralmente o mal que causou.

● Quando se tem de repreender uma criança é melhor (a menos que o erro seja público) fazê-lo em particular e em voz baixa.

● Não prolongar além da medida a conversa com a criança que agiu mal. Não aceitar igualmente a discussão. É melhor cortar o assunto sem mais explicações, com o sorriso calmo de quem possui boas razões e não deseja, no momento, expô-las. O "delinqüente", ultrajado, se esforçará então para

¹ SPENCER, cit., por KERTHA, *L'Autorité dans la Famille et à l'École*, pag. 179 (Ed. Beauchesne).

² KERTHA, op. cit., pag. 177.

adivinhar o que não dizeis. Os argumentos que procurará em lugar dos vossos adquirirão — porque ele os terá retirado do seu próprio íntimo — um valor que os vossos não teriam.

● Não deveis exigir sempre das crianças que reconheçam imediatamente os seus erros. É muito difícil, com efeito, para elas admitir de saída que agiram mal. Se deixam de sustentar teimosamente que estão inocentes, já é uma grande coisa, porque *naquele* momento, em seu íntimo, já estão perto de se reconhecerem culpadas e se renderem completamente às vossas razões.³

● O que é preciso evitar a todo custo quando se faz uma observação a uma criança, é compará-la a uma outra: "Olha como o teu irmão é bonzinho... — Ah, se fosses sempre como o Jaimezinho", etc. Não há nada pior do que isso para criar entre a criança e o modelo proposto ciúmes e até mesmo inimizades implacáveis.

● Nunca ressuscitar, a propósito de um acidente qualquer, tôdas as velhas mágoas. Uma vez perdoada, a falta passada não deve ser mais lembrada. Voltar a ela é mostrar que nada foi esquecido e que se tem sempre em reserva uma certa história humilhante prestes a ser contada de novo. Há nisso algo capaz de desencorajar para sempre uma criança em seus esforços.

● Um dos casos que, em geral, suscita a intervenção tumultuosa dos pais é o de uma disputa entre irmãos e irmãs. Habitualmente, verifica-se que, depois de 4 ou 5 minutos de discussão, uma das crianças cede, seja porque se sente mais fraca, seja porque se mostra mais razoável do que a outra. Por que intervir quando o caso pode solucionar-se por si mesmo de maneira satisfatória?⁴ Não desperdicemos nossa autoridade a propósito de faltas insignificantes. Se há abuso de poder por parte de um "déspota", sempre há tempo para lhe dar uma concepção mais exata da justiça distributiva e da caridade fraterna.

● Conheço dois meninos que dormem no mesmo quarto. Naturalmente, brigam de quando em vez, e com maior frequência ainda brincam na hora de dormir. Foi-lhes dito que deviam calar-se logo que

³ LAMARCA-HOOGVELD, op. cit., pág. 186.

⁴ Tanto mais que frequentemente nos enganamos sobre a intenção real da criança.

se deitassem, mas isso não serviu para grande coisa. Quando a luz se apaga e mamão se retira, a alegria e a tugarelice se desatam. Uma noite, mamãe chega, pela segunda vez, para ralhar com os desobedientes. Semiconsciente da necessidade de infligir uma punição, semi-onternecida pelo riso que ainda vê nos lindos rostinhos, diz: "Será muito difícil obedecer? As mães têm um trabalho difícil: transformar meninos desobedientes em homens bons e leais. Como vou conseguir isto com vocês? Não pensem que é engraçado!" Trata-se de uma simples observação e a mamãe não joga antecipadamente com a resposta; mas, de súbito, o menorzinho dos futuros "homens bons e leais" balança a cabeça e diz com vozinha envergonhada: "E, já pensei também que deve ser triste para o teu coração quando não somos bem educados!" E a mãe se retira contente e grata.⁶

6 J. LAMERS-HOOVER, op. cit., pág. 180.

A ARTE DE PUNIR

A simples repreensão às vezes não basta. É preciso sancionar uma desobediência caracterizada, uma mentira lúcida, um furto desavergonhado.

● Ao período em que a criança está constantemente no berço sucede o tempo em que começa a se alimentar com a colher. Sucede então que, na sua exuberância, a criança se diverte em bater na mesa com esse utensílio. Na primeira vez, a mãe fará compreender que desaprova a brincadeira; estendendo a mão, dirá calma e distintamente: "Não podes fazer isto". Se a coisa renovar-se, a mamãe protestará um pouco mais energicamente e repetirá a proibição de modo ainda mais imperativo. Será, decerto, necessário recomençar mais de duas ou três vezes, mesmo, porém, que seja preciso repetir cem vezes a interdição, disso não pode furtar-se a mamãe sem grande dano... Quando chegar o tempo de levar a criança a um parque, o "não podes fazer isto" tornar-se-á mais necessário ainda. Quanto mais severa fordeas no começo, menos terei de renovar vossas proibições. Mas, a partir dessa idade, a criança começará a se mostrar rebelde; se, até então, só cometia faltas por excesso de vitalidade e por ignorância, fá-lo agora por desobediência. Bom sabeis como isto se produz; quando a criança leva à boca um objeto que de modo algum se destina a esse uso, e que vós o proibis, pode suceder que ela recomece o gesto com determinação, olhando-vos bem no rosto... Se o "não podes fazer isto" severamente pronunciado ficar sem efeito, significa que a criança, para obedecer espontaneamente, precisa de um estimulante mais energético; um tapinha sobre a mão terá decerto êxito maior do que palavras. Não sou contrário a que se bata, às vezes, se é que um tapinha possa chamar-se de "bater".¹

● Não há nada mais falso e mais cruel para a própria criança do que essa errônea sensibilidade que consiste em inclinar-se diante dos caprichos e faltas, sob o pretexto de

¹ J. LAMARCA-HOOVELD, op. cit., pág. 175.

que se trata apenas de uma criança. É claro que não se cogita de brutalizá-la; mas, erigir em princípio ser preciso "não impor às crianças qualquer sofrimento, mesmo leve", é um absurdo que levará a criança a se tornar o nosso próprio tirano.

- A criança é uma anarquia de tendências. Não é de espantar que súbitamente surja uma tendência perversa. Desconfiemos das perfeições prematuras. É papel do educador intervir por vezes enérgicamente para associar no espírito e mesmo na carne da criança a idéia de uma dor física à transgressão de uma interdição.

- A punição, para ser educativa, isto é, para formar a consciência, deve sempre ser dosada, ou melhor, adaptada à idade da criança, ao seu caráter, ao seu temperamento, bem como às circunstâncias da falta. O mau jeito é uma coisa, a maldade, outra. Uma coisa é uma irreflexão, outra uma falta de respeito.

- Um bom corretivo pode produzir uma cura radical e definitiva nos casos em que as advertências e as punições leves repetidas só fazem enervar sem proveito.

- É um erro castigar uma criança por um mal-feito do qual não havia adivinhado o caráter repreensível. Antes de punir, convém verificar se a criança sabia da proibição.

- O educador deve-se apagar o mais possível, a fim de eliminar qualquer aspecto de luta ou de vingança pessoal, e fazer sentir ao culpado que ele é a causa primeira dos aborrecimentos que lhe caírem sobre os ombros. Pode-se mesmo tentar deixá-lo medir sozinho a duração do castigo, ficando bem entendido que a criança só lhe porá termo quando reconhecer seus erros e estiver resolvida a corrigi-los.

- Todas as punições devem ter, tanto quanto possível, um caráter pacificador. Decerto, às vezes, sobretudo para os menores, um tapinha na mão ou uma boa palmada constituem a solução mais salutar. Quase sempre, porém, a sanção só terá vantagem se obrigar o culpado a uma pequena cura de calma e reflexão.

● *Quem bem ama bem castiga*, diz o provérbio. No mesmo sentido, todo castigo, para ser legítimo, deve proceder do amor: de um amor mais forte do que o amor sensível. Não é preciso pisar o coração de carne para punir um ser frágil e ternamente amado? Mas é por vezes o melhor testemunho de afeto profundo que lhe podemos dar. A criança, aliás, não se engana. Distingue com segurança as punições merecidas das que não o são. Jamais uma sanção justa, aplicada com calma, e mesmo firmemente, pode diminuir o respeito ou a afeição para com os pais.

● O educador conhecente de sua tarefa, que não quer abandonar as crianças a si mesmas, nem subjugá-las, transformando-as em instrumentos, sente-se como que identificado com elas, de tal modo que as suas ignorâncias, suas misérias e suas faltas pesam sobre ele como se fossem suas e como se delas fosse responsável; de tal modo que, corrigindo-as por dever, e não para exercer um direito, sofre com elas, como se estivesse corrigindo a si próprio, pelas punições que lhes inflige e pelos esforços que lhes pede... As ameaças e as punições não têm mais do que a aparência de constrangimentos como os castigos que alguém a si mesmo se impusesse. Suportando-os, a criança pode começar a consentir neles. Por si mesma, não se lembraria de recebê-los, e é por isso precisamente que não necessários; por eles, uma consciência vem falar-lhe ao íntimo, uma consciência que, primeiro, supre a sua própria, e que, suprimindo-a, a desperta e esclarece.²

● É preciso que nunca se castigue com um ar de triunfo, como se se tratasse de um ajuste de contas: "Vais ver quem é o mais forte!... Vou te ensinar a me desobedeceres." A educação não é um combate em que há vencedor e vencido, mas uma colaboração tanto mais eficaz quanto é feita de confiança e de afeição.

● Quebrar uma vontade é sempre esterilizar o ser e nem sempre é aniquilar a revolta.

● Evite-se dar à criança a idéia de que foi para sempre repelida da sociedade normal, quer pela sua falta, quer pela punição em que incorreu.

● As crianças punidas com muita frequência terminam por suportar alegremente os castigos, como suportam os raros momentos desagradáveis de suas existências.

² LARRENTIONNIÈRE, op. cit., pág. 41.

● Que fazer quando a uma sanção a criança responde: "Não me importo"?

1. Não responder ao pé da letra: "Também eu", ou então: "Tanto melhor se não te importas!"
2. Não ameaçar com uma sanção mais forte: "Uma vez que não te importas, está provado que não te bati o suficiente..."
3. Dizer simplesmente: "Meu fim não é o de te ser desagradável, mas o de te dar ocasião de refletir, de te acalmar ou de te impedir que incomodes os outros."

Na maioria das vezes, a doçura após a correção fará com que a criança compreenda o fim verdadeiro de vossa imaginação.

● Refleti antes de proferir uma ameaça. Se ameaçais com frequência sem executardes vossas ameaças, estas se tornarão para a criança uma brincadeira sem importância ou um autêntico jôgo.

Um dia, dois meninos, irritados com as ameaças reiteradas da mãe, continuavam a se conduzir mal e confessaram: "Quisemos ver até quando podíamos continuar a nos conduzir mal sem que nos castigasses..."

● Evitai as punições humilhantes, absurdas ou antieducativas. Humilhantes como as "orelhas de burro"; absurdas como a de privar a criança de ir à missa ou à reunião de escoteiros, antieducativas como a de obrigá-la a copiar vinte vezes: "Desobedeci a mamãe" (a menos que lhe façamos copiar uma frase positiva: "Quero obedecer cada vez mais"!)

● Um rapazinho era sujeito a tais teimosias que os pais se haviam habituado a fechá-lo num quarto até que cedesse. A princípio, o pai ia de vez em quando abrir a porta da prisão para perguntar com voz zangada: "Acabaste? Presta atenção... se não te corrigiste ainda, vais ficar aí o dia inteiro, se fôr preciso." Esse sistema de intimação não produzia fruto algum. O rebelde não respondia, ou respondia com uma recusa altiva; e a teimosia se prolongava indefinidamente. Um dia, os pais pensaram mudar de método. Continuaram, sem dít-

vida, a encorajar o jovem obstinado no mesmo lugar, mas sem fortes ralhos: "Vais refletir um pouco sozinho", disseram-lhe. "Vais procurar acalmar-te porque o que tens, sobretudo, é um ar muito enervado, e quando estamos nervosos somos incapazes de refletir direito. Depois, quando compreenderes que é preciso ser razoável, voltarás para junto de nós". Alguns minutos mais tarde, voltaram a êle, mas sem desferir ralhos e coriscos: o pai se contentou em murmurar num tom encorajador e persuasivo quanto possível: "Afinal refletiste?... Estás razoável agora, não é mesmo?... Então, compreendeste?... Ah, eu estava certo que compreenderias depressa... Muito bem! Podes sair..." O resultado foi imediato. A crise terminou como por encanto (e todas as que se seguiram foram resolvidas de forma análoga, até se espaçarem e desaparecerem completamente). Bom entondido, arranjou-se para o menino uma volta honrosa: êle pôde reocupar seu lugar entre os seus com o sentimento reconfortante de uma vitória obtida contra si mesmo, e não mais de uma derrota imposta pelos outros. O educador, obrigado a ser severo, não deve nunca perder de vista um princípio essencial: o de que deve prestar atenção no sentido de fazer coincidir sempre o bem com uma impressão do êxito e de aperfeiçoamento. Se a criança, ao fazer o que deve, experimenta, ao contrário, uma impressão de vergonha e de rebaixamento, é que foi cometido um erro pedagógico, cujas consequências são incalculáveis.³

● Nunca se deve aplicar o castigo de uma maneira implacável e sem remissão. É preciso deixar à criança a possibilidade de reparar a falta pela confissão e pelo esforço. A sanção irrevogável desestimula a vontade de reparação.

● Quanto mais cresce a criança, mais é preciso obter seu consentimento interior a uma punição merecida. A execução material de uma sentença de nada vale se a vontade, secretamente, a contradiz. É preciso que a criança compreenda em que é passível de repreensão. Não abuseis, porém, da corda sensível ou dramática: "Vais me fazer morrer de desgosto..." ou "Acabarás na força!"; menos ainda da ameaça: "Vou te mandar para uma casa-de-correção!"

É sempre preciso não voltar atrás de uma sanção justa. Suspender levemente uma punição merecida é dar antes prova de fraqueza do que de perspicácia. Lembremo-nos de que a vontade da criança precisa apoiar-se numa autoridade tão lógica quanto firme.

³ André BONCE, *Education Familiale*, col. "L'Enfant et la Vie", pág. 101 (Ed. Montaigne).

● Quando vosso filho age mal, deveis cair sôbre êle como uma águia sôbre a prêsa. Êle se curvará à saraivada e fugirá. E nesse caso, não imiteis aquela pobre mulher nervosa, que perseguia o filho gritando: "Marcelo, Marcelo, vem cá para que eu te dê um tapa!"

● Procurai compreender a razão das faltas de vossos filhos. Eis que, na rua, um dêles atira pedras. Chamai-o com um tom natural e mostrai-lhe que se arrisca a quebrar o vidro de uma janela ou a ferir um transeunte. Mas, orientai o seu desejo de jogar alguma coisa. Estimulai-o ao tênis, ao tiro-ao-alvo, a fazer, com as próprias pedras, ricochetes numa piscina.

● É preciso não punir tudo. Há pecadilhos que devemos às vezes fingir que não vemos, sobretudo se não têm consequências morais ou sociais. Mas, quando se proíbe uma coisa, que seja para todos os dias, enquanto não mudarem as circunstâncias.

A ARTE DE ENCORAJAR E DE RECOMPENSAR

As crianças precisam mais de encorajamento do que de punições (FÉNELON).

- Acreditar na realidade das boas disposições é criá-las e aumentá-las.
- A idéia do julgamento ou da opinião que fazemos da criança desempenha um papel importante na confecção dessa tela psicológica sobre a qual os seus atos e pensamentos bordarão dia a dia um pouco de sua vida.
- Quem quer que se persuade da incapacidade de fazer uma coisa, dela se torna realmente incapaz.
- Não é mau que a criança confie em si própria. Em definitivo, é melhor um pequeno excesso do que falta de auto-confiança. O "posso mais" é um estimulante mais forte do que o "não sirvo para nada" ou o "nunca conseguirei coisa alguma".
- A criança é essencialmente sugestionável. Dizemos sem cessar que ela é desajeitada, egoísta, mentirosa, etc..., é conduzi-la a um atoleiro de onde não mais poderá sair.
- Quão mais sadia é a sugestão inversa que consiste em repetir com obstinação a uma criança com tal ou qual defeito, que ela pode apresentar algumas manifestações de fraqueza mas que, precisamente, está em vias de curar-se.

- Nada desestimula mais do que a indiferença: "Afiml de contas, não fizeste mais do que o teu dever; se não te digo nada, é que está bem." A criança precisa de algo mais; é feliz quando se sente olhada e aprovada pelos que estima e ama!
- A confiança facilita a ação; a desconfiança suscita o desejo de agir mal.
- Não tenhamos medo de mostrar às crianças nossa confiança em suas possibilidades, o que será mesmo, por vèzes, o melhor meio de despertar-lhes certas qualidades ainda adormecidas. Lembremo-nos das observações de GOETHE, que vale tanto para as crianças como para os adultos: "Olhar os homens como èles são é torná-los piores; tratá-los como se fôsseem o que deveriam ser, é conduzi-los aonde devem ser conduzidos."
- Nos elogios como nas reprimendas, nas recompensas como nas punições, é preciso ter medida, lógica e justiça. Medida, porque o excesso acaba por desconcertar e mesmo por fazer duvidar do julgamento de quem detém a autoridade. Lógica, porque nada significa felicitar hoje por uma ação que ontem mereceu uma crítica. Justiça, porque uma recompensa imerecida perde o interêsse e a força.
- É preciso encorajar a criança mais pelo esforço praticado do que pelo resultado obtido. O objetivo é fazer com que a aprovação dos pais tenha mais importância do que um torrão de açúcar ou do que um doce.
- Há casos em que é lícito servir-se do amor-próprio, como por exemplo: "Procura fazer êste esforço, é difícil mas creio que podes consegui-lo."
- É preciso evitar as lisonjas que levem a criança a se comparar vantajosamente às outras. O melhor é fazer com que verifique os progressos realizados sôbre si mesma, dando-lhe a perceber que pode fazer melhor ainda.
- Um dos meios de estimular a criança é trabalhar com ela para a realização de tal ou qual projeto, sobretudo se

esse projeto comporta, para seu êxito, um segredo a guardar, como por exemplo os preparativos para o aniversário de mamãe.

- A criança toma gosto pelo esforço que lhe vale a nossa aprovação. Há impulsos que são mais simples desejos de impulso, e não ultrapassariam essa fase caso fossem apoiados pelos circunstantes. Uma aquiescência oportuna imprime coragem e confiança nos que ainda têm passos hesitantes. Nada encorajará mais uma criança do que dizer-lhe, ao ouvi-la exprimir um pensamento justo: "Sim, tens razão", e de lembrar habilmente na oportunidade: "Como acabas de dizer", ou "Como há pouco dizias".

- Fazer com que uma criança verifique os seus progressos é encorajá-la a progredir nêles.

- Se a criança fracassa, nada de rigor desde que houve de sua parte um esforço leal.

- Cumpre evitar fazer elogios sem reserva às crianças. A discrição é quase sempre necessária. É claro que testemunhamos nossa estima: "Sempre acreditel que eras capaz disso e de mais ainda." Estimulemos mas não tratemos a criança como se ela fôsse uma perfeição confirmada em graça. A criança, a quem exprimimos sem cautela e sem medida todo o bem que dela pensamos, corre o risco de tornar-se imediatamente gabola ou um pavãozinho infatuado dos seus próprios méritos.

- O estímulo a uma criança poderá às vêzes traduzir-se numa recompensa material: doces, brinquedos, algumas moedas. Mas não abusemos: há nisso uma solução de facilidade. Um dos perigos dêsse método é o de taxar e comercializar os esforços de ordem moral que, essencialmente, devem encontrar solução na aprovação afetiva dos circunstantes, e satisfação na própria consciência. Além disso, há ainda outro perigo: à medida que a criança crescer, é preciso recorrer a recompensas cada vez maiores. Não é comum ver pais que imprudentemente prometem uma bicicleta ou um manto de peles com risco de comprometerem o orçamento familiar?

● Pode suceder às vêzes que os resultados não tenham estado à altura da boa vontade e dos esforços sinceros da criança. Evitemos acabrunhá-las e até mesmo, para que não fique sob uma impressão deprimente de fracasso, procuremos pôr em relêvo a qualidade demonstrada.

● Anita (4 anos) e Bernardo (5 anos e meio) voltam do um passeio. Os chinelos da Irmãzinha ficaram no quarto do primeiro andar. Bernardo se oferece gentilmente para ir buscá-los. Sob a correndo a escada e volta triunfante, trazendo um par de chinelos que, infelizmente, não são os de Anita. Em vez de ralar com Bernardo, de dizer-lhe: "Que boboca, bem que podias prestar mais atenção, estás sempre fazendo tolices!", é preferível dizer: "Foste muito gentil querendo trazer os chinelos de tua irmãzinha! O par que trouxeste é mesmo tão parecido com o dela que dá para fazer confusão; portanto, vais ter novamente a gentileza de..." A criança compreenderá depressa e subirá de novo a escada com alegria, duplicando assim o valor do seu gesto fraternal.

A EDUCAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Só há verdadeira educação onde há educação da liberdade e, portanto, educação da consciência.

● Praticamente, para a criança de tenra idade, bem e mal são o que os pais assim chamam. É fácil imaginar, então, o perigo representado pelo arbitrário, pelo exagero ou pelos erros de apreciação.

● Até que a criança atinja a idade de ter uma concepção pessoal da vida moral e de suas exigências, os pais são como a sua consciência viva. Nesse sentido, ocupam verdadeiramente o lugar de Deus. Grandeza e responsabilidade, estas! Pois que todo erro de "chaves" ou toda falsa manobra conduzirá mais tarde a *desregulagens* no mecanismo da consciência, e será uma das causas ocultas de muitos *desregramentos*.

● Todos os julgamentos de valor emitidos pelos pais, sobretudo se êses julgamentos são freqüentemente repetidos, confirmados por exemplos e sanções, se inscrevem bem ou mal na consciência profunda da criança e até mesmo nos seus músculos.

● É preciso dar à criança não apenas o conhecimento como o gosto do bem. A virtude que não fôr mais do que virtude fria, arrisca-se a cansar pela sua própria austeridade; quando se adorna de beleza, enche a alma de uma alegria estimulante, atrai e faz desabrochar. Não digais somente: "Está bem", "É mau", mas: "É belo" ou "É feio".

● Muito mais do que em lições expressas de moral, é nos pequenos fatos da vida cotidiana que o mais das vezes se oferece aos pais ocasião de formar julgamentos retos.

● É a propósito de tudo ou nada que a consciência se forma e desperta. Se esse despertar não fôr dirigido, realizar-se-á quase sempre em sentido contrário. Ensinar à criança julgar segundo princípios, segundo os pontos-de-vista da fé, é o melhor meio de assentar sua vida religiosa em bases sólidas.¹

● Requer-se tempo antes que a lei moral se revele à criança como distinta da autoridade. O que melhor ajudará essa descoberta será a observação de que os próprios pais se submetem às prescrições dessa lei moral. No dia em que a criança o tiver compreendido, a autoridade deixará de ser, a seus olhos, a razão determinante do bem e do mal: sua consciência moral terá realizado uma grande etapa.²

● Por si mesma, a criança possui a tendência de julgar o valor moral de um ato segundo o seu aspecto exterior e seu resultado moral. Para formar-lhe a consciência cumpre levá-la a subir até a intenção, porque é nela, muito mais do que no gesto ou nas conseqüências, que reside a moralidade de um ato. "Quebraste esta xícara, por quê? Por falta de jeito? Por irreflexão? Por cólera? Por vingança?... — Denunciaste esse camarada que "colava" na classe, por quê? Por maldade? Pelo prazer de vê-lo castigado? Por que não era teu amigo? Por amor à justiça? Para que as composições não sejam ilegítimas? Para que ele não repita a fraude?... — Por que mentiste? Por brincadeira? Para te desculpar? Para evitar uma punição? Para te gabares?... — Por que desobedeceste? Por que não escutaste? Por que não compreendeste o que te pediam? Por que te crês mais astucioso do que os outros? Por que julgas estar bastante crescido para obedecer? Por que te pediam algo muito difícil?", etc.

● Convém não dar à criança como único motivo de ação: "Dá-me esse gosto." A criança vê muito bem se dá ou não prazer aos que a amam, os quais têm o direito de mostrar-se satisfeitos ou não contentes com ela. Mas há um escolho a evitar, qual seja o de deixá-la acreditar que o único princípio

1 MONT DE HAZELBACH, Archevêque de Chambéry, *Lettre Pastorale* de 1951.

2 H. DE LESTRAET, *Pour une Ecole des Parents*, pág. 21 (Ed. Spem).

moral é de fazer-se apreciar. Arriscar-se-lá do mesmo modo a fazê-la escrava da opinião. É preciso, ao contrário, que a criança adquira uma consciência suficientemente formada para não confundir o bem com o que se aprova.

● As intervenções do educador devem ser de modo a que sempre tenham por consequência despertar na criança o senso da responsabilidade e da consciência pessoal. Virá, com efeito, um dia em que a influência do educador deverá ser substituída pelo sentimento do dever. Será então preciso que a lei moral — que era de certo modo exterior à criança, e lhe fora imposta pela vontade do educador — se lhe torne interior e não tenha outras sanções senão as de sua consciência.³

● Para formar gradativamente a consciência da criança, é preciso julgar diante dela, e com ela, as ações de que se é testemunha ou que se encontram ao acaso de uma leitura: “Esse menino que brigou com um dos seus camaradas, fez bem ou mal? Por quê? Que terias feito em seu lugar?” À noite, sugerir-lhe fazer um exame de consciência e, se necessário, ajudá-la nisso, evitando, contudo, ver apenas os aspectos negativos do seu dia. Não deixar de conduzi-la a tomar uma resolução para o dia seguinte. A noite é um momento particularmente favorável em que a alma distendida se oferece mais à vontade à análise de si mesma.

● À medida que a criança cresce, é preciso ajudá-la a forjar um ideal, a achar uma divisa, a escolher um ponto de esforço, a tomar consciência de suas responsabilidades.

● Pouco a pouco deixá-la em liberdade para escolher por si mesma as suas decisões, ao contrário de sugeri-las por meio de frases como esta: “Se estivesse no teu lugar, acho que agiria assim...”

● Não tenhamos ilusões: nossos filhos vivem atualmente num mundo impregnado de idéias falsas e de máximas duvidosas. Não temer, por conseguinte, demonstrar o sofismo de “slogans” perniciosos como: “É preciso aproveitar a juventude” — “Ôlho por ôlho, dente por dente” — “É melhor roubar do que ser roubado.” “O êxito pertence aos experts.” “Para o que ganho, é demais o que faço.”

3. FR. VIOLETT, “La Crise de l'Autorité”, na revista *Éducation* (1940).

- Não é preciso dizer que os pais devem evitar toda contradição entre os conselhos que dão e os atos que exigem.
- Para formar homens de consciência convém apelar para a consciência da criança e levá-la a sério.
- É possível quebrar uma vontade como se parte uma mola; é igualmente possível produzir um eclipse da consciência ou mesmo extinguir para sempre a sua luz benfazeja, substituindo a consciência pessoal da criança por uma consciência toda exterior. Arriscamo-nos a chegar a esse resultado desastroso por uma vigilância demasiado meticulosa que, pretendendo ver e saber de tudo, inutiliza a consciência da criança, pois uma faculdade sem emprego não tarda a se atrofiar. Trata-se, portanto, em definitivo, de uma ação nociva porque destruidora. Trata-se também de um jogo bastante perigoso porque a psicologia mais elementar nos ensina que a criança fará pouco caso de sua consciência se não se aperceber de que os seus próprios pais ou mestres delas também não fazem caso algum. A criança não cuida absolutamente de ser conscienciosa ao verificar que a sua consciência é considerada como uma quantidade desprezível.⁴

⁴ KLEINER, op. cit., pág. 11.

A EDUCAÇÃO DO SENSO RELIGIOSO

Uma mãe cristã se preocupa com a alma do seu filho muito antes que ele nasça. Durante esse período único em que é uma só pessoa com o serzinho que traz nas entranhas, a mãe pode, por seu espírito de oração e de oblação, exercer uma influência invisível sobre a alma do ser querido e capitalizar para ele as bênçãos divinas.

● No instante do nascimento, as mães e pais cristãos não deixam de consagrar ao Senhor o serzinho querido que Deus lhes deu, ou melhor, lhes confiou. O que será esse filho mais tarde? De qualquer modo, não se destina a se tornar um eleito? E a missão mais importante dos pais não é a de ajudá-lo a realizar a sua vocação sobrenatural de filho ou filha de Deus?

● Tão cedo quanto possível, batizai vosso filho. Que o cuidado com as legítimas alegrias familiares não diminua em vosso pensamento a grandeza do primeiro sacramento que o recém-nascido vai receber. Pensai que no momento em que a água se derrama na sua fronte enquanto são pronunciadas as palavras sacramentais, vosso filho se torna o tabernáculo vivo da Santíssima Trindade, e que forças ocultas — germes das virtudes teologais — nêle se depositam misteriosamente.

● É aos pais que cabem a honra e a alegria da primeira educação religiosa dos filhos. Mas é preciso tudo prever. O padrinho e a madrinha recebem da Igreja a missão de “suplemento” e “complemento”. É nesse espírito que cumpre

escolhê-los, e não tendo unicamente em conta convenções mundanas ou suscetibilidades familiares.

- É nos primeiros meses que a criança — que registra muito mais do que se pensa — pode receber a feliz influência da mamãe orando ao pé do seu berço. A criança, olhando apenas, imitará por si mesma os gestos da mãe e aprenderá assim, pouco a pouco, a juntar as mãos e a enviar um beijo à imagem de Jesus e de Maria, cujos nomes, juntamente com os do pai e da mãe, serão os primeiros que balbuciará.
- Logo que a criança começa a falar, a mamãe pode fazê-la repetir algumas curtas invocações na sua linguagem de recém-nascido. Muito depressa, aliás, ela se mostrará capaz de falar espontaneamente ao Bom Deus, por menor que seja o estímulo materno.
- Do modo pelo qual os pais fazem os filhos rezar depende em grande parte a concepção de oração que hão de guardar toda a vida. Se a oração é feita sem gosto, sem entusiasmo, de tal maneira que se entediam ao fazê-la, ao crescerem correm o risco de associar a idéia de remédio a todo ato religioso.
- O ideal é que a oração se torne para a criança como que uma necessidade e, ao mesmo tempo, uma alegria. Em certos momentos, ela poderá exigir-lhe um esforço, como por exemplo à noite, se fôr grande o sono; contudo, é um esforço que deve ser generosamente aceito.
- A partir do momento em que a criança houver compreendido e saboreado a oração pessoal, torna-se capaz de uma verdadeira vida de união com Deus, de conversação com Ele.
- Desenvolver o espírito de fé na criança é habituá-la a ver Deus e a levá-lo em conta na vida cotidiana. Compete à mãe impregnar da Divina Presença os dias do filho. Cumpre evitar que as relações com Deus sejam relegadas unicamente ao começo e ao fim do dia, mas aproveitar as circunstâncias, bem como as disposições do filho, para elevar-lhe a alma naturalmente a Deus, para provar-lhe e fazê-lo sentir

o amor de seu coraçãozinho por Aquêlê que o vê sem cessar e o ama com tanta ternura.

● É bom não abusar da expressão "Menino Jesus". De certo, o Senhor o foi; lembra-Se de tê-lo sido; mas não o é mais. Se Ele gosta de ser terno com as crianças, não é o açucarado personagem de cachos louros e camisa côr de rosa que uma imagística do tipo "bondon" tem vulgarizado. Ele é e continua a ser o SENHOR.

● De uma parte, não se deve tratar o Bom Deus como um camaradinha, o que levaria muito depressa à falta de respeito e à abolição do senso do sagrado. De outra parte, nunca se deve apresentar Deus como um ser remoto, inacessível, espião das fraquezas humanas, sempre pronto a surpreender as delinquências, pequenas ou grandes. Isto seria uma caricatura, uma verdadeira traição. Quanto mal pode ser feito por meio de frases como a que assimila Deus a um "Papão" ou a um "Papai-de-chicote": "Desobedeceste e por isso te machucaste; é bem feito, o Bom Deus te castigou!"

● Não apresentar igualmente Deus como um rico comerciante com o qual se negocia. Não é aqui necessário refutar longamente a assertiva criminosa de certos pais inconscientes que esperam até que os filhos atinjam a idade de 21 anos para deixar que escolham "livremente" a sua religião. Como se fôsse preciso esperar 21 anos para lhes dar um nome de família, uma pátria! Como se (o que é mais grave) aos 21 anos um homem já não estivesse moralmente orientado! Por que privar essa criança de tôdas as riquezas que uma fé esclarecida lhe trará durante a existência? Por que privar Deus do amor dessa criança? O que importa não é ajudá-la a adquirir, com a graça do Senhor, convicções e uma piedade pessoal de acôrdo com o plano divino a seu respeito?

● Alguns, argumentando com o chamado direito "de liberdade de consciência", gostariam que os pais ficassem mudos diante das apalpadelas do instinto religioso: "Quando crescer mais, escolherá por si mesmo". Mas, sem contar que a criança não precisa atingir essa idade para escolher, e escolher arbitrariamente, em função de seu egoísmo latente ou de seu mimetismo voluntário, tal raciocínio não se mantém de pé. Pois, tratar-se-á, com efeito, — mesmo na idade adulta — de escolher? Não se escolhe se nos devemos alimentar de

peixes ou carnes saladas; a natureza já escolheu por nós. Trata-se antes de "compromisso racional". Liberdade de consciência ou liberdade religiosa no adulto significa realmente: possibilidade que se deixa à razão, embora do si mesma de voltar às fontes de sua fé, sem que dela entretanto duvide. Com a idade, realmente, a fé da criança tornar-se-á independente da dos pais, de onde terá extraído a substância, para encontrar, na reflexão pessoal, na experiência e no estudo, razões convincentes para crer, tal qual o fruto que progressivamente se descasca para oferecer, por fim, sua polpa saborosa. Como estaria atrasada a humanidade se, em cada geração, devesse novamente começar de zero... E, sobretudo, se em princípio, cada geração devesse recolocar tudo em problema. Seria então preciso negar a unidade, a continuidade e a universalidade da consciência humana.¹

● Assim que a criança puder, ensinar-lhe as principais orações da Igreja: o Padre-Nosso, a Ave-Maria. Explicar-lhe o sentido dessas orações, mas cuidar de que sejam recitadas corretamente, sem atropelos. Ainda aí, prestemos atenção ao senso do sagrado e façamos orar "em beleza": belo sinal da cruz, genuflexão bem feita, oração bem dita, com todo o coração.

● Jamais considerar as orações como exercícios declamatórios. Que erro, por exemplo, aproveitar a visita de uma pessoa amiga para fazer com que a criança recite as suas orações à maneira de uma fábula: "Mostra a esta môça como sabes rezar tuas orações." Tais fórmulas só têm valor se exprimirem um sentimento interior, e para ajudar essa expressão nada é indiferente ou secundário.

● Não limitar a oração às fórmulas oficiais. À medida que a criança crescer, estimulá-la também à oração silenciosa, no segredo da alma para com Deus.

● Convém orientar a criança no sentido de uma grande confiança para com a Santa Virgem, por quem nos foi dado Jesus, e em quem sempre encontramos o caminho que a Ele conduz.

● Excelente é inculcar na criança uma devoção prática para com o seu anjo-da-guarda, cuja força protetora é tanto mais eficaz (e Deus conhece as necessidades dos nossos queridos filhinhos!) quão mais freqüentemente for invocada.

¹ *Entretiens familiaux de morale civique* — RENOUVEAUX (18-3-42).

● A criança é gulosa de histórias. Não convirá que, o mais cedo possível, mamãe lhe conte a mais bela de todas: a de Jesus? Não é também a mais emocionante? Mas, se quisermos tirar dessa história todo o proveito para a educação do senso religioso, é preciso, sem insistência, ajudar a criança a exprimir sua emoção numa reza — uma atitude, uma resolução.

● Com as crianças as precauções nunca são bastantes. Porque não lhes souberam contar toda a história de Jesus, inclusive Sua ressurreição, há crianças que permanecem quer no estágio do presépio, quer na fase da cruz. Para as primeiras, Jesus é uma criança como elas, que nunca cresceu; para as segundas, é um Deus morto.

● Meu irmão de 4 anos — conta uma educadora — sempre se interessava pela significação dos crucifixos. Mas, um dia em que se mostrava insuportável, a governante lhe disse: "João-Paulo, se não ficares bonzinho, o Menino Jesus vai chorar!" Meu irmãozinho olhou-a espantado e ergueu os ombros: "Ele não pode chorar porque está morto!"

● Um ponto em que é fácil formar o espírito religioso da criança é o do mistério da morte: em vez de apresentar-lhe a morte como um poço negro e fatal em que toda a humanidade vem cair, por que não lhe fazer compreender que a morte não é um fim, mas um começo e, como diz a Igreja, o nascimento para uma vida nova incomparavelmente bela, boa, feliz e eterna; que o "não sei quê" do táfalo nada tem que deva perturbar, uma vez que é apenas um invólucro material que a alma, sempre viva, repele como a borboleta repele a crisálida de que se serve para se lançar no azul primaveril; que somente os maus devem temer o Além, que os bons só podem desejá-lo?

● A excelente revista *L'Anneau d'Or*² interrogou um dia os seus leitores: "Como ajudar as crianças a fazer a descoberta da morte?" Dentre as respostas recebidas, destacamos estas duas experiências:

● A propósito da criança diante da morte, eis a experiência de minha infância, pelo menos no que concerne ao fato material da

² *L'Anneau d'Or* (set.-out. 1931) (Ed. du Feu Nouveau, 9, rue Gustave Flaubert, Paris).

presença dos mortos. Todos o retardam indefinidamente sob o pretexto de não impressionar as crianças. A meu ver é um erro: o choque será muito mais violento quando o primeiro morto que elas virem fôr um ente querido.

Quando ainda éramos muito crianças, entre 6 e 7 anos, mamãe não hesitava em levar-nos para junto de alguém de suas relações que acabara de morrer e que nós, crianças, mal conhecíamos. Ela o fazia com tãda a naturalidade: "O Sr. X. acaba de morrer. Sua alma está junto ao Bom Deus, ou talvez ainda no Purgatório. Vamos rezar perto do seu corpo, por ãle e por sua família que está sofrendo." E mamãe evitava acrescentar: "Não tens medo, não é verdade?" Ou outra sugestão inãbil do mesmo gênero. De modo que bem cedo fomos habituados a olhar sem o menor receio, adormecidos na morte rostos que havíamos conhecido vivos.

De volta, mamãe aproveitava a ocasião para falar-nos sãbre a vida e a morte de um cristão, de uma maneira muito simples, a propósito daquele que acabávamos de ver: ela nos contava como havia vivido e como se preparara para morrer. Fazíamos perguntas de crianças às quais ela nos respondia tranquilamente.

Mais tarde, quando Deus chamou para Si nossas avós, depois uma irmã e um irmão ternamente amados, nossa dor, embora grande, não se complicou com o terror nervoso que vi certos adultos sentirem nessas ocasiões.

"Mônica (7 anos) vai ser operada de apendicite. Eu queria que se, por acaso, ela morresse, sua morte fôsse aceita. Disse-lhe:

— E que dizes, Mônica, se morrasses na tua operação?

— Ora, eu estaria desmaiada (anestesiada), não pensaria em nada! E será quo acabariam a operação se eu morresse no começo?

— Não, não valeria mais a pena.

— Oh, mas seria feio!

— Ora, te poriam um penso. Mas, dize, se morrasses?

De repente, o rosto de Mônica se ilumina, ela imagina bem as coisas:

— Mas, mamãe, se eu morresse não seria nada mau, eu iria para o Céu!"

Disse isto com entusiasmo e num tom alegre. Em seguido, tomada de uma humildade sincera, inimitável, quo fazia lembrar as palavras: "Se não vos tornardes semelhantes a êsses pequeninos..." acrescentou com timidez: "Quer dizer... se Deus não achar quo tenho muitos pecados!"

Depois, retomando tôda a sua segurança: "Mas, certamente, irei direta ao Céu se morrer na operação, porque não seria por minha culpa. Se foi o Bom Deus que me fez vir aqui, Ele me levará Consigo."

E ao fim de um instante, pois tudo isto se passa enquanto se prepara o jantar: "Sim, seria bom ir para o Céu, mas penso que gostaria de ficar ainda um pouco contigo, mamãe... Mas, será como Deus quiser."

E com essas palavras, ela vai aos pulos acabar de pôr os pratos.

● Será preciso, um dia, falar do demônio, pois é uma triste realidade. Mas, atenção, nada de dramatizar! Evitemos as imagens medievais ou as representações terrificantes de diabos com chifres, pés de cabra e caldeiras ferventes. Com isso, arriscar-nos-íamos simplesmente a falsear para sempre o equilíbrio do senso religioso da criança. Certo, o inferno eterno é uma verdade: Nosso Senhor afirmou-o com veemência no Evangelho. Mas, evitemos os pormenores que não se baseiam em qualquer fundamento, e que só servem para impressionar a imaginação, ao ponto de criar, em algumas crianças, verdadeiras fobias que se traduzirão, na puberdade, por crises de escrúpulos. Evitemos, sobretudo, ameaçar com o inferno as crianças por simples pecadilhos. Apresentemos a religião na sua luz verdadeira: uma calorosa vida de amizade com Deus que nos ama e nos chama a uma esplêndida obra de amor, cada um de nós tendo o dever insubstituível e a forma de serviço que somente Ele pode dar no grande conjunto cuja harmonia veremos à luz da eternidade.

● Quando a criança crescer, é preciso não hesitar em dar-lhe o sentido da comunidade cristã de que faz parte. Contar-lhe a história dos apóstolos, dos mártires e dos santos; a bela história, também, das missões.³ Falar-lhe do Soberano Pontífice, do Bispo, e lhe inspirar pelo exemplo e pela palavra, em relação aos padres, um grande respeito pelo seu ministério sagrado.

● Mostremos igualmente, por fatos e exemplos, como a fé cristã enobrece o ser humano: grandes homens, sábios, heróis cristãos.

³ Será bom agregar a criança à "Obra Pontifical da Santa Infância", que lhe estimulará o desejo de fé quanto às outras que ainda não conhecem Jesus. Prepará-la também na melhor compreensão das maiores responsabilidades de todo batizado.

● Inspirar à criança o orgulho de seu título de batizada, sem desprezo algum, é claro, pelas que não o são. Mas ensinar-lhe que pode, pela oração, pelo sacrifício e pela oferta de suas menores ações, exercer uma influência feliz sobre o mundo inteiro: "Senhor, fazei com que todo o mundo vos ame!"⁴

● Advertir a criança de que não se espante se vir sombras, contradições, horas difíceis na história da Igreja. A barca de Pedro é freqüentemente assaltada pela tempestade. Perseguições e abandonos foram, aliás, preditos. Mas o Cristo é o eterno Vencedor, é Ele que terá a última palavra.

● Além de uma fé pessoal tão ardente e luminosa quanto possível, munir a criança de uma boa bagagem de respostas apoloéticas que lhe servirão de arma para qualquer ocasião.⁵ Porque a criança que não sabe responder a uma objeção corre o risco de adquirir um complexo de inferioridade que, segundo os temperamentos, poderá agir em contrário sobre o sentimento do valor de sua religião. Sugerir-lhe, no caso em que não possa responder de imediato, que peça ao interlocutor para escrever a objeção formulada, a fim de que se informe a respeito com alguém de maior competência.

● Vossos filhos não estão ainda, talvez, na idade de seguir todos os mandamentos de "gestos cristãos"; não estão ainda obrigados, pela idade, à abstinência, à missa dominical, à comunhão pascal; mas, ter-lhes-eis dado as bases fundamentais da religião interior, sem a qual a outra do pouco vale: a alma de vossos filhos já está conquistada, no íntimo, pelo Cristo; só lhes resta, à medida que progredirem, desenvolver sua religião pelo exercício exterior sem essa má cicatriz que muitos cristãos conservam, separando a vida pessoal em cristianismo feito de lembrança.⁶

4 Dentre as histórias a contar-lhe, é preciso fazer menção especial à de Santa Teresinha do Menino Jesus, e sobretudo, a tal respeito, da conversão que ela obteve, por suas orações e sacrifícios, do condenado Franzini, no próprio instante de sua execução. Assim, à distância, pode-se obter qualquer graça sem mesmo conhecer as que a recebem.

5 Eis, a título de exemplo, a resposta de um jovem aluno, verdadeiro "cariótipo" parisiense, a um "antigo" que não cessava de importuná-lo:

"— Então, frequentes ainda os padres?

"— Perfeitamente! E por três motivos: primeiro, porque me agrada; segundo, porque é da minha conta; terceiro, porque odo é da sua!"

A resposta não foi, talvez muito "científica"; teve pelo menos o mérito de deixar o interlocutor de boca aberta.

6 Mons. BRAULT, Bispo de Saint-Dié. *Lettre Pastorale* 1951.

- A partir de que idade se deve levar as crianças à missa? Depende de cada uma delas e de um certo número de circunstâncias externas. O que é preciso evitar é que a criança não se aborreça na cerimônia ao ponto de detestá-la: não esqueçamos que uma presença prolongada, imóvel e silenciosa é contra a sua natureza. Mas, se os pais lhe explicarem, de modo adaptado à sua inteligência, a significação da missa, os gestos do padre, as diferentes partes do Santo Sacrifício, se guiarem sua oração, suas atitudes e intenções, a criança de 7 anos, ou mesmo de menos idade, pode assistir à missa com bons frutos.
- O ponto delicado é o do sermão. Confessemos: raros são os sermões compreensíveis para a mente infantil. De um modo geral, aliás, uma criança não é capaz de seguir o encadeamento de idéias de um discurso, antes da puberdade. Que deixar que ela faça durante esse tempo? Se não puder sair e tomar parte numa reunião especial para crianças, como se pratica em certas paróquias, o mais simples é dar-lhe um livro de gravuras religiosas que possa ocupar seu espírito e seu coração.
- A primeira confissão é um acontecimento capital na vida religiosa de uma criança. Cumpre ter em mente não apresentá-lo como algo capaz de assustar. Nada mais inábil do que dizer frases como a que segue: "Verás a penitência que o Padre vai te dar quando te confessares!" É preciso, ao contrário, encorajar as crianças e ter confiança e insistir na alegria de receber o perdão do Bom Deus.
- O papel da mamãe deve permanecer muito discreto. Ela pode ajudar a criança a preparar o seu primeiro exame de consciência; mas, que não vá contar ao confessor, antes da confissão, os defeitos do filho "para ter certeza de que tudo será dito". Deixe o confessor preencher a sua missão: tem graça de estado para isso.
- Não esqueçais também que o confessor está prêso ao segredo sacramental, tanto para as crianças como para os adultos. Não lhe perguntar depois da confissão: "Que foi que meu filho disse?"

● Levei o respeito à consciência do vosso filho ao ponto de não interrogá-lo: "Que foi que te disse o Padre? Que penitência te deu, etc. . ." Este é um campo em que é preciso ter reserva a todo custo. As crianças perderiam depressa a confiança nos seus confessores, como nos seus pais, se pudessem suspeitar, justa ou injustamente, uma combinação entre eles.

● Onde o entendimento com o padre é desejável é no que toca à primeira comunhão. Normalmente, a criança deveria poder comungar desde que fôsse capaz de dar um testemunho correto de fé na Presença real. Certo deveis encorajá-la, com as vossas palavras, a que comungue; mas o importante é que vá espontaneamente à santa Mesa. Nunca intervir para impedir-lhe a comunhão a pretexto de que não se portou como devia: a comunhão é um remédio, não uma recompensa.

● Buscai auxílio para essa tarefa de formação religiosa do vosso filho nos agrupamentos apropriados como a "Formação Cristã dos Pequenininos" ou a "Cruzada Eucarística". Aí encontrará a criança, ao lado de uma graça específica própria desses movimentos aprovados pela Igreja, a força de uma comunidade cristã à sua medida e dimensão.

A EDUCAÇÃO DA VONTADE

Um padre que exerceu profunda influência na sua paróquia — o Padre Marc, vigário de Saint-Nicolas de Troyes — escreveu um dia aos pais e mães de família uma carta aberta que começava por estas palavras:

"Vejo muitos pais... Eles me suplicam fazer "qualquer coisa" de seus filhos. Vejo também muitas crianças... Conheço-as. O que a todas falta é o hábito do esforço. Não receberam formação a esse respeito; não se lhes exige bastante... transige-se... capitula-se... Mas, elas não boas, possuem imensos recursos. Muita coisa se podia tirar de sua boa índole. Infelizmente, deixam-se viver... Não têm vontade bastante... É o mal da época. É absolutamente preciso remediá-lo... desenvolver a energia das crianças. É urgente. Todo o futuro está neles."

● É um fato. Em numerosas famílias tem-se medo de pedir esforços à criança, e isto sob os mais fúteis pretextos: receio de contrariá-la, de fazê-la sofrer, medo de complicações, de vê-la amuada. É uma educação mesquinha e, mesmo, às avessas; porque as crianças que não sabem dominar-se, renunciar, preocupar-se com os outros de um modo mais ou menos adaptado à sua idade, serão mais tarde vencidas pela vida, quando não se tornam os carrascos dos que lhes ensinaram a se transformar em tiranos.

● Uma dirigente de colônia de férias escrevia em seu relatório:

"Em muitas famílias, são as crianças que mandam e olham a mãe como uma criada. As crianças são apáticas; empreendem as coisas quando lhes são ditas 25 vezes, e é preciso firmeza para que cheguem ao fim. No conjunto, não há por onde se lhes fixe. Têm

sêde; querem beber imediatamente; têm fome: querem comer a qualquer hora; estão cansadas: acabou-se, impossível ir adiante, etc... Os pais acham tudo isso muito natural e não reagem suficientemente. Certas mães respondem: "Fui educada com severidade, não quero que ele sofra como eu; ele verá com o tempo!"

● Outra dirigente, mãe de uma garotinha, respondeu quando lhe falaram de dar à filha educação física: "Isso não!... dou-lhe fortificantes, mas não quero que ela faça esforço!"

● *A vida é feita para ser vencida*, disse RENÉ BAZIN. Se na idade em que se formam os hábitos a criança, diante de um esforço, adquire o complexo de vencer a si mesma, enriquece as reservas de energia que ajudarão, mais tarde, a dominar as dificuldades da existência.

● Para desenvolver a energia e a vontade nas crianças, é preciso que os pais dêem o exemplo, e é nesse ponto que a criança se torna, sem que o perceba, um dos educadores mais exigentes dos pais. É preciso que os pais zelem pelo estado físico e moral dos filhos. É preciso que se esforcem para nunca se queixar diante deles, nunca ter o ar triste, morno, abatido, desanimado.

● Não tenhais medo de pedir aos vossos filhos coisas um tantodifíceis. Mas é bom preveni-los e encorajá-los: "Vamos fazer um trabalhinho pesado, vais ver, porém, que chegamos a bom termo."

● Não ter medo de apelar para o desejo instintivo de crescer, característica de tôdas as crianças: "Se queres tornar-te um rapazinho, mostra que tens coragem. Vamos, és uma mocinha enérgica; e quando se tem coragem, um pequenino incômodo não é razão para queixas."

● No momento oportuno, fazer com que uma criança se orgulhe de sua firmeza. Um menino de 4 anos a quem o pai felicitava pela sua resistência à fadiga, após uma caminhada um pouco mais longa do que a prevista, respondeu: "Oh, papai, estou cansado, sim, mas não digo!"

● Apelar igualmente para a tendência infantil de procurar saber a opinião que os outros têm a seu respeito. Trata-se, aliás, de um legítimo processo de pedagogia.

Conheci um homem que havia praticado numerosas ações boas e uma quantidade considerável de ações deploráveis — escreve DUCHAMÉL em *La Possession du Monde*. Um dia em que o vi indeciso entre suas várias inclinações, comecei a dizer-lhe certas frases que se iniciavam mais ou menos assim: "O senhor, que é tão bom... O senhor, que fez tal ou qual boa ação..." Ora, aconteceu que esse homem se tornou realmente muito bom para não desmentir a reputação que lhe fora atribuída. Se, ao contrário, eu lhe tivesse chamado a atenção para as suas baixezas de caráter, ter-se-ia, talvez, transformado num patife."

● É tão importante desenvolver na criança a coragem e o espírito de sacrifício, quanto os hábitos morais parecem mais fáceis de adquirir antes do que depois da puberdade. Ora, é um fato que se pode gozar mais livre e profundamente as alegrias sãs e santas da vida à medida que nos sentimos capazes de renunciar a elas.

Resguardem-se os pais de uma solicitude meticulosa preocupada em facilitar demasiadamente a vida à criança e lho aplainar todas as dificuldades. Saibam dar a compreender aos filhos, à medida que crescem, que devem conseguir pela própria energia a transpor as dificuldades comuns, e que, ordinariamente, devem se arranjar como puderem.¹

● É preciso educar virilmente as crianças. É normal que por vezes recebam pancadas, arranhões, pequenos ferimentos sem gravidade. Claro que não se trata de deixar as feridas infecciosas; é, aliás, preciso ensinar as crianças a se tratarem por sua própria iniciativa. Como quer que seja, o que é preciso evitar é o papel ridículo dos pais demasiadamente sensíveis: "Ai, minha florzinha, em que estado ficaste!... Que coisa horrível!... Como sangras... que desgraça!..." A criança que se sente objeto de uma solicitude exagerada, imagina que acaba de ser vítima de um terrível acidente, e instintivamente procurará tornar-se centro do interesse geral, tanto mais quanto a sugestão aumenta as sensações dolorosas que se originam das feridas mais insignificantes. Os pais correm simplesmente o risco de fazer do filho um inquieto que se observa, receia qualquer sofrimento, transforma o menor incômodo em catástrofe, espreita o funcionamento do seu organismo e perde a cabeça com qualquer coisa.

¹ KIERKE, op. cit., pág. 221.

● Evitemos também as interrogações inquietas, os ares de pena, as solitudes excessivas: "Está doendo muito?... Dize-nos o que sentes..." Os pais chegam a convencer os filhos de que são frágeis, incapazes de certos esforços ou de certos êxitos; daí, a timidez, os tiques, as fobias ou, por ação de ricochete, a atração pelas aventuras.

● Os pais devem dar aos filhos o exemplo da coragem. Quando conhecemos o desânimo ou o cansaço, ocultemo-nos das crianças até que possamos de novo aparecer na presença delas como devemos. E como poderia ser de outro modo? Elas devem se apoiar em nós; poderiam apoiar-se em seres fracos e vacilantes?

● Quando o desgosto nos submerge, não contemos com as crianças para que nos apaziguem; não é este o seu papel. Iríamos decepcioná-las e causar-lhes mal. Devemos ser grandes na prova, sem dissimular o seu caráter doloroso às crianças, mas a fraqueza diante delas não nos é permitida.

● Evitemos educar as crianças numa "caixa de algodão". É claro que podemos dar-lhes gulodices de quando em vez; faz parte da idade e o que contém açúcar lhes é útil. Mas, é preciso evitar todo excesso. Cumpre ensinar-lhes a que possam passar sem doces, dêles se privando mesmo, voluntariamente, uma vez ou outra.

● Um dos melhores serviços a prestar às crianças é acostumá-las ao esforço e até mesmo levá-las a sofrer sem que se queixem.

Conheci uma mãe admirável. Quando solteira havia estudado os problemas da educação. Sabia como agir para despertar nos seus garotos o gosto e a prática do esforço, o senso do belo, o hábito da franqueza, da ordem, das orações regulares, do bom humor... Pedia aos filhos que se esforçassem até a vitória, determinando-lhes um objetivo elevado, prático, capaz de emocioná-los. Fazia com que se interessassem pelos doentes, pelos padres do interior, pelos agonizantes que necessitassem de graças... por um retiro de almejado sucesso. Ela apaixonava os filhos com um "fim". Depois, lhes dizia: "É preciso que ao chegar a noite vocês tenham feito sacrifícios". As crianças sentiam-se estimuladas, vigiavam, lutavam. À noite, a mãe os fazia sentir as alegrias que gozamos quando praticamos o bem. As crianças prestavam atenção. Observavam que o mal torna a gente

infeliz, que há, pelo contrário, alegrias sublimes no cumprimento do dever. Conflavam em si mesmas e faziam a própria conquista; sonhavam-se orgulhosas com isto.²

● Um dos melhores meios de desenvolver a vontade da criança é o de proceder por afirmações que serão articuladas sempre que se oferecer a ocasião de um esforço a realizar: "Trabalho pesado! Isto me agrada. — Isto vai custar, mas vou fazer. — É difícil, tanto melhor!" Tornamo-nos fortes à custa de esforços.

Um pouco de vida rude é necessária à saúde tanto física como moral... Nada de bom e de belo se faz aqui embaixo sem esforço. O esporte exige esforço, a arte exige esforço, a ciência exige esforço. Podemos atingir a glória, mas não sem transpor bravamente as dificuldades do caminho. "Lalim sem choro, grego sem lágrimas": ilusões perigosas. Para não se decompor, a vida humana, em todos os domínios, precisa de uma certa tensão, de um certo fervor que não se encontram apenas no herói e no santo, mas na virtude simples do homem honesto e no trabalho bem feito do artesão. Em qualquer vida é preciso um pouco de heroísmo; algumas vezes é necessário que haja muito. Erro grave é expulsar o heroísmo do nosso ideal, erro que provém, decerto, entre os modernos, de uma lamentável confusão entre violência e heroísmo. É a violência que é preciso banir da cidade dos homens, e não o heroísmo.³

● Há no âmago de cada criança um heroísmo latente ao qual devemos recorrer frequentemente se desejamos que ela se eduque.

● Tenhamos realismo ao mesmo tempo cristão e humano. Seria enganar gravemente nossos filhos dar-lhes a entender que na terra eles têm um direito absoluto, incondicional, à felicidade e à satisfação imediata de seus caprichos ou de suas fantasias. É preciso que saibam que na vida nada se obtém sem luta, sem paciência, sem esforço. É preciso também que, como cristãos, venham a colaborar na redenção do mundo, e isto não se consegue sem o encontro com a cruz. Todavia, não se trata absolutamente de afobá-los. A cada dia, cada pena; a cada pena, sua graça. Deus mede as cruces de acordo com os nossos ombros e Ele próprio se oferece para levá-las conosco, a fim de realizar em nossa carne o que falta à sua Paixão.

2 Ps. MARC. *Circulaire sur l'Éducation*.

3 MONA. DE SOLAZA, "Semaine Religieuse de Toulouse" (17-11-1940).

É por meio da luta, e por vêzes mesmo do sofrimento, que o homem digno dêsse nome encontra a alegria mais estável e mais profunda. "Durch Leiden Freude", dizia BEETHOVEN.

Esse espírito de esforço sobre si mesmo quer dizer, em definitivo, de renúncia e de abnegação, é a melhor preparação a êsse carregar a cruz que deve ser a vida de todo cristão capaz de compreender alguma coisa do seu Batismo e de Jesus Cristo.⁴

Para nós, a dor tem uma significação que devemos ensinar aos nossos filhos. Não lhes digamos a monstruosidade de que o sofrimento é um bem em si. Não, o sofrimento é mau: não vem de Deus mas do pecado; é preciso não comprazer-se nêle e torná-lo por um fim, mas tão-sòmente por um meio, meio poderoso de expiar nossas faltas e ajudar o Cristo na obra da redenção. "Estou cheio de alegria nos meus sofrimentos", diz São Paulo, "porque realizo na minha própria carne o que falta à Paixão do Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja".

O educador que compreendeu o sentido da dor e conhece seu preço, fará com que os filhos os compreendam facilmente. Eles saberão que o sofrimento é doloroso, mas não lhe terão horror; saberão impor-se sofrimentos voluntários e encontrar na própria aceitação da dor uma alegria de qualidade infinitamente superior, porque fruto de uma caridade mais profunda.⁵

● É normal que a criança sinta medo; mas é inútil e mesmo perigoso criar complexos de medo, por meio de histórias aterroizantes e caretas odiosas, casos de fantasmas ou de ladrões.

● Quando uma criança sente medo, não zombemos dela. Devemos restaurar-lhe a confiança, dar-lhe exemplo de sangue frio, encorajá-la a verificar que o seu medo não tem fundamento.

● É bom que a criança tenha mesmo até um certo ponto o gosto do risco. O primeiro dos meios de ação contra o perigo é o de não receá-lo, mesmo quando se trata de uma criança.

4 JACQUES SEVIN, "La Promotion de Jésus-Christ", na revista *Le Chef* (15-1-1933).

5 FRANÇOIS DEKETHEN, "L'Éducation chrétienne de la Jeune" na revista *U. T. O.* (outubro de 1936).

- É preciso aprender a ver o de que não se gosta, para se habituar a só gostar do que se deve querer.
- As grandes vitórias morais não se improvisam. São o fruto de uma multidão de pequenas vitórias obtidas nas minúcias da vida cotidiana.
- Um dos papéis da educação é o de contribuir para forjar caracteres, conferir à criança, como se dizia na Idade Média, o maior dos "Senhorios": o de si mesmo.

A EDUCAÇÃO DO BOM-HUMOR

A fim de que as energias da criança não corram o risco de fraquejar, uma educação forte deve ser ao mesmo tempo uma educação alegre.

● Para transformar a vida em algo de belo, é preciso, com a graça de Deus:

1. Ser uma consciência.

2. Ser um caráter.

3. Possuir uma boa dose de otimismo que permitirá, em qualquer circunstância, encarar homens e coisas pelo seu lado bom.

● O otimismo, e bom-humor, o caráter alegre são expressões semelhantes — ressalvados certos matizes — de uma realidade preciosa que permite afrontar a vida com o máximo de possibilidades de êxito para si próprio, e de felicidade para os outros.

● Uma atitude positiva em face de uma situação difícil permite conservar a lucidez e o sangue frio necessários para encontrar as soluções mais vantajosas. A atitude negativa só pode aumentar os riscos do fracasso e do aniquilamento.

● Desde os primeiros anos, é preciso habituar a criança a ter um sorriso para tudo: para os pais, sem dúvida, para os amigos, para as visitas; mas também para a vida com as suas contrariedades, suas dificuldades, seus obstáculos.

● Não é cerrando os punhos e batendo numa rocha que obstrui o caminho que conseguiremos afastá-la. Usamos inútilmente os nervos e os músculos. Olhar o obstáculo com um sorriso far-nos-á descobrir mais facilmente o meio de contorná-lo.

● Desânimo é uma palavra que deveria ser banida para sempre do vocabulário de um cristão ou de uma cristã dignos dêsse nome. E por isso é preciso que a própria idéia dessa palavra nem sequer aflore ao espírito.

● O clima da família — e, é preciso acrescentar, do próprio quadro em que a criança evolui — contribui poderosamente para orientar uma alma em busca de uma atitude positiva ou negativa. Onde os pais não fazem outra coisa senão gemer, criticar, queixar-se de tudo e de todos, onde o sol nunca penetra, onde tanto as paredes como os dias são cinzentos, como espantar-se de que a criança só encare a vida sob o seu aspecto mais sombrio, e que mais tarde, mesmo nos dias felizes em que a alegria se imponha, ela se recuse a desfrutá-la e a extrair-lhe novas energias sob o pretexto de "isto não dura"?

● Por que falar às crianças com um rosto severo? Não conseguiremos mais com a própria firmeza quando se tornam amável e sorridente?

● A maioria dos pais desconhece as riquezas que perdem para si mesmos e para as crianças, não lhes sorrindo. O sorriso suaviza, acalma, pacifica, encoraja, estimula, tonifica. É como um raio de sol "sem o qual as coisas não seriam o que são". E, depois, é tão fácil quando se compreende a sua importância, mesmo que custe um pouco! Os resultados são tão grandes! Que pena privarmo-nos dêsse bem!

● Uma criança que não sorri, uma criança que não canta, é uma criança votada à infelicidade e à doença.

● Para dar um caráter feliz a uma criança, nada melhor, em primeiro lugar, do que a atitude alegre e sorridente dos pais que se esforçam para mostrar-lhe o lado bom das coisas e dos acontecimentos, mesmo dos mais aborrecidos, sem es-

quecer a qualidade das pessoas com as quais se tem de lidar. Exemplo: mamãe projetou um passeio, mas chove... Ou então sair apesar disso, mostrando com o sorriso que não se tem medo da chuva e que se traz o sol em si mesmo; ou ainda, se chove de tal maneira que não se possa razoavelmente sair, alegrar-se pela improvisação de uma tarde de divertimento dentro de casa.

Quando os pais têm o dom de fazer com que os filhos reajam alegremente diante do imprevisto, vençam as contrariedades sem dar mostras disso, aproveitam sem pensamento oculto as menores ocasiões de felicidade — o ambiente familiar está sempre iluminado.¹

Nunca é demais insistir: ser feliz é um dever para com os outros. Diz-se muito bem que só é amado quem é feliz; mas todos esquecem que essa recompensa é justa e merecida, porque a infelicidade, o tédio e o desespero estão no ar que respiramos; assim, devemos o reconhecimento e a coroa de atleta aos que digerem os miasmas e purificam de qualquer forma a vida em comum pelo exemplo enérgico.²

● Não temamos confiar aos nossos filhos as nossas admirações e os nossos entusiasmos. Há tantas coisas belas no mundo, na obra dos homens como na obra de Deus, que decerto é uma pena não fazer delas um trampolim para subir até Ele, que é a suprema Casa da Alegria.

● Os pais verdadeiramente educadores devem renunciar à cultura mórbida do descontentamento que envenena a atmosfera familiar, que leva à misantropia e ao desânimo, e cria nos jovens quer uma impressão de asfixia, quer o medo de viver.

● Cumpre não oferecer às crianças uma imagem demasiado sombria de si mesmas. Por muito insistir sobre o que as separa da perfeição, só fazemos aumentar os obstáculos diante delas. A maior parte dos educadores continua a exigir quase tudo da vontade das crianças, não se preocupando em facilitar-lhes o esforço ao agir sobre a sua imaginação.

Quando se diz a uma criança: "És mau, torna-te bom", a proposição "És mau" começa a incrustar no pensamento

1 ANDRÉ BENOIS, *op. cit.*, pág. 35.

2 ALLAIN, citado por BENOIS, em *Education Familiale*, pág. 37.

do interessado a convicção da sua maldade congênita, absoluta, incurável; diante do que o "Torna-te bom" reduz-se antecipadamente à impotência.

● A felicidade é antes de tudo um modo de ver as coisas e uma arte de adaptar-se a elas. Sendo Deus a Felicidade suprema, ver as coisas como são vistas por Deus, é adaptar-se a elas à maneira de Deus.

● Contemos aos nossos filhos os apólogos das duas rãs, da rosa ou da garrafa quebrada:

Duas rãs iam pelo campo quando caem num pote de leite. A primeira desesperada, renuncia à luta e coaxando: "Socorro! Afogo-me!", morre asfixiada. A segunda luta com a energia do desespero, bate tanto com as pernas... que transforma o leite em manteiga e consegue sobrenadar.

Diante de uma rosa, há duas atitudes possíveis: a do pessimista que se desola de que as rosas tenham espinhos e a do otimista que se alegra de que em espinhos possam nascer rosas.

Diante de uma garrafa quebrada há dois gritos possíveis: "Que desgraça, esvaziou-se pela metade!" — "Que sorte, ainda resta a metade!"

● Eis o que escreve uma excelente educadora:

"O único meio de praticar a educação cristã da alegria nas crianças é praticá-la antes em nós mesmos.

Sem dúvida, a alegria nos é dada com a vida e, sobretudo, com a graça. Toda alma em estado de graça, por ter caridade, é uma alma em estado de alegria. Mas a alegria, também, deve ser conquistada: saibamos, pois, conquistar nossa alegria e a das crianças, saibamos sorrir aos nossos filhos para lhes ensinar a sorrir. Não sei se já praticastes o jogo do sorriso; é um jogo divertido e educativo que consiste em abrir um amplo sorriso à criança que fez uma grande tolice e com a qual nos zangamos. A vontade é de encará-la com olhos sérios e passar-lhe um sermão; em lugar disso, lhe sorrimos: o efeito é irresistível.

Pela manhã — escreve-me uma velha institutriz — sentando-me junto à mesa do escritório, esfrego as mãos de contente e digo às crianças: "Que felicidade! Vamos trabalhar muito!"

Todos os sistemas de pedagogia são miseráveis diante dessa frase... Há escolas em que se dá com razão aos alunos o prêmio da

bom-humor: talvez houvesse mais alegria em nossas classes se todas as mestras pudessem ter o primeiro prêmio de sorriso...

Acontece às vezes que um violino começa a soar quando fazemos vibrar as cordas do outro instrumento na mesma sala; igualmente, se soubermos fazer vibrar cada corda do Espírito Santo, nossos filhos vibrarão em uníssono e cada um dêles, cantando a seu modo a Glória de Deus, fará que o dia seja um longo cântico de alegria.²

- Para criar um clima favorável à educação nada melhor do que a participação ativa dos pais na vida alegre dos filhos. Por que não encorajar-lhes a iniciativa na escolha dos divertimentos e das distrações, sobretudo na preparação das festinhas familiares, animá-los quando dos êxitos obtidos, exames bem feitos, voltas de viagens?

- Nas refeições, papai e mamãe devem dar trégua aos cuidados e animar alegremente a conversa. De um modo geral, as crianças aprendem com os pais a arte de levar pelo lado mais divertido as pequenas contrariedades da existência.

- As crianças têm necessidade de calma: a agitação e o nervosismo agem sobre elas como o vento sobre as dunas. Onde há furacão os arbustos não crescem.

- Há na vida muito aborrecimento e dificuldades, nada porém é mais funesto para o equilíbrio harmonioso da criança do que exhibi-los a todo instante. Arriscamo-nos a criar idéias fixas que não deixam de ser perigosas.

- Como as plantas, a criança precisa de sol.

- A educação triste corta as asas, a educação alegre duplica o impulso de voar.

- O que é preciso a todo preço é impedir que no espírito das crianças a família seja um lugar fastidioso, monótono e penoso, "lugar onde nos aborrecemos".

A EDUCAÇÃO DA LEALDADE

Nada irrita tanto os pais como as mentiras dos filhos, e têm razão, porque a partir do momento em que a duplicidade se insinua no coração de um filho ou de uma filha, nenhum clima de confiança será mais possível, a atmosfera tornar-se-á logo irrespirável. Com demasiada freqüência, entretanto, os pais esquecem que lhes cabe primeiro dar aos filhos o exemplo da mais escrupulosa lealdade.

● Torna-se tanto mais preciso formar as crianças relativamente à franqueza, quanto à mentira. Sendo um meio fácil de defesa para o ser fraco, logo se transforma em tentação permanente para a criança, cujo julgamento, não estando ainda formado, pode levá-la pouco a pouco a se deixar emaranhar nas próprias mentiras. Ora, quem não sabe mais distinguir o verdadeiro do falso, está perto de não poder mais discernir o bem do mal.

Convém que os pais sejam particularmente exigentes em relação a estes fundamentos da educação moral: não suportar a mentira, reprová-la impiedosamente; perdoar a criança que confessa a falta em vez de negá-la; desmascarar-lhe as velhacariasinhas instintivas é o meio de habituá-la à limpeza em sua própria consciência e nas suas relações com Deus e os homens.¹

● Num meio familiar escolar onde a franqueza sempre fôr cuidadosamente observada, a mentira da criança teria poucas probabilidades de permanecer acidental, sem nunca degenerar em falsidade.

¹ MARY DUNN, *op. cit.*

● A menor deslealdade por parte dos pais é a ruína de sua autoridade moral. Mesmo que a criança não o note de imediato, haverá no fundo de seu coração uma surpresa dolorosa, uma fissura na confiança. A criança nunca perdoa a mentira. Lembremo-nos de que as suas reações não são como as do adulto. Não possuindo espírito crítico nem senso de matizes, ela toma ao pé da letra o que os pais lhe dizem, sejam promessas, ameaças ou mesmo "profecias". Eis a tal respeito uma historiazinha autêntica:

Uma "mocinha" de 5 anos prepara-se para sair com a tia. Acabam de fazê-la vestir uma "toilette" nova que os hábeis dedos do mamãe executaram especialmente para ela, com todo amor. Ora, mamãe, muito vadiosa, contempla a filhinha que sai, dizendo-lhe: "Todo o mundo que encontrares vai cair de costas admirado, vendo-te tão bonita!"

O passeio termina... A tia e a garotinha voltam para casa. Com o rostinho crispado e gestos ferozes, a "mocinha" arranca o chapéu e joga-o sobre um móvel... "Que tens?" — pergunta a mãe surpreendida. "Ninguém caiu de costas, admirado, vendo-me..."

Decepção amarga!

Dir-me-eis que essa garotinha era uma bôba por ter tomado ao pé da letra a predição materna... Mas as crianças sempre tomam ao pé da letra o que lhes dizem...

● Caso não se possa responder à pergunta inoportuna ou indiscreta de uma criança, é melhor dizer-lhe com simplicidade que não se pode responder, no momento, por tal ou qual razão; enganar, por pouco que seja, é que nunca!

● Nunca se dirá bastante do mal que têm feito às crianças as tais histórias de Papai Noel, do Menino Jesus na chaminé, ou ainda as fábulas ridículas de repolhos ou cegonhas para explicar o nascimento dos bebês. As crianças pequenas acreditam nos pais como se fôssem o Evangelho. Algumas mesmo chegam às vias de fato para defender as informações recebidas. E quando percebem (isto vem fatalmente, mais dia, menos dia) que foram enganadas, sentem-se, mesmo que não o dêem a entender desde logo, terrivelmente decepcionadas, dolorosamente ulceradas. Em certos temperamentos generosos, um único abuso de confiança de que tenham sido vítimas pode criar um verdadeiro traumatismo psicológico e moral.

Quando contamos uma história, tenhamos o cuidado de dizer: "Isso é um conto, uma história inventada, irreai". Quando, pelo contrário, contamos uma narrativa do Antigo ou do Novo Testamento, digamos: "Esta é uma história verdadeira". Mesmo assim, é muito importante não perturbar uma inteligência ingênua, dando-lhe o falso como verdadeiro. A tal propósito, até quando contaremos às crianças que o Menino Jesus desce pela chaminé na noite de Natal? Como pretender depois, quando os preparamos aos seis ou sete anos para a primeira comunhão, que elas acreditem que o Jesus presente na Hóstia não é o mesmo que traz brinquedos para os sapatinhos? Que contradição para essas cabecinhas! Que confusões absurdas e perigosas! Ninguém se espante que depois de tudo isso os garotos fiquem furiosos, decepcionados, irritados por terem sido enganados; ou que continuem, durante a vida inteira, a colocar no mesmo plano o sagrado e o profano e que para eles a religião permaneça simplesmente um mito maravilhoso, dado como alimento aos pobres para lhes embelezar a vida.

Não se trata de suprimir a árvore de Natal, cheia de luzes e brinquedos, menos ainda de não colocar os sapatinhos junto à chaminé para festejar a mais maravilhosa das noites; trata-se simplesmente de dizer a verdade que é bela. As crianças ficarão do mesmo modo felizes se souberem que é a própria mamãe que deposita os lindos brinquedos junto ao presépio em nome de Jesus e para festejar alegremente a Sua vinda à terra.

Não enganemos as crianças pelo prazer de nos divertirmos com a sua credulidade; a confiança é uma coisa muito bela para que nos arrisquemos a perdê-la para sempre. Sejam os semeadores da verdade.²

Prepara-se uma menina para a comunhão. Essa menina está decepcionada porque acaba de saber que o Menino Jesus da chaminé é, na realidade, sua mamãe. "Então, Simoninha, estás contente por que vais receber no teu coração o Menino Jesus da Hóstia?" Simone enrubesco e responde com os olhos a brilhar: "Ora, mamãe, não sou assim tão tola como julgas. O Menino Jesus desce tanto na Hóstia como nos sapatinhos de Natal; quer dizer que não vale a pena que eu faça a minha primeira comunhão".³

● Não consintamos jamais em mentir a uma criança, a fim de que nos conte o que queremos saber. Evitemos, mesmo diante dela, as mentiras pseudocaridosas, seja para convencê-la a tomar um remédio, seja para evitar-lhe o castigo na escola:

² VENTRE, *Les Dix Commandements des Parents* pág. 95 (Ed. Gloud. et Chay).

³ Fato autêntico citado por uma professora.

Nicole (8 anos) deve submeter-se a uma operação ligeira. Mas, a sua mamãe, para não assustá-la, diz: "Muito bem, filhinha, vais assistir a uma festa muito bonita hoje à tarde, por isso vais pôr o teu melhor vestido." Nicole fica radiante, mas na porta do hospital começa a inquietar-se. Logo é preciso render-se à evidência: anestesia-na para a operação. Inútil dizer que Nicole perdeu toda a confiança em mamãe.

- Sucede às vezes que pais que se entendem mal determinam na criança uma atitude perniciosa de dissimulação: "Sobretudo, não contes isto ao teu pai" ou vice-versa: "Se tua mãe te perguntar, dirás que estivemos em..." (lugar não verdadeiro).

- Para formar as crianças no tocante à lealdade, não basta dar-lhes exemplo, mas fazê-las odiar a mentira, amar apaixonadamente a franqueza, que lhes deve ser facilitada e estimulada.

- É sempre excelente, quando fôr ocasião, mostrar à criança os inconvenientes da mentira. Sobretudo num mundo que frequentemente glorifica o arrivismo, a fraude sob todas as formas, não hesitemos em acentuar que, finalmente, a mentira não compensa. Mostremos que é causa de inúmeras contrariedades, em particular a contradição, a perda de confiança, e que, além disso, se já é bem difícil enganar por muito tempo os homens, há Alguém que não se engana jamais: Deus, testemunha sempre presente e a Quem nada pode escapar.

- Evitemos admirar os que souberem, com habilidade, mas graças à mentira, sair de uma situação má ou enganar os outros. Frases como estas: "Pois é, aquele se defende!" ou "Este saberá arranjar-se na vida!" podem exercer uma influência funesta numa jovem alma. Deploremos, ao contrário, os mentirosos que perdem todo direito à honra e à confiança de outrem.

- Não hesitemos em proscrever e desacreditar publicamente qualquer fraude, mesmo por brincadeira; qualquer deslealdade na classe, mesmo para prestar um serviço ("soprar" o ponto, por exemplo), mas sobretudo essa praga temível que é, em muitas escolas, a "cola" nas composições. Mostremos o quanto isto é prejudicial ao interesse de todos.

● Quantos fatos poderíamos citar de contra-educação por parte de certos pais, no que tange à lealdade! Decerto, não convém generalizar; mas importa muito, caso não se queira deformar a consciência da criança, evitar escrupulosamente tôda distorção da verdade.

A classe 8.^a conjuga verbos. Ana-Maria folheia um caderno às escondidas. A professora a surpreende: "Que estás fazendo?" A criança, acanhada, responde: "Estou procurando o certo. Foi mamãe quem me disse para copiar."

Uma família da África do Norte vem passar o verão na França: papai, mamão e uma garotinha de 3 anos. Antes de embarcar, mamãe adverte: "Se te perguntarem pela idade dize que tens 2 anos." A menina contou depois o fato com as suas próprias palavras: "Quando o comandante do navio me perguntou pela idade, respondi: 'Tenho dois anos, "sco" comandante. Se eu tivesse dito três anos, êle me jogaria no mar!'"

O diretor do Liceu A... convoca ao seu gabinete os pais de um aluno que copiara a composição, e lhes notifica a expulsão do filho. O pai grita, então, para o menino, em presença do diretor: "Ea mesmo um idiota por te deixares pegar!"

Um fato relatado, entre mil, por uma educadora:

"Viajava eu num trem. Na estação de ... sobem uma mamãe e sua filhinha Janine (7 a 8 anos). "Janine — diz a mãe — se um cavalheiro vier te perguntar a idade responderás 6 anos e meio". — Que cavalheiro? — Um cavalheiro do boné com bordados de ouro. — Mas eu tenho 7 anos e meio, não há quem não veja! — Não, não, compreende bem: 6 anos e meio! — Não é verdade, mamãe. Tu me diseste outro dia que a gente não deve nunca mentir; a professora também disse na escola. — Chega, não fales tão alto e faz o que te digo."

A garotinha me olha, e em seguida olha para a mãe. Tenho a impressão de que está consternada diante da atitude materna. Mas não ousa prosseguir nos "porquê?" e nos "como?". Sem dúvida a intimidou um pouco. A mãe ficou ruborizada...

● Não tenhamos o ar de dar a entender a uma criança que ela poderia estar mentindo. Evitemos, pois, qualquer advertência como esta: "Sobretudo, não mintas"; digamos de preferência: "Estou certo de que dirás a verdade." Acrescentar que ela é capaz de mentir é fazer germinar na sua alma inocente a idéia da possibilidade da mentira.

● É preciso conceder à criança o benefício da verdade e da boa-fé, durante todo o tempo em que estivermos na impossibilidade de ter a prova do contrário. Isto a eleva aos seus próprios olhos e dá-lhe uma alta idéia da virtude da franqueza.

● Não torneis a franqueza muito difícil. Não dramatizeis as perguntas. Um pai que proclama com ar zangado: "Pobre de quem fez isto!" e que, em seguida, pergunta: "Será que foste tu?", inibe a confissão do culpado amedrontado.

● Se nos apercebemos de que uma criança não disse a verdade, é bom não tachá-la apressadamente de mentirosa. Evitemos uma generalização precipitada que a enraizaria na falta. Consideremos a falta como um erro de óptica e digamos à criança: "Bem sei que és um menino franco e não queres enganar-me; mas, talvez te enganaste a ti mesmo. Na próxima vez tem cuidado de não falar antes de te certificares do que vais dizer."

● Para a criança há muitas causas de erro que nós, adultos, desconhecemos. O que nos parece mentira pode ser atribuído:

1. A um erro de visão. A experiência da criança é ainda fraca; ela lem somente alguns poucos pontos de comparação, e não há como ser rigoroso por vê-la emitir uma apreciação errada.
2. À sua imaginação exuberante que a arrasta a regiões fantásticas em cuja realidade acaba frequentemente por acreditar.
3. À força dos sonhos que seu julgamento ainda mal formado nem sempre lhe permite distinguir da realidade.
4. Ao fato de ser muito sugestionável. Um educador que interroga uma criança deve estar atento a essa característica, pois, insistindo mais do que convém, pode fazê-la confessar o que realmente não praticou.

É por isso que devemos sempre distinguir entre mentira subjetiva e mentira objetiva.

● Quando tôdas as causas do êrro tiverem sido examinadas e nos tivermos de render à evidência da mentira, cumpre buscar-lhe o motivo. Dêle depende, com efeito, a gravidade da mentira, bem como os meios a empregar para ajudar a criança a corrigir-se.

1. A mentira pode ter causa no desejo de brincar com os outros, e temos a criança que conta "histórias".
2. A vaidade, o desejo de brilhar, de fazer-se admirado, originam também falta de franqueza.
3. Quanto ao desejo de sair de algum apuro, pode-se dizer que é fundamento de quase tôdas as mentiras: "desaperta-se" para não ser ralhado — inventa-se uma desculpa para não cumprir com o dever, para explicar o atraso; esconde-se o livro aberto e lê-se a lição recitada ou "cola-se" a prova, etc. . . "Desaperta-se" para obter algo agradável: inventam-se mil razões julgadas necessárias para obtê-la.
4. A timidez pode às vêzes paralisar uma criança ao ponto de tirar-lhe a coragem de dizer a verdade; as primeiras mentiras reais são quase sempre provocadas pelo medo.
5. Uma caridade mal compreendida poderá levar a criança a desculpar um camarada por meio de uma mentira; ela pensará que essa falta de lealdade que não lhe aproveita não é uma falta.
6. Por fim, a maldade leva à calúnia.

A criança de tenra idade é sempre tentada, num momento ou noutro, a fazer alguma travessura, e se essa primeira mentira tem êxito, terá naturalmente a tendência de repeti-la; donde a necessidade de uma grande lucidez relativamente às crianças para não deixá-las seguir um caminho que pode ser tentador. O que é difícil é ser clarividente sem ser desconfiado; nem todos o conseguem.

Há crianças com uma resistência extraordinária aos interrogatórios dos adultos, persistindo tenazmente na mentira. O fato se deve com frequência a que a repressão, no caso de descoberta da mentira, é demasiado forte. A criança é lavada a vender a pele muito caro. Se sabe que mesmo em caso de mentira poderá contar com uma certa indulgência, deixar-se-á levar quase sempre com facilidade a voltar atrás do que disse, o que, sem dúvida, é preferível.

A mentira-desculpa assume, por vezes, caráter ainda mais reprecensível quando o seu fim é duplo, isto é, quando ao lado da desculpa para quem a inventa, faz carga noutra criança ou noutra pessoa da falta imputável; é a mentira-desculpa-acusadora, mas requintada e mais reprecensível. Deve ser rigorosamente investigada e seriamente corrigida. Os ciúmes infantis com relação a irmãos, certos desejos de vingança contra empregados, "bedéis" ou camaradas de aula, entram em cena para lhe dar essa orientação nova. Quando se inventa uma mentira desse tipo, o essencial é compreender a fundo a razão pela qual a criança procurou fazer mal a essa ou àquela pessoa; isto pode constituir preciosa indicação da tendência de caráter atualmente predominante.

A mentira-imaginação tem muitas vezes na criança — como no adulto, aliás — o caráter de uma compensação. A criança inventa toda a espécie de coisas, de ordem material ou afetiva, que compensem o que pode faltar-lhe, ou o que pensa faltar-lhe. Vi crianças e adolescentes atribuírem ao pai ou à mãe qualidades que, evidentemente, não possuíam; feitos que jamais haviam tido oportunidade de realizar. A riqueza e as grandes possibilidades financeiras são também com frequência objeto da imaginação infantil; elas compensam as inúmeras negativas dos pais quando se trata de comprar uma ou outra coisa, mesmo modesta, que daria prazer às crianças.

O mundo se torna, assim, para elas um conto de fadas manifestamente mais agradável de habitar do que o mundo real cheio de durezas inaceitáveis.⁴

● É preciso distinguir, dentre as mentiras da criança, a mentira social que tem por fim ajudar os outros; a mentira associal empregada em interesse pessoal, sem desejo de prejudicar outrem; a mentira anti-social, visando ao interesse pessoal sem preocupar-se com o mal que possa ocasionar aos outros.

É sempre preciso procurar bem a culpabilidade real da criança na sua mentira, e seria profundamente injusto reagir do mesmo modo

4 Dr. ARIËS, *Un Monde Inconnu: nos Enfants*, pág. 73 (Ed. Sumer).

ante uma mentira friamente inventada — particularmente para prejudicar outrem — e uma invenção imaginativa, estimulada pelo inconsciente e pela qual a criança não é de modo nenhum responsável, exigindo tão-sòmente que a façam tomar melhor consciência do mundo real.³

● Segundo numerosos psicólogos, a maioria das mentiras infantis seria consequência do receio, algumas do interesse, da leviandade, do gosto da ficção, pouco do altruísmo e da maldade.

● Sucede que a criança mente para dar prazer aos pais. MME. DUMESNIL-HUCHET nos conta :

"Uma mãe não achava uma caixa de bombons, e acusava a filha de 8 anos de ter comido os doces. Ao fim de ameaças e súplicas, diz a mãe: "Confessa e não serás castigada..." A menina se acusa do furto. Alguns dias depois, a caixa é encontrada intata, e cabe à garotinha explicar à mãe surpreendida: "É, mamãe, tanto me pediste para confessar a verdade que pensei então que era preciso dizer sim para te dar prazer." Influência da sugestão.⁴

● Quando fôr impossível pretender que a criança não tenha querido enganar, deverá ser repreendida, porque toda falta deve ter castigo e é preciso que não a deixemos pensar que pode facilmente engabelar os seus educadores.

Será então preciso tentar tudo para fazê-la confessar a falta: falar-lhe com bondade, elogiar a coragem dos que sabem reconhecer os próprios erros, não dar ênfase à punição que a espera.

Se a criança confessa, mostrar-se paternal, sem humilhá-la além da medida; contudo, é preciso impor uma punição normal, ao menos em grande parte.

Se a criança teima em negar, será preciso — sem ar de vitória, mas, ao contrário, com naturalidade — expor-lhe as provas de culpabilidade e pedir uma refutação. Esta decerto não virá, desde que a criança tem mesmo culpa, e então será

³ Dr. ARVIGOS, *idem*, pág. 79.

⁴ Dr. GUERIN-ROVIN, *La Guérison des Défauts et des Vices chez l'Enfant*, 1904, 300 (Ed. Domat-Monichrestien).

advertida de que enganar os pais não é assim tão fácil quanto parece.

Cumprе então evitar tratá-la como mentirosa. Isto a enraizaria no defeito. É preciso considerar a falta como acidental.

Se uma criança abusa da confiança que lhe foi depositada, dizer-lhe em tom contristado que se está obrigado a retirá-la durante um tempo determinado; prometer-lhe, porém, que será restabelecida diante de provas de uma franqueza perfeita.

E nunca, daí em diante, lembrar à criança que ela mentiu.

● A educação da lealdade deve igualmente comportar a educação do tato, porque ser leal não consiste em dizer qualquer verdade a qualquer um e em qualquer oportunidade.

A EDUCAÇÃO DO SENSO DA JUSTIÇA

Infelizmente, não é inútil denunciar os pequenos furtos que se tenham cometido em casa sem a consciência de falta grave por parte da criança; mais sérios são os que vierem a se produzir lá fora. Todos, porém, devem ser severamente punidos, obrigando-se o culpado a confessá-los e repará-los na medida do possível. Ainda assim é preciso a todo preço impedir que a tendência se enraíze e que a impunidade e, sobretudo, um sorriso concedido à habilidade demonstrada na falta, venham deformar definitivamente a consciência.¹

● Por natureza, as crianças são tentadas a se apropriar do que lhes agrada ou do que lhes pode ser útil. Não será apenas por isso que devemos acusá-las de furto, pois não têm sempre uma noção exata de propriedade. Contudo, é conveniente lhes dar pouco a pouco uma clara compreensão do respeito devido ao que aos outros pertence.

● O respeito ao bem alheio é uma das condições elementares da confiança mútua e do bom equilíbrio das relações sociais.

● Aceitar que a criança se entregue a pequenos furtos a pretexto de que é ainda muito pequena, é tornar-se mais ou menos cúmplice de hábitos nocivos que podem ter, no futuro, repercussões deploráveis.

● Como quer que seja, na criança, o furto repetido pode ser um sintoma de desequilíbrio afetivo (furto de compensação), e pode constituir um sinal de alarma para os pais. Estes terão interesse em consultar um médico ou um edu-

¹ MONS. BRUNIER, op. cit.

cador avisado. É provável, aliás, que o tratamento seja exatamente o contrário de uma atitude brutalmente repressiva.

- Quando num grupo humano o senso do respeito ao bem alheio não se tenha formado, verifica-se rapidamente a deterioração de tudo quanto pertence ao uso da comunidade; a vida em comum torna-se mais difícil.

- É importante desenvolver desde cedo na criança — que é por si mesma egocentrista e levada a pensar que tudo lhe é devido — o respeito que se deve aos outros. Se é verdade dizer que justiça não basta por si só, *summum jus summa injuria*, e que a educação da caridade deve completar a da justiça, não é mais do que ilusão e hipocrisia a caridade que não respeita antes de tudo os dados da justiça.

- As crianças atribuem às coisas a importância que lhes fôr dada pelos adultos. Por isso é necessário que os pais dêem o exemplo mais escrupuloso com relação ao respeito ao bem alheio. Mesmo se se tratar de valores íntimos que por si só não teriam grande importância, como por exemplo uma passagem de bonde, uma moeda falsa que se fôsse tentado a passar adiante, um pequeno erro de conta, o que a criança sobretudo verá é o gesto da apropriação injusta de algo, ou de se ter evitado pagar o que se devia.

- Nada contribui mais para deformar o julgamento da criança do que as histórias em que ladrões ou "gangsters" sejam glorificados. Evitar, a esse propósito, certos filmes ou "quadrinhos" que apresentam o bandido como um herói simpático.

- É tanto mais importante com as crianças insistir na máxima: *A honra e a honestidade dão-se as mãos*, quanto mais tarde elas terão sob os olhos exemplos aparentemente contrários. Mas é bem fácil ilustrar com numerosos exemplos que: *Coisa mal adquirida não dá lucro*.

- Importa exaltar todos os atos meritórios de honestidade para não deixar o monopólio da glória e da publicidade aos sistemas oficiais.

- É preciso insistir com frequência junto às crianças sobre o respeito devido ao que pertence ao uso comum, mostrando por fatos precisos que elas serão as primeiras vítimas das degradações cometidas. Convém acentuá-lo, porque a criança, "imediatista que é, não vê as conseqüências dos seus atos".
- A criança relaciona tudo a si mesma; são as suas próprias sensações que lhe servem de unidade de medida. O melhor meio de nela educar o altruísmo é o de levá-la, pela sugestão e pela imaginação, a sentir o que os outros experimentam.
- Quando uma criança fôr culpada de um furto, procurar antes saber qual foi o móvel do ato. Convém fazê-la restituir o objeto, mas sem comprometer-lhe a reputação. De qualquer modo, nada de ameaçá-la com o guarda ou com a prisão. Dizer à criança que furta um objeto que está irremediavelmente desonrada, que acabará na cadeia, etc... é cortar-lhe a única via possível de emenda.
- Se a criança compreender que, de uma parte, o respeito ao bem alheio é uma garantia para as suas próprias pequenas posses, e que, de outra parte, é condição da estima e da confiança dos que a cercam, tanto maior a probabilidade de fazê-la perder o gosto de recomeçar.
- É bom dar dinheiro às crianças?

Outrora, com efeito, as quantias postas à disposição das crianças mais ricas eram insignificantes. Pensava-se sabiamente que o dinheiro, duro de ganhar e causa inicial de tantas baixezas e crimes, não devia macular as mãos inocentes das crianças. Meninos e meninas não conheciam o valor do "vil metal", e um tostão novo as tornava tão felizes quanto uma nota de dez ou vinte. Na maioria dos casos, a posse da moedinha era mesmo preferida à de quantias importantes. Um cruzeiro² dava, nos bons tempos, para comprar coisas apreciáveis: açúcar-cande, chocolate, etc., enquanto que quantias maiores representavam destino diverso, um depósito inicial da Caixa Econômica, por exemplo, envol-

² N. do T.: No original obviamente, a unidade monetária francesa

vendo a idéia aborrecida de um prêmio remoto. Todos os pais zelosos da educação dos filhos só lhes punham nas mãos uma soma relativamente importante para fins de habituá-los à prática da caridade.

- Ouve-se dizer com freqüência ser preciso habitar as crianças, desde cedo, a conhecer o valor do dinheiro. Seria preferível que elas soubessem que o dinheiro não é tudo e que a riqueza não é a felicidade. É justo que as crianças recebam algum dinheiro de bolso de que possam dispor à vontade, mas fora disso convém não abusar.

- Os pais cometem muitas vezes o erro de dar um mealhinho aos filhos, estimulando-os a economizar os tostões que recebem, contar os que já possuem, etc. Infelizmente já cheguei a ver mães que se apropriavam, mais tarde, desse dinheiro; outras o utilizam para dar aos filhos objetos úteis, cuja aquisição se impusesse de qualquer forma.

- Importa lembrar às crianças que o dinheiro não é onipotente. Nada mais perigoso do que lhes dar a entender que uma pessoa vale pelo que possui, de acôrdo com a valorização freqüentemente difundida no outro lado do Atlântico: um homem vale tantos dólares. O valor do homem depende infinitamente mais do seu caráter e de sua consciência!

A EDUCAÇÃO DO RESPEITO E DA POLIDEZ

A polidez que se trata de inculcar nas crianças é uma polidez que vem do coração: virtude francesa e cristã por excelência, é filha do respeito aos outros e irmã da caridade. Mas, por uma justa consequência das coisas, a educação da polidez desenvolverá o senso do respeito e sugerirá uma porção de pequenos atos de caridade numa época em que o egoísmo impele muita gente a se comportar na vida como se estivesse só ou fôsse o centro do mundo.

● Decerto, não se trata de pensar que a educação consiste unicamente no bom comportamento exterior. Mas êsse comportamento pode favorecer o bom comportamento moral.

● É tanto mais importante ensinar desde cedo à criança as regras elementares da polidez quanto daí se extraem hábitos, poder-se-ia mesmo dizer automatismos relativamente fáceis de adquirir, e que permanecerão a vida inteira. Se a educação da polidez fôr negligenciada durante a primeira infância, prova a experiência ser difícil refazê-la depois.

● A má educação compromete o futuro humano e profissional de uma criança, enquanto que a boa educação o favorece poderosamente.

● A má educação inicial faz, em muitos casos, correr o risco de paralisar ou diminuir a influência da criança ao se tornar adulta, enquanto que uma boa educação a facilita e multiplica.

● A polidez é uma virtude educativa na medida em que sem esforço considerável obriga a um certo controle de si mesmo. É uma virtude social no sentido de que facilita as relações entre os homens. Quer no meio familiar, quer no profissional, nada mais penoso do que viver ao lado de alguém que pudéssemos classificar de “sem-cerimônia”. Quantos lares se perturbaram porque um dos esposos não possuía bastante “forma”? Não será verdade que frequentemente o que mais divide os homens são questões de proceder, em vez de questões de substância?

● A polidez é por vezes chamada “a arte de saber viver” porque sabe adoçar a vida dos outros. É também chamada tato porque é como se fôsse uma espécie de sentido da alma que permite sentir o que convém pensar, fazer ou dizer, em quaisquer circunstâncias, para não aborrecer ou causar sofrimento aos outros.

● Vale a pena empreender a educação da polidez. Não é tempo perdido nem cuidado inútil. As regras da boa educação — que é preciso não confundir com hipocrisia mundana — nem com preciosismo amaneirado — fazem parte da bagagem de todos os homens dignos dêsse nome, que se respeitam e respeitam os outros.

● A polidez não é um privilégio de casta ou de classe. Em todos os meios se encontram almas de elite com tato e delicadeza. É preciso, outrossim, não confundir a polidez com um código complicado de regras convencionais. Basta conhecer-lhe as grandes linhas e sobretudo não deturpar o espírito que as tenha ditado.

ROLLIN dizia: “Não acho que se deva exercitar muito as crianças em todos os refinamentos da civilidade, nem ensinar-lhes por método todas as cerimônias complexas que reinam no mundo. O importante é combater nos jovens certas disposições diretamente opostas aos deveres comuns da sociedade: uma grosseria feroz e rústica que impede a reflexão do que pode agradar ou desagradar a outrem, um amor de si mesmo que só atende às suas próprias comodidades e vantagens, uma vaidade e uma altivez que nos persuadem de que tudo nos é devido e nada devemos aos outros, um espírito de crítica, do sarcasmo, de contradição que tudo condena e só procura sorrir. Eis os defeitos aos quais é preciso fazer guerra aberta”.¹

¹ Citado por FRAZEL, em *l'Éducation de la Politesse*, pág. 101 (Ed. Téqui).

- As “boas maneiras” devem ser apenas as maneiras mais seguras de ser bom.

Os detalhes do que se costuma chamar “a boa educação” são apenas um dos elementos de uma educação verdadeiramente boa. Um homem mal educado corre o risco de não somente incomodar os outros, mas de sofrer as conseqüências de seu modo de ser, e de pagar, às vezes muito caro, sua negligência no tocante a convenções cujo alcance lhe terá escapado. Não convém aumentar nem subestimar a importância dessa “civildade pueril e honesta”, variável segundo os países e segundo as épocas, que — apesar do seu caráter formal e relativo — traduz com persistência no indivíduo um forte desejo de se tornar suportável e, se possível, amável ao seu próximo.

- Das obrigações da civilidade ao dever da moral social, a diferença o mais das vezes é apenas de grau, tanto é verdade — como afirmou LÉON HARMEL — que a questão social é antes de tudo uma questão de deferência, ao invés de uma questão de dinheiro.

- É preciso reconhecer que o principal obstáculo à polidez é o desdém pelos outros, ou mais ainda o medo de ter de se incomodar. As crianças de hoje ouviram muitas vezes repetir-se o “slogan” falaz: “Onde há incômodo não há prazer.” Ora, segundo a observação de PASCAL, a polidez é antes de tudo “saber incomodar-se”. Mas, não tenhamos medo de dizer, o incômodo que assumimos é amplamente compensado, ao menos pelo fato — como dizia um humorista — de permitir que a liberdade individual não torne insuportável aos homens a vida em comum.

Será a polidez uma virtude? pergunta a si mesmo PAUL ARCHAMBAULT. E eis a resposta:

“Sim, ou mais exatamente uma encruzilhada ou uma síntese de virtudes. Virtudes de dignidade pessoal, caso se trate de abster-se de palavras e gestos que se familiarizam pouco a pouco com sentimentos vis e coisas baixas. Virtude de deferência, caso se trate de assinalar num professor, num velho ou num benfeitor o que têm de grandeza humana. Virtude de caridade, caso se trate de evitar tudo quanto fôr suscetível de causar ao próximo um aborrecimento ou uma mágoa inútil. Virtude de humildade, caso se trate de colocar-se e ficar em seu lugar, de não impor sua presença, suas opiniões ou preferências”.²

² Citado por FRANK, *Idem*, pág. 120.

● Se a vida moderna tende muitas vèzes a atrofiar essa delicadeza do coração que se exprime pela polidez e o respeito aos outros, mais uma razão para que os pais exerçam vigilância sôbre ela, transmitindo-a aos hábitos e aos reflexos dos filhos. Ainda aí, o exemplo tem influência capital. Nisso como no resto, a criança se modela antes de tudo pelos pais. Como querer impedir que uma criança pronuncie palavras grosseiras ou trate com irreverência os professores, se são os pais que dão o exemplo?

● Será preciso ir mais longe e lembrar que a autoridade não nos dá de modo algum o direito de tratar as crianças sem deferência? É uma questão de tato e de medida; contudo, a intimidade mais confiante pede a polidez mais delicada. Mesmo nos momentos de impaciência, por vèzes tão compreensíveis, jamais utilizemos essas apóstrofes e êsses qualificativos que vão além do nosso pensamento, mas que assinalam falta de domínio de nós mesmos e de respeito à dignidade dos nossos filhos.

● Como poderiam os pais obter o respeito dos filhos quando nos seus primeiros anos os tratam como um brinquedo, depois como um empregadinho, sem nunca ter em conta a sua personalidade e sem que pareçam levá-lo a sério? Como não compreendem que, respondendo com evasivas e com "deixe-me-em-paz" às perguntas do filho, destroem com as próprias mãos a confiança e a admiração que constituem os elementos fundamentais da noção do respeito? Como o filho poderá respeitar os pais quando percebe que são os primeiros a violar as regras que pretendem impor-lhes?

● Fazer a educação do respeito é provocar a admiração da criança pelas pessoas e coisas que o mereçam. A criança que sabe admirar é comumente uma criança respeitosa; a que de tudo zomba nunca saberá respeitar coisa alguma.

"Gostaria de dizer uma palavra sôbre a polidez que devemos às crianças. Em cada uma delas se encontra um desejo nato de respeito. Por que certos adultos o levam tão pouco a sério? É maravilhoso que a criança seja tão cedo movida pelo instinto de grandeza que possui. Sente-se logo alguém, ou aspira a sê-lo; deseja para si a consideração que lhe é exigida em relação aos adultos. Francisco (3 anos) disse ao pai, que lhe atirou bruscamente, através da mesa, um pedaço de pão:

"Não, papai (o lhe devolve o pão), não me dê assim... dê com delicadeza." O pai, que é inteligente, aprova o protesto do filhinho. Sabe que só se pode exigir dos meninos o respeito e a polidez de maneiras, respeitando-se e fazendo com que a justo título sintam-se iguais aos pais em dignidade.³

Mas, ah! bem depressa a criança perderá o senão dessa igualdade. Habituada a ser tratada com essa sem-cerimônia brutal que muitos adultos confundem com familiaridade, a ser interpelada com maus modos, recebendo ordens imperiosas, aceitará na aparência esse tratamento de inferior, mas vingará-se em outros das humilhações que lhe dermos; mostrar-se-á também imperiosa para com os irmãozinhos.⁴

Como a polidez, a obediência deve ser automática para a boa ordem da família. A criança deve compreender que a ordem, a limpeza, as boas maneiras tornam a vida bela e agradável. Se os pais se esforçam por bem formar os automatismos da polidez, estes passarão a funcionar por si mesmos, sem a menor dificuldade. "Bom dia... Obrigado... Desculpe... Faz favor..." são comportamentos que a criança deve adquirir de improviso pela imitação. É raro que pais polidos tenham filhos impolidos, sobretudo se acentuam com oportunidade por que são polidos, logo que a razão do filho desperta.⁵

3 MAURITZ GEMACHLING, "Les rapports de l'enfant avec sa famille", na revista *Education* (1943).

4 Idem.

5 VAILLY, "Éducation de l'effort et Méthode active", na revista *Education* (abril 1943).

A EDUCAÇÃO DA ORDEM

Ter ordem não é coisa insignificante. É uma das virtudes mais preciosas para o perfeito equilíbrio da vida individual e para a boa harmonia da vida em comum.

● Nossas filhas sentirão, durante toda a vida, grande necessidade de ter ordem, sobretudo quando forem donas de casa, espôsas ou mães. Mas é na idade em que se formam os hábitos que cumpre desenvolver essa disciplina.

A ordem é igualmente necessária aos meninos, por que não há profissão na qual quem tiver ordem não ultrapasse a quem não a tiver. Existem mesmo algumas em que a desordem incorrigível constitui autêntica contra-indicação.

● A ordem é um meio de desenvolver nas crianças o auto-domínio, e num certo sentido o espírito de sacrifício, obrigando-as a lutar contra a negligência.

● É uma realidade da experiência que a ordem exterior torna a vida mais agradável: alivia a memória, permitindo encontrar sem esforço as coisas em seus lugares. Facilita a calma, suprimindo as causas de nervosismo e de fadiga suplementares, provocadas pela desordem. Faz ganhar tempo, permitindo agir com segurança no sentido de encontrar o de que se precisa. Facilita o respeito ao bem comum e o senso social, porque nada prejudica mais o bom entendimento e a ajuda mútua do que não colocar nos lugares objetos e utensílios pertencentes à comunidade familiar. A ordem

também assegura a exatidão, que é uma das formas mais preciosas da polidez.

● Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar; um tempo para cada coisa e cada coisa a seu tempo. Duas fórmulas que é preciso repetir sem cessar, e sobretudo viver.

● Para estimular nas crianças o amor à ordem é preciso acentuar, sempre que se apresentar oportunidade, quão agradável e prático é encontrar as coisas com os olhos fechados;¹ por exemplo, mostrar-lhes tôdas as pequenas vantagens de ter em ordem os objetos de uso pessoal, no armário, na carteira, na pasta ou nos bolsos.

É fácil habituar as crianças a arrumar as suas coisas no mesmo lugar e da mesma maneira, com a condição de que os pais respeitem a "arrumação" dos filhos.

● Alertar as crianças contra uma ordem que seria apenas hipócrita: por exemplo, a mesa bem arrumada e as gavetas em polvorosa.

Arrumar o que acaba de nos servir, pô-lo imediatamente no seu lugar é coisa para a qual estamos mais ou menos aptos por temperamento, mas é um desses hábitos que se adquirem. Fazer com que as crianças o adquiram é, pois, um dos objetivos essenciais da educação.²

Que a mãe dê ao filho a possibilidade e o tempo de arrumar suas coisas, que ela própria se empenhe em pôr as coisas no lugar, e tudo se arranjará depressa. Mãe ordenada, crianças ordenadas.³

● MME. MONTESSORI notou que mais ou menos aos três anos de idade há um "período sensível", isto é, uma época particularmente favorável à aquisição da ordem. O fato é verdadeiro, e numerosos são os pais que o verificaram. Esperar muito tempo para estimular na criança o hábito da ordem é arriscar-se a esperar sempre.

● Aos 9 ou 10 anos, o hábito da ordem deve confirmar-se pelo hábito da exatidão. É a idade em que é preciso ensinar

1 Pode-se mesmo fazer disso um jogo improvisado.

2 ARTHUR RIBEIRO, op. cit., pág. 170.

3 RENE COUSINET, *Fai ce que se te dit*, pág. 63 (Ed. Presses d'Ile-de-France).

à criança a organizar o seu trabalho e o seu tempo, prever mesmo a sucessão de suas ocupações por um par de horas, e em seguida por seis horas.

● Ao voltar das aulas, cada criança deveria estabelecer um horário: deveres a fazer, lições a aprender, livros a ler, etc..., indicar para cada operação lapso de tempo razoável e especificar a ordem da execução.

● Decerto, não se trata de mecanizar a criança, mas de ajudá-la a obter a produtividade máxima das horas de que dispõe. Isto lhe prestará um enorme serviço mais tarde, porque o futuro pertence menos aos grandes trabalhadores afobados do que aos homens organizados que sabem obter mais efeitos com menos esforço, intercalando-o com períodos de repouso para um melhor rendimento.

A EDUCAÇÃO DA CARIDADE

Não se trata de tornar nossos filhos "santinhos como imagens". Uma criança não foi feita para ser uma "imagem". Foi feita para agir, para arcar um dia com pesadas responsabilidades, e devemos prepará-la para isso.

● A criança foi criada pelo amor. Foi pelo amor concebida. É para amar a Deus e aos homens que está na terra. É amando que preencherá mais perfeitamente sua missão. É a delicadeza de seu coração e a intensidade de sua caridade que determinarão o valor de sua alma e a fecundidade profunda de sua vida.

● Os pais cristãos devem cuidar da educação da caridade dos filhos como um dos elementos essenciais de sua missão. Infelizmente há poucos pais que disso cogitam. O primeiro mandamento é ou não o do amor?

● A caridade é a virtude cristã por excelência, a que resume toda a lei e sem a qual as outras virtudes nada são. Releiamos de quando em vez, em família, o capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios.

● A caridade é o sinal que distingue os cristãos. "É com esse sinal que vos reconhecerão como meus discípulos, se vos amardes uns aos outros como Eu-Mesmo vos amei." Se houvesse mais caridade entre os cristãos, mais ampla seria talvez a irradiação de sua fé.

- É o amor ao próximo, com tudo quanto comporta de espírito de sacrifício, que constitui a melhor prova de amor a Deus.
- Quando a caridade domina, a humanidade se engrandece; quando reina o egoísmo, a humanidade se abaixa. Como as relações entre os homens seriam mais agradáveis e mais eqüitativas se fôsem sempre impregnadas de um autêntico espírito de caridade!
- Por força da graça do batismo e da confirmação, nossos filhos são chamados a se tornar apóstolos no meio em que tiverem de viver. Mas não poderão agir se, na idade em que se formam os traços do pensamento, não se desenvolverem nêles reflexos de caridade e, em particular, o cuidado pelos outros.
- Se a criança deve ser amada por sua própria causa, deve também formar-se de modo a se tornar um homem que viva deliberadamente para seus irmãos.
- A educação da caridade é tanto mais necessária quanto a criança é em si mesma egocêntrica. Tende a ser o centro do mundo¹ e gostaria de ver todos a seus pés. O "primeiro eu", quando não seja o "eu e mais ninguém", é o grito instintivo dêsse frágil ser que sempre receia fracassar. Mas, ao mesmo tempo, há nêle possibilidades surpreendentes de generosidade, quando sabemos despertar-lhe o "bom coração". Tôda a arte da educação não consistirá em orientar para a boa tendência as energias latentes dessa criança da qual pode depender que o mundo seja depois mais feliz e melhor?
- Para desenvolver na criança a caridade e a bondade, nada melhor, ainda aí, do que o exemplo dos pais e mestres. Mostrai-vos bons, benevolentes, generosos para os pobres, todos os que sofrem e, de uma maneira geral, o que se convençãoou chamar de "próximo". Sempre que possível, prestai serviço, mostrando-vos felizes em fazê-lo. Que nisso colaborem mesmo os vossos filhos na medida de suas forças. Mos-

1 Na realidade, a criança nasce dentro de um mundo que descobre em círculos concêntricos em torno de si. É precisamente uma das metas da educação ajudá-la progressivamente a descentralizar essa cosmogonia.

traí que considerais uma pena não poder ajudar tanto quanto quereis os que sofrem. Que nunca na hora das refeições sejam criticados os ausentes. Que em vossa casa a principal preocupação seja a de semear a felicidade; êsse clima autêntico de caridade realizará coisas maiores do que os mais belos sermões.

● Na vida de todos os santos verifica-se que âles pertenceram a uma família que honrava a caridade: vide, por exemplo, a influência do Cura d'Ars da Bem-aventurada Javouhey, de Santa Teresa do Menino Jesus.

● Dar a conhecer, desde cedo, às crianças a realidade da miséria. Aproveitar-se disso para lhes ensinar a evitar todo o desperdício, porém, mais ainda a praticar a arte da partilha.

● Sempre que possível, fazei dos vossos filhos os intermediários de vossa caridade, e pouco a pouco encorajai-os a dar parte de suas próprias pequenas economias.

● É preciso lutar contra a maldade sob tôdas as formas e desde as suas primeiras manifestações. É, por exemplo, ridículo consolar uma criança ensinando-lhe a mostrar o punho cerrado ou a bater na mesa ou no objeto em que se machucou.

● Tudo quanto pode despertar ou acentuar a crueldade deve ser eliminado dos brinquedos. Importa, em particular, banir e repreender qualquer crueldade para com os animais.

● Dificilmente imaginamos o mal que advirá no futuro para as crianças os conselhos ou exemplos de egoísmo: "Já estou cansado de dar. São sempre os mesmos e não se corrigem", frases infelizes que criam um péssimo estado d'alma nas crianças que as ouvem.

No catecismo, alguém pede às crianças um de seus brinquedos para os meninos pobres. Jaquelina, após alguma hesitação, escolhe uma de suas bonecas mais bonitas: "Posso dar, mamãe? — Não, que idéial! É melhor dares o teu ursinho velho!"²

² Extraído do "Bulletin de la J. I. C. P." (junho, 1943).

Uma garotinha, cujos pais são comerciantes de boas posses, decide um dia oferecer um presente a um menino pobre. No dia seguinte, volta de casa com ar de desgosto e diz à mestra: "Mamãe não quer, diz que não conhece essa gente e, depois, quer que eu guarde todos os meus brinquedos."²

Durante um longo passeio, a governante propõe que todos repartam as merendas, ao chegar a hora do almoço. As meninas aceitam com entusiasmo. Voltando à casa, contam o passeio. Uma das mães — aliás comerciante e, portanto, com facilidade de abastecer-se — responde: "Uma vez que é assim, na próxima semana dirás que esqueceste a tua merenda!"⁴

● Ao contrário disso, qual não será a recompensa para os próprios pais de terem sabido estimular os filhos a serem homens e mulheres de bom coração!

Sim, diz uma mãe: Jaquelina é realmente uma boa menina. Em casa todos gostam muito dela. Mas não a elogio demasiado. Não a educo para mim. Meu marido e eu sentimo-nos felizes de vê-la servir aos menores, e a isso a encorajamos. É bom para o seu desenvolvimento moral. Ficáramos desolados se tivéssemos uma filha egoísta e voltada para si mesma..."³

Onze horas. Duas irmãszinhas, Maria-Teresa e Nicole, correm a buscar a sopa e um prato de carne para dar a uma pobre velha. (Há um ano o fazem com regularidade.)⁶

Conta-me a pequena Françóise que "é muito divertido; mamãe apanha o Cristianinho todos os sábados do tarde, quando a creche está fechada, para que a mamãezinha dêle não perca o lugar"... Cristiano é o oitavo filho de uma família pobre.

Em seguida me fala de uma garotinha de 8 anos: "Foi mamãe que a encontrou; convenceu os pais dela, dizendo que ir para o grupo das "Almas Valorosas" seria bom para ela."

Noutro dia, confiava-me a mesma Françóise: "Mamãe sempre me diz: mesmo que eu pudesse levar minhas filhas ao campo, as mandaria para a Colônia... É por causa da nossa moral, a senhora compreende", acrescenta encantadoramente a garotinha.⁷

2 Ex. citado por uma professora do Maine-et-Loire.

4 1944. Ex. cit. por uma professora de Lille.

3 1945. Ex. cit. por uma religiosa de Meaux.

6 Exemplo citado por uma Irmã de Caridade.

7 Exemplo citado por uma Irmã de Caridade.

Um vez falei a umas meninas — conta ainda o PADRE MARC, vigário de Saint-Nicolas de Troyes — sobre a necessidade de praticar boas ações. Dissc-lhes que deviam fazê-las com as pessoas idosas, que deviam compreender, sentir o sofrimento dos velhos.

Uma das meninas me entendeu muito bem. Encontrou na rua um velhinho e sem perda de tempo lho disse amavelmente: "Como o senhor tem o ar cansado, "vovozinho"! Seu embrulho é pesado; quer que o carregue até o fim da rua?" O homem, espantado, aceitou. Antes de despedir-se, a criança lhe disse: "Vou passar na igreja e farei uma oraçãozinha pelo senhor." As lágrimas vieram aos olhos do desconhecido. Por fim, a menina, dando um passo mais, acrescentou: "E o senhor não faz também as suas orações?" O velhinho não pôde conter o pranto.

● É bom que as crianças aprendem a se pôr no lugar dos outros.

Um jovem guloso nunca dava as guloseimas que lhe pertenciam. De uma feita, passaram-lhe diante dos olhos um bôlo apelinoso, sem que lhe oferecessem o mínimo pedaço. Quando o menino reclamou, seus pais objetaram: "Como queres que façamos contigo o que não fazes com os outros?"

● Inculquemos nas crianças o mal que a maldade e a antipatia podem causar. Já existem na terra bastantes causas ou ocasiões de sofrimento para que não compliquemos ainda mais a vida dos outros. Por outro lado, não é certo que quem semeia ventos colhe tempestades?

● Honrar no espirito das crianças os heróis da caridade cristã; mostrar-lhes, além disso, que a caridade não é uma virtude menor para pessoas fracas, mas que pelo contrário exige valor, pois com frequência se trata de sacrificar-se quando alguém se dedica a outrem. A caridade é mais forte do que a violência porque obtém êxito quando a força fracassa.

● Habituar as crianças a descobrirem o que há de bom nos que as cercam; a substituir imediatamente, por um ato positivo de caridade, qualquer sentimento de má vontade que pudesse nascer em seus corações. Habitua-las a dirigir mentalmente, tôdas as manhãs, no momento das orações, um pensamento de boa vontade a tôdas as pessoas que encontraram durante o dia.

Oração a recitar com freqüência: "Senhor Jesus, fazei com que pensemos sempre nos outros antes de pensar em nós."

Raríssimos são os pais que se preocupam com os esforços visando à bondade, que no entanto é a base elementar da cultura do senso social que no homem não é inato. Criar automatismos morais de bondade, de generosidade, é bem difícil, e nesse ponto o esforço será muito meritório para a criança; porque se ela é sensível, é egocêntrica; nasce com o instinto da propriedade, e se educa para tornar-se terrivelmente proprietária. Não nos espantemos de que o século o seja: nove pais em dez deram aos filhos uma alma de proprietário absorvente, tirando tudo para si sem cuidar dos outros, ignorando mesmo que os outros existem.

Há esforço onde há sacrifício, despojamento. A criança que tirar uma moeda do porta-níqueis da mãe para dá-la a um pobre não fará nenhum esforço: fá-la-á se tirar a moeda do próprio mealheiro; ao escolher para a árvore de Natal um brinquedo em bom estado e do que muito goste; mas, nessa ordem de idéias, o melhor é sugerir sem impor. É melhor sugerir porque ou bem a criança pode fazer um esforço demasiadamente grande de generosidade do qual se arrependerá depois, ou bem não deseja fazer nenhum; e se o esforço para a bondade deve ser inspirado, ajudado, dirigido, deve também ser livre e nunca imposto. Se demorar a vir é preciso esperar; em matéria de educação nunca se deve ter pressa; tudo vem a seu tempo para quem sabe ter paciência. Sabemos que se esse esforço não for à base do amor, perderá o sentido e se arriscará mesmo a ter um resultado contrário ao que buscamos. Cumpre colocar a criança de 7 anos em face da miséria, das privações e dos sofrimentos alheios para que seu coração, tão rico de possibilidades, não se feche e resseque. Se o esforço para a bondade, para o amor, não for educado desde cedo, será possível algum dia? *

A EDUCAÇÃO DA PUREZA

Problema crucial a que muitos pais cegos não dedicam bastante importância. É preciso evitar pois excessos: a recusa em colocar o problema ou a sua dramatização.

● De que se trata? Trata-se de formar crianças de olhar límpido, com almas sãs em corpos sadios, meninos e meninas que se respeitem e se façam respeitar, advertidos mas não hipnotizados pelos perigos e tentações possíveis, conscientes do plano de amor que Deus lhes traçou, e das exigências que a colaboração nesse plano reclama.

● Em tudo que concerne à origem da vida, a criança tem direito à verdade, pelo menos de uma maneira progressiva, adaptada à sua idade, à sua inteligência e ao seu temperamento.

A ignorância não é uma virtude; deveis instruir vossos filhos e filhas a respeito das coisas que têm necessidade de saber e, por conseguinte, o direito de não ignorar.¹

Creemos que a tática do silêncio erigida em sistema, ou desejada como principio, é uma tática perigosa e manifestamente nociva ao interesse da criança, bem como ao da sociedade.

Creemos que as iniciações claras, feitas com tato, devem ser olhadas como uma obrigação grave, que se pode impor em nome da caridade e mesmo da justiça.²

1 MONG. BRANON.

2 CARDEAL VERDIER.

● O silêncio dos pais, o mistério que se deixa planar em torno desses problemas são causa importante de muitas deformações de consciência. A criança que ninguém quer esclarecer com precisão corre o risco de ver o mal onde não está e não vê-lo quando realmente existe.

● Toda criança normal faz, mais cedo ou mais tarde — muita vez mais cedo do que se espera — a pergunta simples: “Como cheguei a este mundo?” Longe de ser curiosidade malsã, é uma prova de inteligência.

● O mais das vezes, a criança fará essa pergunta à mãe. Se esta em lugar de tratar a questão como a coisa mais natural do mundo, der mostras de escândalo ou ficar perturbada, procurando desviar a pergunta, a criança permanecerá com o problema e com mais acuidade ainda procurará desvendá-lo por todos os meios, guardando segredo aos pais, daí em diante. Se a mãe der uma explicação falsa: cegonhas, couvas, loja de brinquedos, etc., a criança acreditará sob palavra, porque “o que mamãe diz é sempre verdade” mas no dia (e esse dia chegará infalivelmente) em que aprender a verdade, de um modo mais ou menos deformado, terá para sempre perdido a confiança nos pais.

● Se as crianças não obtêm dos pais ou de uma boca autorizada a resposta às perguntas que fazem, estejamos certos de que a buscarão, ou a receberão sem mesmo buscá-la, seja em bloco, seja aos pedaços, de uma forma incompleta, desonesta, por vezes brutal e degradante.

● É grave dever dos pais zelar pela educação da pureza dos filhos. Essa educação comporta não apenas a resposta leal e progressiva aos problemas da origem da vida, a advertência a tempo das transformações que se operam por volta dos treze anos, mas também, num clima de confiança e de amor, a educação do valor para assegurar sem danos a manutenção do equilíbrio e do domínio de si mesmo, nesse período de crise que caracteriza a adolescência.

● Os pais não têm o direito, em matéria de repercussões tão sérias, de deixar que essa educação se faça negligente-mente, para a grande desgraça das crianças que tanta necessi-

dade têm de ser afetuosamente esclarecidas, guiadas, ajudadas pelos que têm o direito de tudo dizer e dos quais elas têm o direito de tudo ouvir.

● Não é porque um dever seja delicado e constrangedor que a êle nos devamos esquivar. Longe de diminuir o respeito, a confiança e o afeto para mamãe e papai, a revelação pelos próprios pais do belo plano de amor de Deus só fará despertar no espírito dos filhos o senso da grandeza e da dignidade do casamento, e lhes avivará no coração — uma vez que raciocinam melhor — a ternura e o reconhecimento para aqueles aos quais devem, depois de Deus, o ser e a vida.

● Não é preciso erguer uma montanha para dizer a verdade de maneira delicada. Há muitos livros publicados a tal respeito, contendo fórmulas concretas de conversação com meninos e meninas, em resposta às diferentes perguntas que possam fazer, nas várias idades que correspondem à infância e à adolescência. Ser-vos-á fácil adaptá-los às vossas circunstâncias, lendo mesmo o texto dèsses livros, acrescentando-lhe comentários pessoais que o vosso coração ditar. O que é preciso é dizer as coisas com a maior naturalidade possível, insistindo sôbre a grandeza do amor que inspirou o plano divino nos menores detalhes, e pedindo às crianças que não falem disso às outras, a fim de que os seus próprios pais tomem a iniciativa de esclarecê-las e guiá-las.³

Se por acaso se julgue que a criança possa tirar proveito da leitura dessa ou daquela página, que seja ao menos como uma conversação começada ou continuada e, por conseguinte, que termine em conversa. A letra mata, o espírito vivifica; a voz e o tom, os matizes, os acentos criam em torno da letra morta uma harmonia viva de pensamentos e de sentimentos que a coloca no ponto exato, tornando-a boa e bela. Que de atenuações, sugestões, repetições, correções, doçuras

3 "L'Ecole des Parents", sob a firma do Sr. ANNE DAVENIN, publicou uma pequena brochura extremamente prática: "Vosso filho vos pergunta como nasceu". A única ressalva é que não se faça aí qualquer referência ao plano de Deus. E como quase sempre quando uma brochura desse gênero é escrita por um médico, ela encara sobretudo o ponto-de-vista fisiológico. Contudo, sob esse aspecto, as fórmulas são excelentes e numa linguagem perfeitamente acessível às crianças.

Por outro lado, PIERRE DUPONT, numa brochura intitulada *L'Initiation des Enfants à la Vie* (Ed. Castelmagne) oferece aos pais uma gama bem ampla de fórmulas concretas adaptadas às diferentes perguntas que o adolescente — menino ou menina — pode fazer. Essas fórmulas estão impregnadas de um clima religioso que lhes dá o verdadeiro sentido de uma concepção cristã da existência.

ou vivacidades são necessárias para comunicar a pensamentos assim delicados a pureza da forma, a verdade exata da significação e o ritmo benfazejo da paz! No livro, a criança não responde, não se abre; permanece muda. Ora, a sua proteção mais segura é, pelo contrário, falar aos pais. O livro tem pressa, não espera; resolve a ordem interior; as imagens assaltam a sensibilidade; a conversação, ao contrário, é paciente; vai e vem; avança e recua; recomeça de acordo com as necessidades; dobra-se facilmente a todos as sinuosidades e elasticidades da alma infantil. Uma mãe cheia de experiência e muito inteligente (suas palavras bastariam para prová-lo) diria com agudeza: "É preciso adaptar os conselhos ao *estilo da família*." ⁴

● Se a criança não interroga, não se deve hesitar em fazer primeiro uma pergunta como esta: "Queres saber como é que as crianças vêm ao mundo?" Há por vezes crianças tímidas, ou que não ousam interessar-se por tais problemas, pois sentiram em torno delas certas resistências e imaginam tratar-se de coisas em que não se deve sequer pensar. Mas isto não deixa de ter graves inconvenientes para o futuro. Colocai-as, pois, à vontade e quanto a vós nunca deveis assumir um ar solene ou embaraçado para falar dessas coisas.

● Após uma conversa desse gênero, não hesiteis em dizer aos vossos filhos que recorram a vós de novo se no futuro outras perguntas lhes surgirem no espírito. Mantereis assim entre vós e eles uma porta aberta à confiança total, tão necessária em tal domínio.

● Em matéria de pureza, não são os usos e convenções que determinam o que é bem e o que é mal. Há uma ordem na criação, e é essa ordem, ou noutros termos, esse plano de amor desejado por Deus, que é preciso respeitar. ⁵

● Não se trata de ver o mal em toda a parte. Não se trata também de ser ingênuo e de imaginar que nossos filhos estão fora de qualquer perigo. Neste mundo moderno, que BERGSON qualificava de "afrodístaco", há desequilibrados, obsecados, pessoas mais ou menos mórbidas, e nossos filhos, de um dia para outro, no momento em que menos o suspeitarmos, podem

⁴ R. P. CHARMOT, *L'éducation de la Pureté*, pág. 17 (Ed. Bloud et Gay).

⁵ Na obra *Éducation Sexuelle* editada pela revista "Éducateurs" (Rue de Fleuras, Paris, 31, VI), encontra-se um artigo sobre a educação da pureza que põe em destaque a síntese do plano divino, e que insiste nos três elementos necessários a uma educação moral autêntica: 1.º o conhecimento programado da verdade; 2.º a educação a domínio de si mesmo; 3.º o apelo à graça de Deus.

ser vítima de um companheiro perverso ou de um adulto sádico. É preciso que a mamãe possa dizer um dia, com toda a naturalidade, ao seu filho: "Tem cuidado, poderás encontrar às vezes camaradas ou pessoas mal educadas que se comportam mal. Se alguém, por exemplo, quiser fazer contigo brincadeiras feias, procurar fazer cócegas entre as tuas pernas, não deixes e vem contar-me." A experiência infelizmente prova que pelo menos 60% das crianças, meninas ou meninos, foram uma ou duas vezes objeto de tentações desse gênero sem que os pais o tenham jamais suspeitado. Uma criança prevenida vale duas e virá se abrir a vós mais facilmente em caso de perigo.⁶

● Diante dos inconvenientes do silêncio nessa matéria, vários países preconizam a educação coletiva da escola. Temos aí uma medida extremamente perigosa, e certos países que a haviam adotado terminaram por abolí-la. Em matéria tão delicada como esta, que se dirige a almas e temperamentos tão diversos como os que uma classe pode oferecer, um ensino uniforme e padronizado ressent-se fatalmente dos matizes necessários às diferentes necessidades dos auditores, arriscando-se em seguida a se tornar objeto de conversas malsãs e criar em alguns o "sex-obses".⁷ Nada se compara à iniciação individual, que se adapta exatamente ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança.

● Mutila-se a verdade mostrando-se apenas o lado fisiológico desses problemas. É muito importante expô-los numa síntese em que não se negligenciem o aspecto sentimental, o aspecto social e o aspecto religioso.

● Nossas respostas devem estar impregnadas de espírito de fé e revelar ao iniciado o plano providencial de Deus com relação ao domínio da sexualidade. Sem dúvida, certos detalhes são muito delicados de expor; mas, se bem que o homem possa corromper o plano divino em tal matéria, é preciso não perder de vista que a estrutura do coração do homem ou da mulher, seu amadurecimento fisiológico, os ritos funda-

⁶ CLAUDE MACKAY, em *L'Éducation Sexuelle* (op. cit.) mostra muito bem a frequência dessas cenas de crianças de más inclinações, muito mais graves do que julgam os pais.

⁷ Obsessão da sexualidade.

mentais da união conjugal, da paternidade, da maternidade e do parto são obra direta de Deus. Também é preciso não perder de vista que o Senhor fez do matrimônio um sacramento, e que os atos conjugais realizados em estado de graça e segundo a retidão de sua natureza tornam-se para os cônjuges fonte de graças e de méritos para o céu. A Igreja, sem dúvida, conhece a fragilidade humana. Mas não condena menos qualquer puritanismo. É preciso, pois, encarar a sexualidade com olhar límpido, sob seu aspecto providencial, nobre e puro. Com essa retidão e com essa nobreza é que devemos falar aos nossos filhos.

- Convém que a menina seja advertida por sua mãe antes de produzir-se o acontecimento que a vai transformar numa mocinha.

- Isto explicará sobretudo o papel da mamãe. Com a puberdade da menina, especialmente por ocasião dos novos cuidados de higiene que a ela se impõem, e ao corrente dos quais é preciso pô-la, a mamãe poderá relemburar, para melhor precisá-lo, o que tiver dito alguns anos antes relativamente ao PAPEL DA MÃE na vida da criança. Como as circunstâncias a isso se prestam de modo técnico, ela poderá fornecer os detalhes físicos e fisiológicos necessários. O tema será o seguinte: a adolescente deixa de ser uma menina para se tornar uma mocinha; seu corpo está em vias de se preparar, pouco a pouco, para o seu belo papel de mãe. É justamente porque é uma obra importante, delicada, um trabalho de colaboração com o bom Deus, a preparação se processa lentamente. E desde que o seu corpo deve ser um dia o primeiro berço de uma criança, ela deve ao mesmo tempo dêle cuidar e respeitá-lo.

- Importa, outrossim, que o menino seja advertido pelo pai (na falta dêste, pela mãe) quanto às transformações que nêle vão se operar, quanto às regras de higiene que devem ser observadas. E convirá preveni-lo de que não há por que inquietar-se com as perturbações fisiológicas que poderão sobrevir durante o sono, independentemente de sua vontade.

Uma recomendação que espantará talvez certos pais, mas à qual os que recebem profissionalmente numerosas confidências de crianças

dão grande importância: a criança não deve em hipótese alguma partilhar do quarto de dormir dos pais. Freqüentemente por desgraça as condições econômicas impedem que os pais se conformem com essa exigência essencial, mas sempre que possível é "preciso fazê-lo". Ignoramos ainda o grau de impressionabilidade do cérebro infantil. É contudo provável que o cérebro da criança, sensível como é, receba certas impressões como a chapa de cera de um aparelho registrador, e só as assimile muito mais tarde.³

● É aos pais, sobretudo à mãe, que incumbe formar a criança no que concerne ao pudor, que de um lado evite as fobias, os temores exagerados que fariam descobrir o mal por toda parte, mas que de outro lado possua o sentido de uma reserva tanto mais indispensável quanto todo o ambiente atual luta por destruí-la.

● Que fazer se vos apercebeis que vossos filhos adquiriram maus hábitos solitários?

1. Não dramatizar nada, não aterrorizar a criança, não hipnotizá-la a esse respeito; arriscar-vos-íeis a levá-la à obsessão, impedindo-a de sair dela.

2. Ensinar a criança a lavar-se adequada e completamente; por vezes tais hábitos se originam de uma falta de higiene e de asseio.

3. Colocar o problema no plano da boa educação e do respeito de si mesmo: uma criança bem educada não brinca com o corpo do mesmo modo que não coça o nariz ou esfrega os olhos.

4. Encorajar a criança a reforçar a vontade, fazendo-a trabalhar noutros setores.

5. Assegurar-lhe que não deve espantar-se de ter tentações a esse respeito: é da idade. Mas é também da idade aprender o domínio de si mesmo com a graça de Deus que jamais é recusada ao homem de boa vontade. Assegurar-lhe uma vida equilibrada; ensinar-lhe a escolher suas leituras, a evitar todo motivo de excitação, exercitá-la na técnica da diversão por meio de qualquer coisa que a interesse.

³ Dr. STEKEL, op. cit., pág. 25.

6. Nessa matéria, é preciso insistir mais sôbre o aspecto positivo da alegria de crescer e de vencer-se do que sôbre o aspecto negativo da falta moral. Cumpre deixar esse ponto ao julgamento do confessor, que tem graça de estado para tanto.

Instruir a juventude acêrca das realidades da vida não é, pois, como pretendem certos higienistas, premuni-la contra os perigos das moléstias venéreas, mas preservá-la dos desvios morais que resultam da incontinência. O homem não é um simples animal que cumpre proteger contra o contágio dos micróbios, mas um ser moral que deve dominar os próprios apetites.

A juventude deve saber que se é depositária de potências criadoras, não o é para aviltá-las e delas fazer um melo de gozo. A impureza é simultaneamente uma falta contra o respeito que o homem deve a si mesmo, uma falta contra aquela que desposará um dia e uma falta contra as crianças herdeiras de suas forças físicas e morais.

Um rapaz se prepara, portanto, para a fidelidade na medida em que se respeita a si mesmo e em que respeita a mulher em geral.⁹

•

IV

ALGUNS PROBLEMAS PRÁTICOS

O ESPÍRITO DE FAMÍLIA

Cada família pode ter um espírito de que todos os membros se beneficiam. Se esse espírito não existir, os membros nada mais são do que pessoas justapostas, e procurarão todas as ocasiões para se afastarem do lar; se, porém, esse espírito existir, um laço de unidade consolidará a afeição de uns pelos outros, e até mesmo quando a vida dispersar os membros, esse elo terá força suficiente para manter uma mútua ajuda baseada no afeto.

● O desenvolvimento desse espírito de família depende em primeiro lugar dos pais, de sua unidade de ação na educação dos filhos, dos exemplos que derem continuamente, do caráter complementar que lhes é próprio, do modo pelo qual, à proporção que as crianças crescem, fazem com que elas partilhem das tarefas do lar e dos próprios cuidados que surgem em suas cabeças adultas; depende também do modo pelo qual ligam o presente ao passado, despertando nas crianças um orgulho legítimo pelos avós e antepassados (a verdadeira nobreza não é tanto a do nome como a do coração e da honra), do modo, enfim, pelo qual souberam criar esse clima de alegria e confiança que se manifestará com mais força nas horas felizes das festas e dos aniversários.

● Os pais cristãos desejam certamente educar uma família numerosa. Muitos filhos são, num certo sentido, mais fáceis de educar; beneficiam-se mutuamente de um conhecimento psicológico que lhes será preciso mais tarde; a fricção de caracteres os terá amaciado, e, sem dúvida alguma, a

solidariedade que os unir constituirá um precioso sustentáculo nas horas de luta ou de sofrimento.

● Sucede com muita frequência encontrar-se nas melhores famílias um certo ciúme inconsciente de uma criança relativamente a outra, em particular do mais velho para com o irmãozinho imediatamente mais moço. Esse ciúme culmina aliás em desacordos ou em fenômenos diversos cuja explicação é inútilmente procurada pelos pais. A causa profunda é amiúde a seguinte: vosso primogênito teve toda a vossa afeição; sentiu-se durante muitos meses, senão anos, o centro dos vossos pensamentos, dos vossos cuidados e das vossas alegrias; eis que, de repente, dão-lhe um irmãozinho ou uma irmãzinha. Qual será a sua reação? Isto dependerá de vós em grande parte. Se dais mostra de negligenciar o primeiro por causa do segundo, não vos admireis de que aquele, sem se dar conta, sinta desconfiança pelo outro, e até mesmo uma certa inveja que pode chegar ao ódio, sobretudo quando a chegada do recém-nascido lhe valer certos sacrifícios para os quais não estava preparado, como o afastamento das carícias maternais, ou o fato de ter de ceder o quarto ou a cama.

● Em *La Petite Soeur de Trott* (*A irmãzinha de Trott*), ANDRÉ LICHTENBERGER descreveu de modo encantador o que se pode passar na alma de um homenzinho que recebe uma irmãzinha. Antecipadamente lhe haviam falado da alegria que iria ter, de modo que ele havia imaginado que a irmãzinha seria uma menina como as com quem brincava, quando era um pequeno animalzinho vermelho e choramingas. Trott queria brincar de cavaleiro, soprar na corneta e lá vinham: "Psiu! vais acordar a maninha!" Queria ir como sempre para o colo da mamãe, ouvir uma história, ou ele próprio contar alguma coisa. Mas mamãe está muito ocupada, mudando as fraldas do bebê, preparando-lhe o leite. Tudo agora é com o bebê, nada mais com o Trott... Certamente deixou de gostar dê-le.

● Frequentemente o ciúme de uma criança não se exprime com clareza, e desorienta os pais com toda a sorte de maneiras incorretas, cuja causa lhes escapa. O garoto que era limpo, recomeça a molhar a cama. — Falava mais ou menos bem e começa a "zezear". — Comia só e finge que não sabe

mais pegar numa colher. Finalmente, não lhe escapa qualquer ocasião de fazer tolices e de se tornar insuportável. O pobre primogênito seria decerto incapaz por si mesmo de explicar o que se passa no seu cérebrozinho, mas podemos traduzir mais ou menos bem os seus raciocínios obscuros: "Uma vez que mamãe e papai se ocupam com o bebê e me esquecem, é preciso que eu imite o bebê para que eles gostem novamente de mim. Se eu molhar as calças mamãe terá de mudá-las; se eu não quero comer, ela terá de me dar a comida na boca como faz com o bebê." Tôdas as tolices são os esforços de uma pequena personalidade que se acredita desprezada, no sentido de atrair a qualquer preço as atenções para ela.

● Os pais bem avisados não deixam de demonstrar solicitude para o mais velho por ocasião da chegada do segundo; alguns oferecem presentes e brinquedos como se fôsem de parte do recém-nascido; dão a compreender ao primogênito que a chegada do irmãozinho o torna maior, e assinalam essa "promoção" com sinais exteriores como, por exemplo, a compra de uma roupa nova ou a autorização de comer na mesa com papai. Eis como uma mãe solucionou o problema no que lhe dizia respeito:

"Não creio que João tenha tido algum dia ciúme de seu irmão. É certo que sempre estive atenta para não lhe dar esse motivo. Assim é que, se volto do jardim com André num braço, dou a outra mão ao Joãozinho. Se André estiver no meu colo e João chegar, ponho ambos em cada um dos meus joelhos. João por seu turno parece ter uma idéia muito clara da igualdade entre ambos. De uma feita, André estava brincando de "cavalinho"; é preciso não esquecer João, foi o que pensei. Largo André e pego João; assim que este dá o seu "galopo", deixo dos meus joelhos e diz: "Agora André!" Beljo João na cama. "Para o outro também!" — diz ele. Se lavo as roupinhas de André, João vai ver se me esqueci de alguma. Pensei que pudesse ser desagradável a João ver o irmão herdar as suas velhas coisas; que podia ventilar-se despojado em benefício do outro. Assim, quando André se tornou bastante crescido para seu berço, comeci por dar a João uma cama grande e guardei em seguida o berço no sótão, durante três meses, ao fim dos quais trouxe-o de volta e dei-o ao André. João parece ter notado que se tratava do seu próprio berço."

● Se quisermos que as crianças se entendam bem, cumpre não opô-las nunca; cumpre evitar qualquer frase de sentido

comparativo que arrisque despertar ciúmes e determinar complexos de inferioridade.

● Nunca se diga a uma criança: "Olha como o teu irmão é bem educado... Procura ser gentil como a tua irmãzinha..." Nada pior para criar ciúmes, e é mesmo, amiúde, uma injustiça. Porque as duas crianças não têm forçosamente o mesmo temperamento e as mesmas reações; é como se disséssemos a um moreno: "Sê louro como o teu vizinho."

● Quando as crianças têm ciúmes mútuos, deveis dizer: "Muito bem, amanhã vou trazer uma balança de precisão..." ou "Pede para seres servido de modo mais abundante porque tens fome ou porque gostas deste bôlo, mas não porque teu irmão recebeu um pedaço maior, que não tem relação alguma com o que te deram. Se estás satisfeito, deixa de queixar-te. Se não estás, passa para cá a tua parte."

● Quando as crianças brigarem, dizer: "Nem um nem outro têm razão, e já é muito tarde para verificar quem foi que começou. Aliás, não tem importância. A partir de agora, o que recommençar é quem não tem razão."

● Sucede às vèzes que as crianças fazem "relatório" umas contra as outras. Antes de tudo, é preciso ensiná-las a distinguir entre "relatório" útil e inútil; útil é apenas o que permite chegar a tempo de impedir um acidente ou uma grande tolice; inútil e perigoso é o relato que tem por fim acusar mais ou menos maldosamente o irmão ou a irmã. Quando os pais dizem à criança informante: "Farás muito bem de te acusares quando tiveres cometido uma falta, mas desde que hoje se trata de um outro, não é a ti que devo escutar", o pequeno denunciante não terá mais vontade de recommençar.

● É preciso repetir às crianças que tôdas são amadas e cada uma por si mesma; não pode haver rivalidade quando não há preferência.

● Deve-se deixar que as crianças falem à mesa? Eis a resposta do DR. ARTHUR:

"Várias vezes pediram minha opinião sobre se é oportuno deixar que as crianças falem à mesa; sempre respondi mais ou menos ambigualmente: acho que não devemos deixá-las falar a torto e a direito, mas que é inútil e cruel impor-lhes silêncio durante toda a refeição. Se falem demais, comem mal; se não falam, se aborrecem, e a refeição em família torna-se para elas uma maçada, o que ainda é pior. De resto, a refeição em comum não é, sobretudo para o pai de família, uma ocasião do estar com os filhos que só pode ver forçosamente durante pouco tempo? Que converse, portanto, com eles, dirigindo a palavra a cada um por seu turno, sem dizer por antecipação que não tem interesse nas respectivas respostas: procure também ensinar-lhes a que aprendam coisas novas que possam interessá-los, e não a ele; que o ensine a se exprimirem, a contar alguma coisa de modo claro, preciso e coerente. Para que uma tal conversação seja possível é preciso que reine uma certa disciplina e que todos não falem ao mesmo tempo para dizer não importa o quê.

É sobretudo preciso saber criar uma atmosfera alegre, divertida, que faça com que todos sintam o prazer de estar juntos."

● Fique bem entendido que nas refeições não se deve mostrar uma fisionomia de aborrecimento ou desgosto; ninguém imagina até que ponto as doenças do estômago podem ser contraídas em certas mesas familiares quando a atmosfera é pesada e os corações se oprimem.

● É preciso não deixar nunca que os meninos exibam desprezo ou comiseração para com as irmãs; não deixar também que estas adquiram quer o complexo de inferioridade, quer o desejo de se masculinizarem, a fim de não ficarem atrás dos irmãos. Se a menina, com efeito, é inferior em força ao menino, não terá ela no seu jogo outros triunfos de que deve tirar razoavelmente partido e vantagens: agudeza de intuição, persistência, habilidade para os trabalhos domésticos, graças, docilidade, etc?... Consciente disso, ela adquirirá um sentimento de compensação que colocará as coisas nos devidos lugares.

● Entre o caçula e o mais velho pode-se cavar inconscientemente um fôssco, mostrando a cada instante o segundo como modelo típico, ou pedindo-lhe levianamente que se ocupe do menor, ou ainda que se deixe incomodar por ele sem se queixar, a pretexto de que é o mais moço.

1 DR. ARTHUR. *Un Monde inconnu: nos Enfants*, pág. 53.

● É preciso também evitar que o mais jovem sinta que é apenas o caçula. Por exemplo: não deixando que tenha objetos próprios ou uma roupa nova.

Uma criança que usava sempre as roupas do irmão mais velho, quando este ganhava novas, queixava-se a Deus com as seguintes palavras: "Meu Deus, fazei que meu irmão rasgue as roupas para que eu não seja obrigado a usá-las!"²

● Lembrai-vos de que cada criança tem personalidade própria. Fazei o possível para dar a cada uma o emprêgo de um tempo também próprio.

Se quereis conservar a confiança de cada um dos vossos filhos, nunca façais ironias com eles. Quando algum, picado pela mosca das confidências, demorar ao vosso lado, não deveis interrompê-lo; deixai-o contar-vos tudo quanto quiser, mesmo que tiverdes uma ocupação urgente. Não deveis trair nunca o segredo que uma criança vos confia. Procurai, de quando em vez, sair com um dos vossos filhos, cada um por seu turno.

² DR. STEKEL, op. cit., pág. 120.

A CRIANÇA AMUADA

Num livro notável, *L'Enfance méconnue*,¹ o DR. RENÉ ALLENDY estuda a psicologia do amuo:

“Amuar-se é tornar-se para o próximo uma censura muda. É acusá-lo tácitamente, dando-lhe a entender que o laço de confiança e simpatia foi cortado, e que não deve mais contar com bons sentimentos... Amuar-se é, pois, por meios indiretos e insidiosos, procurar aborrecer o adversário, obtendo pela duração ou pela repetição o que não se pode exprimir pela intensidade. No amuo aparece uma agressividade contida, reduzida a dimensões toleráveis, sem grandes riscos para o amuado. Além disso, o amuo representa um meio de se tornar interessante, de se impor à atenção, de simular infortúnios grandiosos, ao passo que a exposição franca dos motivos de queixa seria banal e sem brilho. Graças a essas utilizações secundárias, o amuo logo se torna um meio de exercer pressão sobre os circunstantes...”

● Não há como espantar-se demasiado de que a criança sinta a tentação de protestar pelo amuo contra uma decepção ou uma observação que julgar injusta. Exibir um ar triste, acabrunhado, pesado de sofrimento, acreditar-se vítima e disso vestir as aparências é uma arma preciosa dos fracos contra os fortes. Mas o amuo é perigoso e por isso é preciso tentar curá-lo nas crianças, desde que surjam as primeiras veleidades.

● O amuo é uma arma perigosa porque o amuado se torna vítima do seu hábito. Condena-se a manter uma atitude tão

¹ Pág. 98 (Ed. du Mont-Blanc, Genebra, Suíça).

desagradável para si como para os outros, e isto sem vantagem para ninguém.

- Principalmente se prolongado, o amuo se arrisca a tornar-se contagioso e a determinar em certos membros da família irritações que só fazem complicar a situação, donde o estabelecimento rápido de uma atmosfera irrespirável.

- O amuo tem por origem atitudes que serão perigosas para o futuro, sobretudo nas meninas. Elas já têm a tendência de compensar os seus complexos de inferioridade pelo que poderíamos chamar de "reflexo de vítima". Se mais tarde, à menor contrariedade, armam o que se chama uma "cara de pau", a paz do lar corre grave risco.

- Os pais devem evitar lealmente tudo quanto possa levar a criança ao amuo. Por que censurar a torto e a direito? Por que zangar-se sem razão correspondente, sobretudo quando se trata de uma pequena falta de que a criança quase não é responsável? Por que cumulá-la na presença de outros de observações que, em absoluto e imediatamente, não são indispensáveis?

- Quase todos os amuos têm como origem um tom impertinente, agressivo, sarcástico ou irônico que parece uma provocação. A verdade é que são raros os conflitos familiares onde não haja um pouco da culpa de cada um.

- Se a criança se amua, finjamos não o notar e evitemos exasperá-la. A violência e o enervamento só podem tornar a situação mais delicada.

- Quando a criança estiver mais bem disposta, fazer com que compreenda que o amuo é um mau hábito que torna a vida mais difícil e os esforços mais penosos. Mostrar-lhe também que se arrisca a adquirir uma má inclinação — a do mau caráter — de que será mais tarde a primeira vítima. Far-se-á assim com que renuncie a esse meio pueril, oferecendo-lhe outros mais simples de comunicar o seu ponto-de-vista. Uma exposição leal suprime no amuado o desejo de suscitar

remorsos e despoja suas reivindicações de qualquer caráter misterioso, heróico ou romanesco.

● Não é preciso dizer que o melhor remédio contra o amuo é um ambiente habitual de calma e otimismo. Se o clima familiar é alegre, se sabemos fazer boa cara diante dos contratempos, o caráter rabugento e amuado da criança talvez nunca se revele, ou pelo menos desaparecerá depressa por não ter com que se alimentar.

PROBLEMAS ESCOLARES

A época de entrar na escola é um acontecimento importante na vida da criança. Para muitas, é o primeiro contato com o desconhecido e com desconhecidos. Da maneira pela qual a criança acolhe e é acolhida dependerá a atitude positiva ou negativa em face do trabalho e da vida escolar, a qual influenciará por longo tempo a adaptação ao ensino e ao trabalho intelectual.

- Nunca apresentar a escola à criança como um lugar em que se vai corrigir: "Vais ver uma coisa quando fores à escola; vão te ensinar direitinho! — Ah!, quando chegar a hora de ires às aulas e me deixares sossegada!"
- Alimentar o desejo de ir à escola por meio de frases como estas: "A gente cresce quando vai à escola; vais deixar de ser um bebêzinho e aprenderás uma porção de coisas."

A vida escolar representa para a criança o que para nós, adultos, representa a vida profissional; é a sua ocupação principal. A partir do momento em que a criança frequenta regularmente a escola, passa a considerá-la como o que há de mais claro em sua atividade consciente e participa de forma muito relevante do seu desenvolvimento intelectual e psíquico. O papel da escola é, por conseguinte, capital. Nada há, pois, de surpreendente que as dificuldades escolares produzam reações sensíveis no comportamento geral das crianças, e que os dramas que ali se desenrolam tenham grandes repercussões nas suas vidas cotidianas e na sua evolução psicológica.¹

- Tanto quanto possível evitar o internato, que é uma coisa contra a natureza, sobretudo para as crianças pequenas

1 Dr. ARTHUR, *Un Monde Inconnu: nos Enfants*, pág. 132.

junto às quais nada pode substituir o elemento afetivo que papai e mamãe representam. Se os pais pudessem imaginar a angústia que em certas horas invade as almas dos pequenos internos, mesmo nos melhores estabelecimentos! Pelo menos, caso não haja outro modo, que esses males sejam compensados por visitas frequentes à família, que as retenções abusivas nunca devem suprimir, sob pena de transformar, de modo inteiramente antipsicológico, o internato em prisão.

- A escolha da escola é importante. O ideal é que o estabelecimento escolhido não apenas ministre uma instrução sólida, desenvolva na criança as qualidades humanas de trabalho, limpeza, polidez, lealdade, exatidão e ordem, como crie também um clima cristão favorável ao desabrochar moral e espiritual da criança.

- Sobretudo na puberdade, a criança é extremamente sensível à influência do meio escolar em que evolui. Se esse meio é arreligioso, pode provocar na criança a neutralização espiritual de uma parte notável de sua vida. Se é anti-religioso, dará como resultado uma tensão entre duas formações contraditórias.

- Se por motivo de distância ou de finanças, a escolha da escola religiosa for impossível, cumpre suplementá-la cuidadosamente através da ação de um movimento infantil ou de uma obra de juventude.

- Depois da puberdade, as escolas oficiais: liceus, colégios, em externato, apresentam inconvenientes menos graves, e até mesmo — se se beneficiarem de uma atmosfera moral suficiente — podem proporcionar certas vantagens às crianças (contato com os incrédulos, ocasiões de mostrar uma fé mais combativa, um espírito apostólico mais acentuado, compromisso com o bem). Mas, nesse caso, cumpre zelar no sentido de que o adolescente possa continuar o aperfeiçoamento de sua instrução religiosa e participe de um movimento católico, sem o que correrá o perigo de sofrer, sem compensação, a

influência de um professor ou de um colega que não participe de seu ideal ou de sua fé.²

● De uma maneira ou de outra, deve haver entre a escola e a família uma colaboração eficaz e real. Mesmo cristã, a escola não deve ser um refúgio que desvie os pais de suas responsabilidades educativas. Mesmo cristã, a escola não deve desligar a criança de sua paróquia. Do contrário, pode confundir os exercícios religiosos com os próprios exercícios escolares, abandonando-os ao sair do colégio.

● É preciso que a criança tenha o vivo sentimento do acôrdo entre todos os seus educadores: pais, sacerdotes, professores. Sempre que houver êsse entendimento, pelo menos tácito, a criança experimenta um sentimento de paz e segurança.

● Um dos pontos sobre os quais deve exercer-se esta colaboração entre a escola e a família é o problema dos deveres em casa. De uma parte, cumpre evitar que ãles sejam de tal maneira numerosos que a criança se veja impedida de ter o legítimo momento de pausa que lhe é necessário; que envenenem a atmosfera familiar e sobretudo abreviem habitualmente o período de sono da criança. Por outro lado, se a criança pode pedir ocasionalmente conselhos aos pais, é preciso abolir o método que consistiria em fazerem os pais os deveres dos filhos.

● O que é necessário, se desejamos que a criança venha a ser bem sucedida nos estudos, é que tenha tanto quanto possível um cantinho reservado em que possa trabalhar com calma, sem ser perturbada, quer pelas exigências intempestivas de serviços familiares, quer pelos irmãos ou irmãs, quer pelo barulho do rádio.

● É bom que de tempos em tempos — sem abusar — os pais façam uma visita aos professores dos filhos. Mas, que não o façam sem que os filhos o saibam, nem na presença dos mesmos. Sem que saibam, para não lhes dar a impressão

² Isto é particularmente verdadeiro para as liceus de meninas, em especial nas aulas de filosofia. A experiência e a psicologia demonstram que as meninas levam mais a sério do que os irmãos o ensinamento que recebem; e um professor que não for cristão, tendo além disso prestígio, pode facilmente semear a dúvida em espíritos ainda mal preparados para se defender.

de uma conspiração contra eles — impressão que não poderiam deixar de ter quando um dia soubessem dessa visita escondida; nem na presença deles, porque se houver elogios, há risco de que se envaideçam; se houver censuras, o risco será de desencorajamento.

● Os pais devem se interessar pelos progressos do filho, mais em si mesmos, aliás, do que relativamente aos colegas. Porque todo espírito de competição comporta, como reverso de medalha, o perigo de despeito contra os que são mais bem dotados, ou de desprezo contra os menos hábeis e inteligentes.

● O interesse dos pais pelo trabalho escolar não deve consistir em acrescentar automaticamente uma punição familiar a um castigo recebido na escola, nem em tomar automaticamente a defesa do filho contra os professores. Em hipótese alguma, permitir críticas ou zombarias ao corpo docente. Nunca tolerar igualmente em vossa presença apelidos ou insolências. Deixando que diminua a autoridade dos mestres, a própria autoridade dos pais é atingida.

● É evidente que os pais nunca devem ser cúmplices dos filhos para enganar os mestres.

Uma tarde, uma mãe vem buscar a filha e diz inocentemente à professora: "Senhorita, queira desculpar minha filha; ela não poderá recitar a lição amanhã porque os seus avós vêm visitá-la hoje à noite. Mas os deveres ficarão prontos, eu mesmo os farei." *

● Conta o PADRE PRADEL:

"Acusado com provas de ter muitas vezes, em ocasiões graves, usado assinaturas falsificadas, um rapazinho, vendo lágrimas nos olhos do pai — homem honrado e profundamente ferido por ver o filho culpado de uma fraude tão séria — deu friamente, diante de mim e do pai, esta desculpa: "Mamãe assinou duas vezes em meu lugar desculpas inexistentes; pensei então ser preferível que eu mentisse sozinho." *

3 Exemplo citado por uma professora do Eure (1943).

4 *La Collaboration de la Famille et de l'école*, pág. 16

● Que fazer se a criança é preguiçosa ou mostra má vontade evidente para os estudos? Pode haver para isso muitas causas de origens diversas. Causas de ordem física: a criança vê e ouve mal, não dorme bem, ou mesmo — em certos casos — pode haver uma razão de origem glandular que justifique uma visita médica. Causas de ordem intelectual: a criança está numa classe muito adiantada para ela, as explicações do professor estão acima de sua inteligência; talvez seja necessário submetê-la a um teste aferidor de sua idade mental. Causas também, por vezes, de ordem afetiva: não souberam, no começo, tratar a criança como deviam, o esforço que lhe pediram estava acima de suas forças; pode ter igualmente o sentimento de ser incompreendida. Neste caso, convém encorajá-la, levá-la à convicção de que trabalha para si e não para o professor; mostrar-lhe que cada esforço sério se traduz por uma aquisição valiosa de que será o primeiro beneficiário. Não lhe exigir esforços acima de suas capacidades e possibilidades; pedir-lhe, ao contrário, esforços que lhe dêem o sentimento de um êxito e de um progresso.

● Sempre que possível, relacionai o trabalho da classe à vida corrente. Ajudai a criança a tirar rendimento de todos os conhecimentos adquiridos. Aqui temos, sem dúvida, uma das vantagens da chamada educação "nova", e que bem corresponde à psicologia da criança.

LAZER E DISTRAÇÕES

O jogo, a diversão, não tem para a criança a mesma significação que para o adulto. Para este, é antes de tudo uma pausa, uma distração. Para a criança, é a coisa mais séria que existe no mundo, poder-se-ia mesmo dizer a sua ocupação essencial. Por isso é muito importante que os pais, interessando-se embora pelos brinquedos dos filhos, evitem perturbá-los com intervenções intempestivas.

Cláudia (4 anos) deixa escorrer entre os dedos a areia dourada da praia e não atende aos pedidos imperiosos da mãe que a incita a brincar com ela: "Não sabes brincar, Cláudia", diz a mamãe. Resposta de Cláudia: "Sei, sim, sei brincar muito bem com o que gosto".

● A criança leva de tal modo a sério o seu brinquedo que facilmente se identifica com o personagem criado, adotando tudo quanto imagina pertencer à sua psicologia.

"Conheço um menino de 3 a 4 anos. Um dia, irrompi no seu quarto de brincar, encontrando-o sentado, a um canto, sobre uma caixa; diante dele havia um carrinho virado. O menino estava sério e, com as duas mãos agarradas a uma das rodas, fingia dirigir um automóvel... Quis aludir ao seu ofício e, de saída, lhe disse: "Bom dia, choferzinho bonito!" Mas a frase ficou sem resposta. Julguei o menino pouco gentil. Dissera-lhe uma amabilidade, e não estava ele fazendo realmente as vezes de um chofer? Repeti-lhe o meu bom-dia. Ainda sem resposta. Depois da terceira tentativa, a criança, não sem ter assumido um ar zangado, disse-me com serenidade e altivez: "Não é assim que se fala a um chofer!"¹

● Brincar é o trabalho das crianças e os brinquedos são os instrumentos do jogo.

1 J. LAUREN-HOOGSTRA, op. cit., pág. 103.

- Uma criança se diverte mais em construir sonhos em torno de um brinquedo do que com o próprio brinquedo. Aos 4 anos divertimo-nos mais com um pedaço de pau envolvido em trapos do que com um brinquedo complicado e caro.
- A criança descobre no desenho e na pintura um excelente meio de exprimir para outrem e para si mesma os seus instintos criadores. É melhor que a criança possa inventar como quiser do que colorir os "espaços em branco" de um método antecipadamente impresso; na segunda hipótese, ela correria o risco de sentir-se desencorajada a ponto de renunciar a qualquer esforço pessoal de imaginação.
- Os brinquedos de armar correspondem magnificamente à psicologia da criança, sob a condição de que ela possa construir, modificar e recomeçar de acordo com as suas próprias idéias.
- O que vale não é tanto o brinquedo e o seu preço, mas a atividade criadora que determina na criança.
- Pelo Natal, não convém dar aos vossos filhos, de uma só vez, vários brinquedos comprados sem discernimento. Fazei, ao contrário, vossa escolha com cuidado: escalonai durante o ano inteiro a distribuição da metade do que comprardes. Dêsse modo os brinquedos poderão realmente preencher o seu papel que é o de contribuir para o desenvolvimento da criança pela renovação do interesse.
- Não temais que os vossos filhos se exercitem ao ar livre. Habituai-os desde cedo ao vento, à chuva e ao frio. A criança pode enrijar-se facilmente diante das intempéries; e são amiúde as excessivamente protegidas e agasalhadas as vítimas dos cuidados exagerados dos que as cercam.
- Quanto mais cedo possível, procurai ensinar vossos filhos a nadar. Quanto mais jovem começar, mais fácil será; um pouco ocorre com as línguas vivas.

Se tiverdes ocasião de matricular vosso filho num curso de ginástica rítmica, não hesiteis. Esse método exercita os músculos e as articulações, dando ao corpo proporções harmoniosas. A criança tor-

nar-se-á ágil e natural nos seus movimentos; seu senso do ritmo acentuar-se-á, o que lhe será proveitoso mais tarde, e não apenas no domínio musical. Ela aprenderá também a reagir com presteza e de modo eficaz; adquirirá sangue-frio, qualidade atualmente indispensável aos meninos. Limitemo-nos a lembrar a circulação nas ruas modernas e os perigos que comporta! A ginástica rítmica harmoniza o espírito e o corpo, exige que a criança aprenda a se dominar, e fortifica a faculdade de concentração com a qual poderá sem dificuldade assumir atitude em presença de outras pessoas, e mais tarde, no período de exames, evitar a inibição de resultados tão deplorável.²

● Quando a criança crescer, a participação nos jogos esportivos e as excursões com grupos juvenis serão para ela oportunidade de uma formação benfazeja, ao mesmo tempo física e moral.

● No período de férias, consenti de boa vontade que o vosso filho participe de uma "colônia" ou de um acampamento. Será para ele freqüente ocasião de desenvolvimento físico e moral de que se beneficiará o ano inteiro. Sêde, contudo, exigente não apenas quanto ao ambiente educativo da colônia, mas sobretudo no que toca à sua atmosfera espiritual. Uma colônia de férias de espírito francamente cristão é oportunidade tão fecunda para viver efetivamente uma vida em cristandade que não devemos recusar, o que significa um benefício para nossos filhos.

● O esporte se reveste atualmente — e isso é um grande bem — de uma atração prestigiosa para a maioria das crianças. Há, no entanto, esporte e esporte. É bom precaver-se, sobretudo no período da adolescência, em que a criança depressa se fatiga, de estimulá-la ao esporte de competição, no qual ela se arrisca, pelo desejo de vencer, a ultrapassar os limites da prudência. O esporte só é aconselhável se, paralelamente, a criança assegurar o seu equilíbrio físico pela ginástica racional e se, de outra parte, exercita-se sob controle médico.

● Uma recomendação que talvez não seja de todo inútil: o jogo deve comportar, mesmo para a criança crescida, uma recompensa em si mesmo, e o "fair-play", ou seja, a observância conscienciosa da disciplina do jogo, a arte de saber

² Dr. C. MEULEMAN, *L'Enfant, notre Espérance*, pág. 172.

perder tão bem quanto ganhar, constitui um verdadeiro enriquecimento moral. É de lamentar-se que o jogo seja estimulado pela isca de um ganho qualquer. Normalmente, os jogos a dinheiro devem ser proscritos.

- A leitura para as crianças deve ser cuidadosamente escolhida. É necessário proibir deliberadamente não só as obras de moralidade duvidosa, como é óbvio, mas tudo quanto possa impressionar de modo demasiado intenso a imaginação infantil, particularmente as narrações de crimes, de torturas, os romances policiais, as aventuras de "gangsters". Em primeiro lugar, essas narrativas em cores fortes contribuem para falsear o julgamento e a imaginação dos jovens leitores; por outro lado — e a hipótese não é imaginária — podem criar um mundo fictício no qual a criança se mova fora de toda realidade, esperando conseguir realizar por si mesma as aventuras que lhe encham o coração e o espírito.

- Há atualmente um grande número de revistas ilustradas para as crianças. Nem todas contribuem de modo igual para uma boa formação. Algumas mesmo constituem autêntico veneno; outras são de uma indigência intelectual que chega a embrutecer. Não mandemos nossos filhos comprar indiscriminadamente essas publicações nas bancas. Uma vez que há revistas ilustradas cristãs, assinemos algumas para os nossos filhos. Com isto evitaremos que eles se vejam tentados a comprar não se sabe o quê e como.

- Que pensar do cinema em relação às crianças?

O cinema constitui uma excepcional força de fascinação e pode servir com a mesma facilidade tanto às melhores como às piores causas. Do ponto-de-vista educativo, pode ser para a criança um instrumento precioso de distração e instrução: filmes documentários, filmes de viagens, filmes calcados sobre histórias.

Mas o cinema pode ser também extremamente perigoso porque a maioria dos filmes de hoje não são feitos para as crianças. Os grandes filmes de emoção e aventuras assestam verdadeiros golpes de imagens nos cérebros jovens que se atordoam com tantos choques repetidos. As imagens são o

veículo de uma carga afetiva ou sentimental. Sua multiplicidade superpõe ao mundo real um mundo fictício, artificial, que ameaça desequilibrar a criança, retirando-lhe o senso da realidade numa fase em que justamente mais precisa adquiri-lo. Por outro lado, sendo muito sugestionável, a criança tende a reproduzir as cenas que vê desenrolar-se na tela; e quando são sentimentais ou equívocas, é fácil imaginar até onde isso pode chegar...

● Tem-se observado que o abuso do cinema determina na criança um enfraquecimento da memória, da atenção e, de um modo geral, do pensamento pessoal. O cinema, enfim, sobretudo se a criança tem o hábito de frequentá-lo, determina uma espécie de embriaguez e cria uma necessidade fictícia a um ponto que já se pôde dizer que ele é "o ópio da criança".

Por conseguinte, fora das sessões especialmente reservadas às crianças, e nas quais a escolha dos filmes será determinada pelo seu caráter instrutivo ou calmante, o cinema é contra-indicado, habitualmente, para os jovens.

● Na hora atual o cinema constitui uma tal força e exerce uma tal influência, que não basta que dêle preservemos a criança. A proporção que esta crescer, será bom ensinar-lhe a escolher os seus filmes, a fim de que possa vê-los com um espírito crítico alerta. O filme discutido em família, entre pais e filhos já desenvolvidos, oferece ocasião feliz de colocar as coisas nos devidos lugares, o que alarga os horizontes e contribui para a formação do julgamento.

● O rádio, e com maiores razões a televisão, devem ser objeto da vigilância dos pais e, ainda aqui, da educação do julgamento crítico. Há emissões sadias e por vezes mesmo muito educativas. Algumas não fazem mais do que distrair. Mas há por desgraça as que embrutecem e mesmo envilecem. Vale então lembrar que "viver é escolher", e que é nessas opções que se revela a qualidade de uma alma.

ADOLESCÊNCIA

Chega uma idade em que a criança deixa de sê-lo e não é ainda um adulto. Idade em que se produz uma espécie de ruptura de equilíbrio em busca de um equilíbrio novo e da conquista da personalidade que pouco a pouco farão da criança, do menino, não somente um rapaz ou uma moça, mas um certo rapaz e uma certa moça. Disso resulta um período de crise que em geral começa por volta dos treze anos e pode durar dois ou três anos mais. É aí então que os pais, completamente esquecidos de que também passaram por tudo isso, mostram-se desorientados porque não reconhecem mais os filhos.

A primeira coisa a fazer é não se afobar. Trata-se de uma crise normal que passará tão mais depressa e facilmente quanto se esforçarem os pais de bem compreender o que ocorre.

- O adolescente que deixa de ser uma criança começa por ter uma crise de emancipação. Não quer mais fazer parte do mundo dos pequenos; não quer ser mais tratado como um deles; não gosta de que o façam recitar as lições; não quer que lhe digam à noite que vá dormir; contraria-se com a menor observação, sobretudo se feita diante dos irmãos ou irmãs menores.

Essa vontade de emancipação é a manifestação de um progresso natural em marcha evolutiva. Seria vão e perigoso tentar quebrá-la à força.

● O que caracteriza a adolescência é uma transformação fisiológica para a qual é preciso que os pais previnam a tempo os filhos. Mas, de qualquer maneira, dela resultará um cansaço físico, uma instabilidade de caráter para os quais é preciso estar atento.

● Não há razão para surpresa, nesse período, diante da instabilidade de humor, dos impulsos desarrazoados, da desigualdade no trabalho, das alternativas imprevistas entre a alegria ruidosa e a "cara fechada". O adolescente tem a impressão de não ser completamente ele mesmo. Nem sempre compreende o que se passa no seu íntimo. Mais ou menos confusamente, sente que "a coisa vai mal", que é mais forte do que ele... Mas é raro que o aceite. Não aceitará de boa vontade censuras e observações que em geral só conduzirão a torná-lo convicto de que é um incompreendido.

● Os adolescentes procuram amiúde, tímida e desajeitadamente, afirmar a sua personalidade nascente, opondo-se à tradição, ao conformismo, ao julgamento dos adultos. Têm raramente um pensamento pessoal refletido. A prova é que variam com muita facilidade a respeito do mesmo assunto, com alguns dias de intervalo. Mas estão instintivamente contra o que afirmardes. Nem sempre sabem também o que querem exatamente. Pelo menos, querem o que não quíserdes, e sobretudo o contrário do que desejaríeis. Além disso, são dotados nessa época de uma plasticidade artística e artesanal, bem como são capazes de se interessar, ao menos por "pancadas", pelas atividades menos previstas, através das quais buscam interiormente orientação e operam a seleção dos seus gostos e aptidões.

● Nessa idade, imprópriamente, chamada "íngrata", não lhes basta serem amados; não lhes bastam mesmo — o que muito desconcerta as mães — os beijos, os carinhos, as manifestações de afeto familiar, que vão de encontro à sua indiferença, senão hostilidade. O que os adolescentes querem não é apenas ser amados, é eles próprios amarem e escolherem suas amizades, naturalmente, fora de casa.

● Os adolescentes são capazes, ao mesmo tempo, de um egoísmo quase cínico em tudo o que concerne ao quadro fami-

liar, e de um devotamento esplêndido, lá fora, aos pobres, por um ideal, por um movimento político ou religioso.

● É a época por excelência em que convém orientá-los, sem imposição, para um movimento de juventude. O devotamento com o qual se consagrarão a ele é talvez o que haja de melhor para ajudá-los a atravessar esse período de crise e a reencontrar o equilíbrio em melhores condições. Entregando-se é que se equilibram.

● Para as meninas é a idade das "flamas" por um professor, por uma monitora de grupo. Se o objeto da "flama" é alguém que seja digno e equilibrado, não há motivo para inquietações; a coisa passará por si mesma.

● Se a evasão do quadro familiar não se efetuar num movimento de juventude, o adolescente corre o risco de se desviar para uma outra espécie de fuga que não deixa de apresentar perigo: a do sonho e da imaginação. É a idade por excelência do romantismo e do romanesco.

● Não vos espanteis de que, nessa época, vosso filho não goste de sair em vossa companhia. O importante — mas esse ponto é essencial — é que o melo das suas distrações e lazeres seja moralmente são. Aqui ainda intervém a escolha do movimento de juventude que melhor corresponder às suas necessidades e aspirações.

Essas crianças grandes são capazes de se entusiasmar tanto pelas coisas altas e belas como por insignificâncias. Não deveis zombar delas por isso: são suscetíveis porque são sensíveis. Não procureis adivinhar o que se passa na cabeça de um adolescente: eles se cercam de sombras, fecham-se em si mesmos cada vez mais. São muito ciosos de sua autonomia, de sua independência; suas personalidadezinhas se erguem; são, afinal, rapazinhos e mocinhas, não gostam de ser vigiados.

Esta última palavra me faz lembrar a distinção um tanto sutil, mas como quer que seja bem fundada, que um dia se estabeleceu entre as duas traduções do mesmo termo grego "episkopein" de onde se origina a palavra arcebispo: um acompanha literalmente os elementos da composição do verbo grego e resulta em "vigiar"; a outra, que inverte por assim dizer a ordem dos fatores, dá "zelar".¹ Vê-se desde logo o matiz. Um pai não "vigiará" o filho crescido que lhe inspira

¹ N. do T.: A inversão da ordem dos fatores aludida no texto original francês é difícil de reproduzir: trata-se da distinção entre "surveiller" e "veiller sur".

confiança, mas "zelará" por ele, a fim de que não faça tolices; zelará para fazê-lo aproveitar lódas as ocasiões de mostrar seus talentos e suas qualidades.²

● Oferecei aos vossos filhos adolescentes a oportunidade de contribuir ativamente para as decisões comuns concernentes à casa. Será um meio de reduzir de forma razoável a tentação exagerada de fuga do ambiente familiar.

A experiência mostra que os meninos crescidos, com voz de capítulo nos setores domésticos, alimentar, recreativo, radiofônico, etc..., no seio da família, procuram um pouco menos do que os outros exercer a liberdade lá fora.

● Sobretudo diante das manifestações de independência, de evasão, de oposição demonstradas pelos vossos filhos ou filhas adolescentes, nada de dramatizações; não façais grandes cenas, nada de lágrimas nem de censuras... ainda menos de violências.

● Maia do que nunca, nessa idade, deveis saber persuadir e não coagir. Quando quiserdes obter qualquer coisa apelaí para os móveis mais elevados, sem vos apoiardes demasiado em motivos exclusivamente utilitários. A despeito das aparências, os adolescentes estão na idade dos idealismos desinteressados. É a idade também da poesia quando se fazem versos a propósitos de tudo.

● De um modo geral, evitai as zombarias, mostrai-vos compreensivos e, melhor ainda, fazei com que os vossos filhos sintam que são compreendidos por vós. Guardareis assim para com élea a autoridade moral de que tanto necessitam sem o confessarem, e os ajudareis a canalizar para o bom senso as fôrças novas e magníficas que os encaminham para a idade adulta.

● Tranquilizai-vos. Esses anos difíceis passarão. Se vossos filhos tiverem o sentimento de que vós os amais por eles mesmos, que não somente não quereis impedi-los de crescer, como desejais estimulá-los a se tornarem personalidades, homens e mulheres dignos de tal nome, estai certos de que vos guardarão confiança e, uma vez passada a crise, experimentarão a vosso respeito um afeto redobrado.

² MENET, CAILLOT, Elapo do Grenoble. *Lettre Pastorale 1953*.

EVOLUÇÃO DO AMOR DOS PAIS PELOS FILHOS

Não há nada mais belo do que o amor de um pai e de uma mãe pelo filho. Mas, até que ponto se perceberá que esse amor é uma planta delicada que, para não perturbar o desenvolvimento e o legítimo desabrochar da criança, deve saber evoluir nas suas manifestações e nas suas exigências? São poucos os pais que compreendem essa evolução, donde a origem de uma série de conflitos afetivos, mais ou menos latentes, que com tanta frequência desconcertam os pais mais dedicados e as mais ternas mães.

● Queira-se ou não, o sacrifício será sempre a autêntica marca de um verdadeiro amor. *Não há maior prova de amor do que sacrificar-nos pelos que amamos.*

● Sobretudo a mãe deve exceder-se para chegar a compreender a evolução das relações que deve manter com o filho. Durante nove meses, foi todo dela, dependia inteiramente dela, uma vez que por ela respirava e nela se alimentava. Dado à luz, nos primeiros meses, esse filho era ainda um serzinho dependente. Se a própria mãe o alimentava — como é tão desejável — era ainda um pouco do seu sangue que lhe dava no leite. E o pequeno ser frágil só podia encontrar abrigo e proteção nos braços de sua mamãe.

Depois, pouco a pouco, o filho cresce. Fazendo a aprendizagem de sua liberdade, faz também a de sua independência. Durante os primeiros anos, o filho permanece ainda bem perto da mãe. É ela a sua primeira mestra, sua confidente

providencial, é a ela que êle recorre em quaisquer circunstâncias. Mas, o filho continua a crescer; sua personalidade e sua autonomia se afirmam. E é então que a mãe sente muito bem que êle não é mais de todo o mesmo de outrora. E sem querer, começa a ter saudades dos anos em que êle era pequenino, em que vinha aconchegar-se no seu colo, em que o apertava contra o peito...

● O filho tornou-se um rapaz, uma moça. Contra a vontade, a mãe não quer reconhecer que a forma de sua autoridade deve evoluir. Não podendo dar ordens como outrora, surpreende-se dizendo para si mesma: "Ah! como êle era bonzinho quando era pequeno!" E por uma espécie de choque retardado dos dias que passaram, recomeça a fazer recomendações como se o filho continuasse a ter oito anos.

Certas mães acreditam mesmo ter como que um direito estrito ao amor exclusivo do filho. Levá-lo-ão talvez a sacrificar-se por elas com risco de estragar a vida, a menos que não conquiste violentamente sua legítima autonomia, o que não ocorrerá sem mágoa e sofrimento para ambas as partes.

● O amor materno não deve ser o único fator da vitalidade do filho. É preciso que, longe da mãe, mesmo que sofra um pouco a separação, êle seja ainda capaz de viver. Tudo indica ser útil, desde os primeiros anos, que a mãe saiba afastar-se dêle, às vezes, e confiá-lo por algum tempo a outras pessoas. Evita-se destarte a fixação demasiado exclusiva no amor e no carinho maternos.

● Se por ocasião do nascimento corta-se o cordão umbilical entre a mãe e o bebê, a fim de permitir-lhe a vida independente, as mães devem aprender com mais fortes razões a cortar progressivamente, no devido tempo, o "cordão" invisível, mas quão mais resistente, que as prende afetivamente e de um modo todo especial aos filhos. Não é que se trate da destruição sistemática do amor materno e filial, mas ao contrário de uma evolução de forma, de uma adaptação às circunstâncias de vida de um amor que liberta ao invés de aprisionar.

● O amor maternal, sufocando os filhos no momento em que eles mais precisam de ser impelidos para fora do ninho, faz pensar nas árvores que se plantam para proteger uma casa do sol excessivo: acabam por crescer e prosperar de tal modo que se torna necessário podar-lhes os ramos, caso não se queira morrer abafado dentro de casa e definhando na obscuridade.

● É comum que uma mãe não preste atenção ao mal extremo que pode causar à filha, e, sobretudo, ao filho, aprisionando-os em laços afetivos demasiadamente estreitos.

O filho pequeno precisa quase fisicamente de uma considerável presença materna; mas, à medida que cresce, deve a mãe saber, sem que para isso rompa o mútuo amor, libertá-lo progressiva e insensivelmente para fazê-lo deslizar no declive que o conduzirá à sua independência afetiva e intelectual.¹

A mãe apresenta em relação ao filho uma complicação de outra ordem: sabe instintivamente que graças ao caráter viril que se desenvolve, o filho vai escapar de todo à sua influência propriamente maternal. Teme perdê-lo, vê-lo sair do seu círculo de influência, e assume, então, uma atitude que se pode chamar de castrativa: procura por todos os meios, sem que isso se aperceba, opor-se à virilização do seu menino. Todos os meios são bons: não apenas todas as interdições que mantenham o adolescente numa vida infantil, como também todas as sugestões que deixem no seu espírito a impressão de que não é ainda um homem e que por muito tempo permanecerá uma criança.

A coisa se complica com o fato de que o próprio adolescente nem sempre é firme em seu desejo evolutivo, resistindo por si mesma a essa evolução psíquica da puberdade, recusando-se a abandonar as vantagens da fase infantil em benefício de outra cujo interesse ainda ignora.

É aí que vemos meninos de modos um tanto efeminados dar mostras às mães de uma gentileza extraordinária, prodigalizando-lhes múltiplas atenções em detrimento da evolução que devia estar a caminho de produzir-se.

Não se imagina a frequência dessa situação que amávida passa de todo despercebida, caso não seja objeto de uma investigação clarividente precisa.

1 Dr. ARTHUR, *Un Monde inconnu: nos Enfants*, pag. 70.

A oposição da mãe à prática dos esportes ou do escolismo, às camaradagens francas, às férias longo da família, às leituras suscetíveis de desenvolver a mentalidade e, por vezes mesmo, ao verdadeiro potencial de trabalho do filho, constituem alguns dos aspectos dessa oposição de base castrativa.²

● Basta quase sempre explicar às mães a origem desses conflitos afetivos para reconduzi-las ao verdadeiro senso maternal que deve buscar o interesse dos filhos, e nada mais do que isso.

Muitas mães, a pretexto de desejarem complementar perfeitamente a educação dos filhos nesse delicado período de puberdade, os submergem sob uma torrente de recomendações, ordens, objurgatórias que acabam por exasperar o jovem. A multiplicidade das observações o desensibiliza em relação à mãe: dá-lhe as costas, deixa passar as tempestades e se refugia numa surdez psíquica que apenas lhe permite não ficar completamente embrutecido.

É preciso admitir na sensibilidade infantil um mínimo de independência sem a qual a personalidade corre o risco de comprometer-se. É esse mínimo de independência que permitirá mais tarde à criança afirmar-se e desprender-se da família. É erro frequente dos pais acreditar que o filho se desprenderá bem e muito cedo do ambiente familiar. Se os educadores não o preparam a transpor as dificuldades afetivas desse desligamento, o menino pode permanecer dependente dos afores que constituem o seu meio íntimo, daí as tendências tão desenvolvidas em nossa época, e que constituem a persistência das tendências infantis: é pelo grau de altruísmo, quer dizer, pelo desligamento dos primeiros interesses, que se mede o grau do desenvolvimento afetivo de um indivíduo. É a colaboração firme e afetiva por parte dos pais que, desde cedo, deve pôr-se no plano afetivo, e em seguida, gradativamente, no plano intelectual, permitirá que a criança se afirme e se destaque como personalidade.

É essa colaboração compreensiva e firme que lhe dará bastante confiança em si mesmo para que ouse sentir e pensar por si, para amar e detestar livremente, quando fôr preciso. Ainda aqui muitos pais desejam que o filho seja, não éle próprio, mas o que sonharam que fosse. Tendem a impor com demasiado exclusivismo os seus modos de ver e sentir, em vez de favorecerem o desenvolvimento natural do filho. Identificam-no a eles, em vez de procurarem colocá-lo no seu lugar para compreendê-lo e ajudá-lo eficazmente. Querem que ele seja um certo modelo imaginado, esquecendo que ele deve ser o que

2 Idem. pág. 204.

realmente é, o que comporta bastantes dificuldades a transpor para a sensibilidade infantil. É que os pais esquecem a verdade fundamental de que educar filhos é habituá-los a que passem sem nós.³

● Que é a criança senão um homem futuro, um ser espiritual, uma pessoa dotada de uma alma chamada a cumprir um destino pelo uso de sua liberdade? A criança é um valor confiado por Deus às mãos dos pais. A solteirona pode ter um cãozinho de luxo para seu deleite pessoal: os filhos não existem para os pais, os pais é que existem para os filhos. Antes de sair do seio materno, o filho alimentou-se durante nove meses da vida de sua mãe; pela segunda vez, atingida a idade, de homem, deverá sair do lar depois de se ter alimentado de tudo quanto os pais tinham de melhor para lhe transmitir: hábitos, tradições, modos de encarar a vida... A tarefa dos pais, a tarefa maternal, sobretudo, é uma tarefa de desinteressê, de esquecimento de si mesmo: "Não eu e sim êle..."⁴

● O segredo da felicidade para os pais: visar não a realizar os seus próprios sonhos, mas a fazer coincidir seus desejos com o que Deus sonha para o seu filho.

● Se o amor tem por base o esquecimento de si mesmo e o sacrifício, digamos francamente que o sacrifício vale a pena. Porque o filho, tornando-se adulto, guardará tanto mais reconhecimento e afeição para os pais, quanto compreender — sem que se seja obrigado a chamar-lhe a atenção para isso a cada instante — tudo o que deve aos que a êle se dedicaram com desinteressê, sem qualquer procura do bem próprio. Assim vossos filhos, realizando suas vocações pessoais, serão mais tarde vossa recompensa viva.

3 GEORGES MAUCO. "L'Éducation affective de l'Enfant", na revista *Éducation* (maio, 1943).

4 S. DE LESTAPIS, op. cit., in fine.

CONCLUSÃO

No fim de um livro como este, temos o sentimento de não haver dito tudo quanto teríamos a dizer.

Quantas coisas ainda a acrescentar! Mas, quem não sabe conter-se...

Afinal de contas, o que importa é determinar uma atitude geral por parte dos pais que desejam sinceramente preencher a sua *bela missão de amor* a serviço dos filhos.

Não se pode dizer tudo num livro. Não se pode prever tudo com minúcias. Ao menos, que de tudo quanto foi aqui anotado se extraia uma impressão geral que ajude, nesse espírito, os pais e as mães a encontrar as soluções que melhor se adaptem aos casos particulares.

Que os pais, mais uma vez, não se atemorizem com a sua tarefa. Desde que procurem lealmente educar-se a si próprios para educar os filhos; desde que os amem com um amor desinteressado, pouco importa que transgridam, aqui ou ali, essa ou aquela regra, pouco importa que tenham sido, em tal ou qual circunstância, mais ou menos inábeis. O Senhor, que lhe vê a boa vontade, suprir-lhes-á as deficiências. E seus filhos serão a sua alegria eterna e o seu legítimo orgulho.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO NAS OFICINAS DE
ARTES GRÁFICAS BORDI S. A..
NA RUA DO HIPÓCRITO, 63/69,
SÃO PAULO,
PARA A
LIVRARIA AGR EDITORA.
RIO DE JANEIRO,
EM OUTUBRO DE 1964.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>